

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL – ICH/PO

LORRANA LAILA SILVA DE ALMEIDA

“DAÍ PRA CÁ É MEU”:
Territorialidades no contexto da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO

Ituiutaba
2020

LORRANA LAILA SILVA DE ALMEIDA

“DAÍ PRA CÁ É MEU”:

Territorialidades no contexto da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal – Área de Concentração: Produção do espaço e dinâmicas ambientais, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Produção do Espaço Rural e Urbano

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Gomes Enoque

**Ituiutaba
2020**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com
dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

A447 2020	<p>Almeida, Lorrana Laila Silva de, 1991- "Daí prá cá é meu" [recurso eletrônico] : Territorialidades no contexto da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO / Lorrana Laila Silva de Almeida. - 2020.</p> <p>Orientador: Alessandro Gomes Enoque. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Geografia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.417 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Geografia. I. Enoque, Alessandro Gomes, 1975-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Geografia. III. Título.</p> <p>CDU: 910.1</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2: Gizele
Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Pontal

Rua Vinte, 1600, Bloco D, Sala 300 - Bairro Tupã,
Uberlândia-MG, CEP 38304-402 Telefone: (34) 3271-
5305/5306 - www.ppgep.facip.ufu.br - ppgep@ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Geografia do Pontal - PPGEp				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico				
Data:	28 de Abril de 2020	Hora de início:	15:15hs	Hora de encerramento:	17:35hs
Matrícula do Discente:	21812GEO007				
Nome do Discente:	Lorrana Laila Silva de Almeida				
Título do Trabalho:	"Daí prá cá é meu": Territorialidades no conteto da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO				
Área de concentração:	Produção do espaço e Dinâmicas ambientais				
Linha de pesquisa:	Produção do Espaço Rural e Urbano				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Produção do Espaço Rural e Urbano				

Reuniu-se por canal de RNP, Campus Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal assim composta: Professores Doutores: Hélio Carlos Miranda de Oliveira - ICHPO; Luiz Alex Silva Saraiva UFMG e Alessandro Gomes Enoque FACES orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Alessandro Gomes Enoque, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

APROVADA

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alessandro Gomes Enoque, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/04/2020, às 11:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helio Carlos Miranda De Oliveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/04/2020, às 11:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Alex Silva Saraiva, Usuário Externo**, em 29/04/2020, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2015865** e o código CRC **CF6A941C**.

*Assim diz o Senhor: os teus sonhos são meus, teus problemas
são meus, tua vida também é minha. Eu de ti cuidarei, nunca te deixarei, os teus sonhos Eu
realizarei.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é ser grato! Grato pelos sonhos realizados, grato pelas conquistas alcançadas, e grato pela alegria em poder compartilhar nossas vitórias ao lado daqueles que tanto amamos. Por isso, em primeiro lugar, quero agradecer a Deus com todo meu coração, por permitir que eu chegasse até aqui, concluindo mais um clipe tão importante em minha vida. Agradeço a Deus de forma muito especial por todos aqueles que caminharam comigo durante essa jornada, pois o apoio, o incentivo, os abraços e as palavras de fé dessas pessoas tão especiais, me ajudaram sempre a acreditar em mim mesma e a vencer meus próprios desafios.

Agradeço aos meus pais, Otávio e Ivanilde, e ao meu irmão Jackson que estiveram comigo em todos os momentos, principalmente, naqueles em que mais precisei da força e da alegria em tê-los ao meu lado. Agradeço pela compreensão, pela paciência, pelas palavras de força e estímulo, por todas as vezes que me entenderam quando resistia às nossas tão divertidas pescarias nos finais de semana, e até pelos cafezinhos que traziam sempre quando me viam sentada na mesa me dedicando pra chegar à finalização do meu trabalho. Ao meu companheiro Júnior, agradeço pelo apoio nas viagens à Trindade para conclusão da minha pesquisa, e por me compreender nos momentos de estudo, sempre com muito carinho, amor e paciência.

De uma forma muito especial, quero agradecer ao meu orientador Alessandro Gomes Enoque, o qual, mais do que as contribuições e orientações, foi e continua sendo um grande incentivador do meu sonho na docência. Saiba professor, que o admiro muito e que me espelho em você, não apenas pelo profissional responsável, mas pelo ser humano que você é, de caráter, generoso, sincero, e incentivador daqueles que estão ao seu lado, nos fazendo acreditar em nossos próprios sonhos e na nossa capacidade em realiza-los. Tomo aqui a liberdade em dizer que o considero como um pai Alessandro, pois é assim como o tenho em meu coração. Peço que Deus continue sempre abençoando seu caminho, e que nunca falte alegria, luz e muita paz. A você, minha eterna gratidão professor!

Aos meus grandes e verdadeiros amigos, Ana Paula Nogueira, Suellen Oliveira, Laíne Cintra e Vilmar Filho, meus eternos agradecimentos por toda força que me deram nessa caminhada, por todas palavras de fé e força, pelos sorrisos e pelos choros compartilhados. Vocês são presentes de Deus na minha vida!

Finalmente, gostaria de agradecer à Universidade Federal de Uberlândia, por mais essa oportunidade em minha vida. Obrigada por me ajudar a cultivar mais uma semente em meu sonho.

A todos, muito obrigada!

RESUMO

As relações sociais do cotidiano do homem e as investigações que aprofundam nos elementos relacionados ao domínio, controle e poder, tem assumido forte representatividade nos estudos geográficos científicos, uma vez que instiga questionamentos em como os territórios são produzidos a partir das relações sociais que se estabelecem no espaço. As possibilidades dos estudos acerca de territórios, especialmente em contextos festivos religiosos, contribui para a exploração do conceito, considerando que as festas podem ser analisadas como um espaço de produção de disputas e conflitos territoriais. Em adição, o contexto festivo religioso de análise reflete as relações geradas entre os indivíduos e, principalmente, as relações estabelecidas entre comunidades entendidas como agentes políticos que detém certa identidade, controle e domínio sobre o território. A partir do exposto, o presente trabalho tem como tema a territorialidade da Festa do Divino Pai Eterno na cidade de Trindade, Goiás, e a questão norteadora deste estudo é: Como se configura a territorialidade no contexto da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO, a partir das relações estabelecidas entre comerciantes, moradores, poder público e peregrinos? Assim, o objetivo geral deste trabalho consistiu em analisar como se configura a territorialidade no contexto da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO, a partir das relações estabelecidas entre os grupos investigados. Por sua vez, os objetivos específicos compreenderam: a) caracterizar a Festa do Divino Pai Eterno na cidade de Trindade; b) analisar a dimensão religiosa no tocante aos espaços da festa considerados sagrados e profanos na perspectiva dos diversos atores investigados (comerciantes, moradores, poder público e peregrinos); c) investigar os impactos econômicos, políticos e sociais da festa na perspectiva dos indivíduos analisados; e d) caracterizar as peculiaridades que revelam a existência de territórios no contexto festivo de análise, a partir de elementos como domínio, disputas e controle dos espaços. Nessa pesquisa de natureza qualitativa, foram utilizados como instrumentos para coleta dos dados entrevistas estruturadas orientadas por um roteiro contendo perguntas previamente estabelecidas, optando-se pela utilização da técnica análise de conteúdo para a análise dos dados. De forma complementar, foi incluído neste estudo Notas de campo, versando sobre as peculiaridades da festa, em especial aos aspectos territoriais observados durante a investigação. Como resultados, se observa a existência de domínio e disputas territoriais, as quais, são identificadas nas relações estabelecidas entre os grupos presentes no contexto festivo analisado: igreja e comerciantes; igreja e pedintes; comerciantes e pedintes; entre os próprios pedintes; comerciantes e poder público; comerciantes fixos e temporários; poder público e moradores; e moradores e peregrinos. Nesse sentido, a delimitação dos espaços analisados é apontada como o principal elemento que configura a dimensão territorial, sendo a igreja e o poder público considerados como os

detentores do controle, domínio e poder. Por fim, os aspectos relacionados à configuração do território também são identificadas no contexto da peregrinação, sendo observada, principalmente, pela atuação de comerciantes no trajeto da romaria.

Palavras-chave: Festa religiosa; território; peregrinação; religião.

ABSTRACT

The social relations of the daily life of the man and the investigations that deepen in the elements related to the domain, control and power, has assumed strong representation in the scientific geographical studies, since it instigates questions on how territories are produced from the social relations that are established in space. The possibilities of studies about territories, especially in religious festive contexts, contribute to the exploitation of the concept, considering that the festivals can be analyzed as a space for the production of disputes and territorial conflicts. In addition, the religious festive context of analysis reflects the relationships generated between individuals and, mainly, the relationships established between communities understood as political agents that have a certain identity, control and dominion over the territory. From the above, the present work has as its theme the territoriality of the Feast of the Divine Eternal Father in the city of Trinity, Goiás, and the guiding question of this study is: How is the territoriality configured in the context of the Divine Trinity FatherGO, from the relations established between merchants, residents, public power and pilgrims? Thus, the general objective of this work was to analyze how the territoriality is configured in the context of the Divine Father Party in the GO-Trinity, based on the relations established between the investigated groups. In turn, the specific objectives understood: a) to characterize the Feast of the Divine Eternal Father in the city of Trinity; b) to analyze the religious dimension regarding the spaces of the feast considered sacred and profane from the perspective of the various actors investigated (merchants, residents, government and pilgrims); c) to investigate the economic, political and social impacts of the festival from the perspective of the individuals analyzed; and d) to characterize the peculiarities that reveal the existence of territories in the festive context of analysis, from elements such as domination, disputes and control of spaces. In this qualitative research, structured interviews guided by a script containing previously established questions were used as tools to collect the data, opting for the use of technical content analysis for data analysis. Additionally, field notes were included in this study, focusing on the peculiarities of the party, especially the territorial aspects observed during the investigation. As a result, the existence of domain and territorial disputes, which are identified in the relations established between the groups present in the analyzed festive context: church and merchants; church and beggars; merchants and beggars; among the beggars themselves; merchants and public power; fixed and temporary traders; public power and residents; and residents and pilgrims. In this sense, the delimitation of the analyzed spaces is pointed out as the main element that configures the territorial dimension, and the church and the public power are considered as the holders of control, dominion and power. Finally, the

aspects related to the configuration of the territory are also identified in the context of the pilgrimage, being observed, mainly, by the traders in the path of the pilgrimage.

Keywords: Religious celebration; territory; pilgrimage; religion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1: Medalhão de barro encontrado pelos lavradores representando a Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria	29
Figura 2: Santuário Basílica do Divino Pai Eterno	33
Figura 3: Igreja Matriz do Divino Pai Eterno	33
Figura 4: Igreja Matriz do Divino Pai Eterno – altar em madeira	33
Figura 5: Igreja do Santíssimo Redentor	34
Figura 6: Capela do Cruzeiro	35
Figura 7: Romaria dos Carros de Boi	35
Figura 8: Santuário Basílica do Divino Pai Eterno	149
Figura 9: Missa de encerramento da Festa do Divino Pai Eterno	149
Figura 10: Desfile dos Carros de Boi	149
Figura 11: Desfile dos Cavaleiros e Muladeiros em Trindade	150
Figura 12: Vila São Cottolengo – Centro Especializado em Reabilitação Física, Auditiva e Intelectual	150
Figura 13: Vila São Cottolengo	150
Figura 14: Carreilódromo de Trindade	151
Figura 15: Carreilódromo de Trindade	151
Figura 16: Carreilódromo de Trindade	152
Figura 17: Cartaz de divulgação dos shows no Carreilódromo de Trindade durante a Festa em louvor ao Divino Pai Eterno 2019	152
Figura 18 – Santuário Basílica do Divino Pai Eterno (Julho de 2019) – Festa em louvor ao Divino Pai Eterno	153
Figura 19 – Santuário Basílica do Divino Pai Eterno (Julho de 2019) – Festa em louvor ao Divino Pai Eterno.....	153
Figura 20 – Comércio em torno do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno (Julho de 2019) – Festa em louvor ao Divino Pai Eterno	153

Figura 21 – Rua em Trindade (Julho de 2019) – Festa em louvor ao Divino Pai Eterno	154
Figura 22 – Chegada dos peregrinos à cidade de Trindade (Julho de 2019)	154
Figura 23 – Lojinhas do Santuário – Sala 1	154
Figura 24 – Lojinhas do Santuário – Sala 2	155
Figura 25 – Lojinhas do Santuário – Sala 3	155
Figura 26 – Lojinhas do Santuário	156
Figura 27 – Lojinhas do Santuário	156
Figura 28 – Portal dos Romeiros - saída de Goiânia com destino à cidade de Trindade – GO-060 (Julho de 2019)	157
Figura 29 – Via-Sacra no trajeto da peregrinação (Julho de 2019)	157
Figura 30 – Romeiros no trajeto da peregrinação (Julho de 2019)	158
Figura 31 – Via-Sacra no trajeto da peregrinação (Julho de 2019)	158
Figura 32 – Via-Sacra no trajeto da peregrinação (Julho de 2019)	159
Figura 33 – Ponto de apoio aos Romeiros no trajeto da peregrinação (Julho de 2019)	159
Figura 34 – Chegada dos romeiros na cidade de Trindade – Portal de Trindade (Julho/2019)	160
Figura 35 – Imagem do Divino Pai Eterno no Portal de Trindade - Chegada dos romeiros (Julho/2019)	160

Quadros

Quadro 1: Perfil dos respondentes	62
Quadro 2: Programação das atividades do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno	63

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. REFERECIAL TEÓRICO	18
2.1. GEOGRAFIA DA RELIGIÃO, FESTAS E PEREGRINAÇÃO	18
2.1.1. Geografia da religião	18
2.1.2. Festas religiosas católicas	23
2.1.3. Festa e Romaria do Divino Pai Eterno em Trindade-GO: conhecendo as raízes da devoção	28
2.1.4. Peregrinação	37
2.2. TERRITÓRIO E SUAS ABORDAGENS	39
2.2.1. Território no âmbito geográfico	39
2.2.2. Estudos do território em festas populares e festas religiosas brasileiras	52
2.2.3. As festas: território de mercantilização	58
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	60
4. ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	63
4.1. Caracterização da festa: historicidade e tradição, estrutura (higiene e segurança), a festa como fator de desenvolvimento da cidade, aspectos territoriais	63
4.2. Comércio festivo e não festivo: diferenças e características, aspectos territoriais	80
4.3. O caminho da peregrinação: caracterização	93
4.4. Sacralidade e profanidade	99
4.5. A Mendicância	105
4.6. Território e disputas territoriais	108
4.7. Notas de campo	114
4.7.1. Período analisado: Abril de 2019 (antecedente à semana de realização da festa)	114
4.7.2. Período analisado: Junho e Julho de 2019 (referente à semana de realização da Festa em honra ao Divino Pai Eterno)	115
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICES	137
A. Roteiro de Entrevista (Poder público)	137
B. Roteiro de Entrevista (Comerciantes)	139
C. Roteiro de Entrevista (Moradores)	142
D. Roteiro de Entrevista (Peregrinos)	144

ANEXOS	149
---------------------	------------

1. INTRODUÇÃO

O escopo religioso de análise tem alcançado forte representatividade no contexto acadêmico científico, e essa amplitude de discussões permeiam a abordagem cultural na geografia, principalmente no tocante à religião, emergindo em contribuições que possibilitam compreender vários fenômenos religiosos em sua totalidade, envolvendo espaços sociais, culturais, políticos e econômicos, e deliberando, assim, uma pluralidade de novas descobertas, como a forma de atuação dos indivíduos nesse contexto de religiosidade, as estruturas espaciais formadas a partir da conduta desses sujeitos, e as paisagens que se formam por meio das práticas religiosas (ROSENDAHL, 1995; ROSENDAHL, 2003; ROSENDAHL, 2008; PEREIRA, 2013; CRUZ, 2018; SILVA, 2019).

Os aspectos espirituais e religiosos são elementos que estão presentes na vida dos homens na terra, e são observados a partir das crenças, experiências, e também pela criação de cada indivíduo, e, assim, é importante que a geografia busque uma compreensão mais ampla dessa dimensão espacial (SOUZA, 2015). Dessa forma, a Geografia da Religião compreende os estudos que partem de uma base reflexiva em sua dimensão espacial acerca das manifestações religiosas, apresentando a importância e a relação existente do enfoque religioso no espaço social para o campo geográfico (SANTOS, 2002; SOUSA, 2011; PEREIRA, 2013).

Por sua vez, um dos fenômenos que envolvem este escopo espacial são as peregrinações, entendidas como elementos de análise geográfica que desencadeiam uma densa relação entre espaços, tempos e pessoas, originando simbologias e significações. Cabe salientar, ainda, que o ato de peregrinar possui como uma das principais reflexões no contexto geográfico, a busca pelo entendimento do espaço sagrado, o qual, é alcançado a partir do caminho que é realizado pelos indivíduos a pé até a chegada no local de destinação – o cumprimento da jornada. Nesse contexto, o trajeto é marcado por várias situações e experimentações físicas e simbólicas, como o sacrifício do corpo ao ter que enfrentar sol, vento e chuva, as dores resultantes da intensa caminhada, as emoções que emergem ao longo do trajeto, e as diversas interações que se formam com outras pessoas que realizam a caminhada compartilhando do mesmo objetivo: peregrinar em devoção (SOUZA, 2015; SOUZA, 2018).

Nessa totalidade, outro elemento que se encontra relacionado aos estudos da peregrinação consiste na abordagem das festas religiosas, consideradas expressivas para o desenvolvimento de trabalhos no âmbito da geografia cultural, tendo em vista que demonstram amplas significações, principalmente no tocante à cultura (SILVA; D'ABADIA, 2014). Com destaque para as festas religiosas católicas, compreender como acontecem essas manifestações,

o que as caracterizam e de que forma elas se perpetuam ao longo do tempo, leva a uma reflexão da relação entre espaço e religião, a partir de uma abordagem geográfica que possibilita identificar a amplitude desta temática por meio da investigação de suas características e análise. Além disso, cabe ressaltar, ainda, que a abordagem religiosa suscita reflexões sobre as vivências dos indivíduos na constituição dos espaços, os quais, possuem duas dimensões fundamentais de interpretação: a abordagem do espaço enquanto sagrado e/ou profano (ROSENDAHL, 2012; CORRÊA; ALVES, 2016).

Assim posto, estudos que envolvem festas religiosas tem assumido grande destaque no contexto geográfico e, de forma peculiar, uma das categorias de análise geográfica explorada nesse escopo de investigação é a abordagem do território.

Considerado como uma categoria de análise geográfica de ampla relevância, o território, assim como as categorias espaço, região, paisagem e lugar, tem apresentado, ao longo do tempo, diversas abordagens que buscaram aclarar a concepção, trazendo vários entendimentos e instigando pesquisadores à redefinição de conceitos, resultando na valorização de múltiplos aspectos para a interpretação de fenômenos geográficos contemporâneos. Tomando como embasamento as proposições acerca de território apresentadas por Raffestin (1993), o território é definido como uma produção a partir do espaço, deliberando relações que instituem um campo de poder. Logo,

Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Nessa conjuntura, as relações sociais do cotidiano do homem e as investigações que aprofundam nos elementos relacionados ao domínio, controle e poder, tem assumido forte representatividade nos estudos geográficos científicos, uma vez que instiga questionamentos em como os territórios são produzidos a partir das relações sociais que se estabelecem no espaço (FLORES, 2006; ROCHA, 2008; MELO, 2010; FERREIRA, 2014; FUINI; MELO, 2017; STURMER; COSTA, 2017).

De forma complementar, as possibilidades dos estudos acerca de territórios, especialmente em contextos festivos religiosos, contribui para a exploração do conceito, considerando que as festas podem ser analisadas não apenas com o enfoque de exploração dos espaços e tempos de celebrações, mas, também, como um espaço de produção de disputas e conflitos territoriais (SANFILIPPO, 2018; LIMA FILHO; CARDOSO; ALENCAR, 2018). Em adição, o contexto festivo religioso de análise reflete as relações geradas entre os indivíduos e,

principalmente, as relações estabelecidas entre comunidades entendidas como agentes políticos que detêm certa identidade, controle e domínio sobre o território. Assim, é possível dizer que

Nas territorialidades festivas (...) é onde o *poder* se manifesta resultante de dois polos que se fazem face a face, ou que estejam em discordância, criando, assim o campo do poder que é definido como uma combinação de energia e informação, visando o controle e a dominação da situação (CORRÊA; ALVES, 2016, p. 277).

A partir do exposto, o presente trabalho tem como tema a territorialidade da Festa do Divino Pai Eterno na cidade de Trindade, Goiás. Visando expandir os estudos acerca da temática no Brasil e aprofundar tal tema de pesquisa, embora corresponda a uma temática relevante por outros autores (Barros; Nascimento Neto, 2011; Corrêa; Alves, 2016; Canal, 2018; Rafael, 2018; Sanfilippo, 2018), se destaca a escassez de estudos sobre território na festa em análise, realidade que justifica a importância dessa pesquisa. Assim posto, a questão que norteia este estudo é: **Como se configura a territorialidade no contexto da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO, a partir das relações estabelecidas entre comerciantes, moradores, poder público e peregrinos?**

Nesse sentido, para responder ao problema de pesquisa, o objetivo geral deste trabalho consistiu em analisar como se configura a territorialidade no contexto da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO, a partir das relações estabelecidas entre comerciantes, moradores, poder público e peregrinos. Por sua vez, para atender ao objetivo geral do estudo, os objetivos específicos compreenderam: a) caracterizar a Festa do Divino Pai Eterno na cidade de Trindade; b) analisar a dimensão religiosa no tocante aos espaços da festa considerados sagrados e profanos na perspectiva dos diversos atores investigados (comerciantes, moradores, poder público e peregrinos); c) investigar os impactos econômicos, políticos e sociais da festa na perspectiva dos indivíduos analisados; e d) caracterizar as peculiaridades que revelam a existência de territórios no contexto festivo de análise, a partir de elementos como domínio, disputas e controle dos espaços.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. GEOGRAFIA DA RELIGIÃO, FESTAS E PEREGRINAÇÃO

2.1.1. Geografia da Religião

A análise das manifestações no espaço provocados pelo homem é algo que tem cada vez mais instigado geógrafos e, nesse sentido, a Geografia da Religião tem como um de seus enfoques a investigação do componente religioso como fenômeno dotado de significação, cultura e simbologia, que influencia e corrobora na modificação do espaço, considerando que

“(...) o aspecto específico religioso-geográfico abrange a meta-disciplinaridade, isto é, o processo dialético que enfatiza a ligação entre os vários componentes da religião.” (ROSENDAHL, 1996, p. 16).

Em conformidade com o exposto, a Geografia da Religião engloba a análise das religiões no contexto espacial, sendo compreendida como um resultado da prática humana e um conjunto de expressões da cultura religiosa que culmina em uma junção de motivações presentes na paisagem (KOZEL; SILVA; GIL FILHO, 2007). Nesse aspecto, a análise da religião no campo geográfico constitui uma importante abordagem que relaciona o espaço religioso com o espaço social (Santos, 2002), tendo como objeto de investigação o fenômeno religioso, dotado de relações objetivas e subjetivas (KOZEL; SILVA; GIL FILHO, 2007).

Apesar da distinção existente entre Geografia e Religião, Pereira (2013) afirma que ambas compreendem saberes que se conectam, permitindo uma análise dos fenômenos religiosos por meio da esfera geográfica. Para o autor, Geografia e Religião

[...] São duas formas de (re)ação no espaço: a religião normatiza alguns procedimentos dos homens em relação ao espaço; e, por sua vez, o conhecimento geográfico proporciona capacidades estratégicas de atuação no espaço. Os espaços de ação de ambas são os sociais, culturais, políticos, econômicos, etc. (PEREIRA, 2013, p. 12).

Dessa forma, quando se analisa a religião a partir de uma base geográfica, essa análise circunda principalmente as manifestações e fenômenos que acontecem no espaço religioso, objetivando compreender como estas influenciam e são influenciadas pelos espaços de ação do homem (sociais, culturais, políticos e econômicos). Assim, se torna evidente a importância da exploração dessa temática no campo geográfico, tendo em vista que suas contribuições possibilitam conhecer a influência desses fenômenos e sua magnitude no espaço.

De acordo com Santos (2002), Sousa (2011) e Pereira (2013), pesquisas acerca da Geografia da religião tem sido desenvolvidas, principalmente, a partir da contribuição de Zeny Rosendahl, proporcionando ampla exploração da temática e, conseqüentemente, maior entendimento do assunto no âmbito acadêmico.

Assim, nas menções de Rosendahl (2008), o entendimento da representação e as simbologias dos grupos emergem nas manifestações materiais e imateriais relacionados à fé e à crença, praticadas por esses grupos. Nesse contexto, sobressaem as abordagens acerca do profano e do sagrado, contribuindo nos estudos geográficos que tem a religião como elemento de análise.

Por sua vez, a partir de uma perspectiva geográfica é possível construir uma análise e repensar teoricamente as dimensões do sagrado e do profano no contexto religioso. Como afirma Rosendahl (1999), a distinção entre as duas dimensões se faz necessária para que se possa compreender as diferenças existentes entre ambas e, assim, possibilitar a construção de qualquer concepção religiosa. Nesse sentido, se torna importante buscar conhecer e entender as implicações que distinguem o sagrado do profano e, para isso, os estudos de Mircea Eliade proporcionam vasta contribuição.

A manifestação do sagrado se dá a partir de uma experiência, uma realidade que difere do que pode ser entendido como experiência natural do indivíduo. O sagrado se mostra quando sua manifestação ocorre com base em elementos e situações que evadem da realidade natural do mundo do homem. Assim, com base nessa concepção, é possível que um objeto qualquer se torne um elemento de consagração, ou seja, um objeto sagrado, em que neste é depositado determinada devoção, fazendo com que o objeto passe a ter representação na vida do homem. O objeto nesse contexto deixa de ser um simples artefato e passa a ser considerado como um elemento sagrado, pois revela algo que está além da vida natural. Tais afirmações se tornam evidentes quando, por exemplo, imagens em gesso se tornam elementos de representação e consagração, pois ali são depositadas as crenças, a fé e a esperança de devotos e fiéis de determinada religião (ELIADE, 1992).

Cabe destacar que, nesse contexto, apesar da distinção existente entre sagrado e profano, ambos possuem certa ligação. Por sua vez, essa relação se faz presente quando a manifestação de uma realidade não pertencente ao mundo dos homens só é possível acontecer mediante a utilização de determinado objeto pertencente ao mundo natural do ser, ou seja, ao mundo profano. Esse cenário corrobora para a possibilidade em determinar um componente como algo sagrado, sendo este mesmo objeto construído a partir de elementos que sejam considerados profanos (ELIADE, 1992). “Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural” (Eliade, 1992, p. 13), ou seja, quem vivencia uma experiência religiosa acende a possibilidade para que a natureza se revele por meio da sacralidade.

Outros ensinamentos acerca desse enfoque procedem dos estudos de Rosendahl (1999), explicitando que o sagrado apresenta uma relação direta com a divindade, e que essa experiência religiosa, ou seja, a experiência do sagrado, remonta a antigos comportamentos individuais ou coletivos da humanidade. Já o profano, cabe elucidar a existência de sua ligação com o sagrado, mas se referem a um espaço desprovido de sacralidade, sendo este espaço

identificado “ao redor” ou “em frente” ao espaço do sagrado, estando presente, por exemplo, no consumo do lazer pelos peregrinos e na prática do comércio de artigos religiosos no contexto religioso, como em festas religiosas católicas.

Ao se abordar as dimensões do sagrado e profano no contexto geográfico, Rosendahl (1999) ainda aponta que a compreensão da noção de espaço sagrado consiste em uma das mais excepcionais dimensões geográficas do conhecimento religioso. Nesse sentido, a exploração dessa temática abarca as indagações de geógrafos que buscam entender como e por que o espaço se define como sagrado.

Em seu livro *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*, Rosendahl (2002) explicita o escopo religioso inserido no espaço, defendendo a existência da relação entre o objeto sagrado com o espaço determinado para a realização dos rituais religiosos. Remetendo à historicidade dessas concepções, a autora apresenta que cada religião doméstica já continha seu espaço no interior da casa considerado como sagrado, e esse espaço era destinado às cerimônias religiosas, as quais eram conduzidas a partir de rituais já estabelecidos. Nessa perspectiva,

(...) em tempos bastante remotos, a religião doméstica definia o objeto sagrado de culto, como também demarcava o espaço sagrado no qual deveria ocorrer o conjunto das práticas religiosas limitadas ao sagrado. Cada família possuía e vivenciava seu espaço sagrado. A idéia de religião associa-se à idéia de sagrado. Ambos contêm muita coisa em comum (...) ambas se manifestam no espaço (ROSENDAHL, 2002, p. 26 e 27).

Corroborando com esta contextualização, a configuração do espaço sagrado pode se dar a partir do envolvimento do indivíduo ao estabelecer uma relação com a divindade. O ato de manifestação do sagrado se faz presente em relação às coisas, objetos e pessoas e, nesse sentido, tudo passa a representar algo munido de sacralidade, e o que é divino passa a ser revelado. Dessa forma, o homem passa a experimentar, vivenciar um sentimento religioso, e começa a adorar algo sagrado contido em um objeto que o faz ser diferente dos outros objetos comuns.

Ao se abordar o homem religioso e o tomando como elemento de investigação, Rosendahl (2002) reforça a existência de uma necessidade que o circunda: a necessidade em ter contato, em vivenciar uma atmosfera tomada do sagrado. Assim, o pensamento religioso do indivíduo e o fato dele pertencer a um mundo repleto de religiosidade e seus valores, corrobora para a qualificação e identificação de espaços considerados díspares de outros. Portanto, surge o espaço sagrado, qualitativamente forte, dotado de poder, delimitado e particularizado (ELIADE, 1992; ROSENDAHL, 2002).

O espaço sagrado se caracteriza como um campo de forças e valores onde o homem religioso experimenta do fenômeno de emergir de sua zona natural, para uma esfera sobrenatural. Nesse aspecto, a simbologia, os mitos e os ritos exercem um papel primordial nessa conjuntura, pois é por meio deles que o sagrado assume sua posição de mediador entre o ser (homem) e a divindade (ELIADE, 1992). Esse

(...) fenômeno da construção do espaço sagrado implica num comportamento religioso de conquista e ocupação de algo que não é “nosso”. A estrutura do espaço sagrado implica também a idéia da repetição da hierofania primordial que consagra o espaço e, assim, transfigura-o, singulariza-o e isola-o do espaço profano (ROSENDAHL, 2002, p. 31).

Outro ensinamento proposto por Rosendahl (2002), atenta sobre a vinculação do espaço sagrado e o espaço profano a um espaço social. É ressaltada a existência de uma ordem de distribuição do espaço, e nessa distribuição o sagrado se limita, tornando possível o profano. O homem, por sua vez, ao criar os espaços sagrados, materializa nestes seus sentimentos, imagens e pensamentos. Até porque, se infere que os espaços sagrados são definidos com base no poder da mente, a qual percorre muito além do que é percebido pelo mundo material.

A partir do exposto, o que se revela corrobora um entendimento em que a abordagem do sagrado e profano são elementos que fazem parte da vida do homem e que ambos assumem um papel primordial e significativo na maneira do indivíduo lidar e atuar no mundo.

Quanto à construção do espaço sagrado, se percebe que este se solidifica por meio da simbologia que representa na vida do ser. Assim, o espaço sagrado emerge como um elemento de possibilidade em adentrar a um mundo sobrenatural, em que o homem vivencia manifestações, fenômenos e experiências, que até então não poderiam ser vivenciadas no espaço profano.

Em adição, a análise dos dois elementos – sagrado e profano – pode ser realizada a partir do estudo de determinadas manifestações religiosas, como é o caso das festas religiosas católicas, tendo em vista que ambos elementos emergem por meio dos ritos, simbologias, significação, valores, e revelação do divino, presentes no ato dessas manifestações. No Brasil, a realização de festas populares acontece de forma assídua, e, nesse sentido, as festas religiosas católicas assumem considerável posição ao retratarem a religiosidade de forma tão marcante na cultura de um povo.

Nas concepções de Ferreti (2007), a sociedade e a cultura constituem duas conjunturas que exercem influência na religião. Quando se aborda as festas religiosas, se infere que estas podem ser entendidas como um elemento base que leva à compreensão do simbolismo e da

mentalidade popular. Nesse contexto, é possível compreender que estas manifestações passam a representar a cultura, a vida de uma sociedade.

Em festas religiosas católicas, a dimensão do sagrado e o profano se fazem presentes, e essa significação corrobora uma análise que possibilita entender de que forma estas concepções – sagrado e profano – são praticados e identificados no contexto das festas.

Essa análise, por sua vez, abarca a contextualização e significação da Igreja, a participação dos fiéis e peregrinos da religião católica, as crenças, os ritos, a comercialização de artigos religiosos, enfim, é tomado como análise todo o espaço social que delimita as duas dimensões, contribuindo para a disseminação desse conhecimento e corroborando no campo da Geografia da Religião e também da Geografia Cultural.

Ao se referir ao espaço religioso brasileiro, este é caracterizado pela pluralidade e dinamicidade existente das religiões, e nele estão presentes “[...] os atores, a tecnologia, a produção, o consumo, a razão e a emoção, a política e o poder sobre ou em torno da fé ou crença religiosa da população de um determinado território” (SANTOS, 2002, p. 26). Nesse sentido, é possível observar a relevância de se investigar religião a partir do escopo geográfico, tendo em vista que seu papel e influência refletem diretamente na dinâmica social e espacial de determinado contexto a ser analisado.

Quando se aborda a questão da religião, se infere que esta pode ser entendida como um sistema cultural factível de ser analisada por meio de elementos que contém simbologias e dotados de significados. Nessa perspectiva, Sousa (2011) em conformidade com Pereira (2013), ainda defende que a religião pode relacionar aspectos culturais, econômicos e políticos, corroborando para uma duplicidade de análise. Dessa forma, a religião passa a ser parte do universo simbólico do qual o homem faz parte, dotado de significados e intimamente intrínseco da experiência humana (KOZEL; SILVA; GIL FILHO, 2007).

A partir do contexto apresentado, se percebe que os aspectos religiosos se encontram relacionados às vivências e experiências do homem, sendo retratado na vida do indivíduo e nos espaços de manifestação da religiosidade. De forma complementar, as festas religiosas católicas são entendidas como uma dessas formas de manifestação, produzindo significações e representatividade no contexto religioso espacial.

2.1.2. Festas Religiosas Católicas

Para instigar uma discussão acerca de festas religiosas católicas, se torna importante resgatar inicialmente uma definição do que pode ser entendido como festa. Ao explorar a

temática, Durkheim (1996) apresenta uma definição elencando festa e religião, descrevendo características e elementos que representam a conjuntura de festividade.

(...) toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. (...) Pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital etc. Enfatiza-se frequentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito (DURKHEIM, 1996, p. 542).

Como pode ser observado no exposto, seguindo o pensamento durkheimiano, é possível traçar uma compreensão de festa como um fenômeno relacionado à interação e união das pessoas, e que tem um conjunto de características que englobam o contexto festivo, como as manifestações que se originam: a musicalidade e a utilização e entrega do corpo na realização dos movimentos característicos do contexto (ROSA, 2001).

Por sua vez, este pensamento é compartilhado nas menções de Itani (2003), a qual apresenta a festa como sendo um fato social, histórico e político, constituída de elementos que fazem daquele momento um ato festivo, com a utilização de um espaço destinado à celebração, à dança, às brincadeiras e à música, e ainda defende que é nesse espaço em que emergem a significação e a integração, elementos que são passados por meio das tradições e gerações (ROSA, 2001). Assim, a festa é onde

(...) Celebra a vida e a criação do mundo. Constitui o espaço de produção dos discursos e dos significados e, por isso, também dessa criação na qual as comunidades partilham experiências coletivas. Ela representa (...) o momento da experiência prazerosa dessa vivência coletiva. A produção da festividade é (...) a composição de momentos do brincar com a experiência do ritual da memória coletiva, da vivência com o passado e o presente, com a cerimônia e com as brincadeiras. Produzir a festa é também aprender. (...) Ela está presente nos costumes de vários povos, como manifestações populares, transmitidas e transformadas de geração a geração ao longo dos séculos. (...) A festa em si é uma ação de simbolização, na qual é representado um evento ou uma figura revestida de importância para a coletividade festeira. Nela se incluem tanto os ritos, as celebrações sagradas ou religiosas, como as comemorações políticas, eventos realizados com danças, músicas, brincadeiras, comidas e jogos. Compreender a festa requer, nesse sentido, ver e sentir as representações e imagens materiais e mentais que a envolvem. A festa é essencialmente rito (ITANI, 2003, p. 7-13).

Dessa forma, a festa é apresentada como um ritual onde o principal elemento que a descreve é o próprio ato da celebração, munido de expressões, do lúdico, de sentimentos e manifestações que emergem ao momento de sua realização e prática (ROSA, 2001). É nesse contexto, que a temática sobre festas populares ganha proporção, disseminando conhecimentos que permitem compreender a amplitude desse fato social, a partir da exploração desse fenômeno, com destaque especial para a abordagem do escopo religioso.

Muito difundida nas Ciências Humanas e Sociais, a temática sobre festas populares tem alcançado cada vez mais espaço, estando presente nos estudos acerca da Geografia Cultural (Terra, 2010; Oliveira; Cavalcante, 2012; Trigueiro, 2015; Marques; Brandão, 2015), especificamente aqueles voltados à Geografia da Religião, em que a exploração do contexto religioso enfatiza o tempo e os espaços que se desenvolvem a partir da ocorrência de tais manifestações (SARAIVA; SILVA, 2004; MACENA, 2010; OLIVEIRA, 2011; BARROS; NASCIMENTO NETO, 2011; BELO, 2017; CARVALHO, 2018).

De acordo com Ferreti (2007), a cultura popular se evidencia muitas vezes por meio das festas religiosas. Estas festividades exteriorizam momentos específicos para o cumprimento de promessas, além de caracterizar ocasiões de lazer, propiciando estreitamento nas relações que se formam e contribuindo, assim, na formação de laços de solidariedade. Ainda de acordo com o referido autor,

A festa religiosa ocorre em determinados momentos do calendário da comunidade e se repete periodicamente. Constitui oportunidade para expressar a capacidade de organização, a criatividade popular, a devoção, o lazer e para se constatar o sincretismo religioso. Nas festas a comunidade se revitaliza, se recreia, se encontra e se vê como um todo (FERRETI, 2007, p. 2).

Em conformidade com o exposto, Rosendahl (1999) aponta que as festas religiosas, as procissões e romarias se constituem nas manifestações mais esplêndidas da religião popular e, por isso, merecem atenção na exploração e estudo dessas práticas em virtude de sua relevância e dimensão, tendo em vista que estes acontecimentos envolvem participação considerável de pessoas, além de evidenciar os costumes e as tradições religiosas perpassadas ao longo do tempo.

Em adição, Reis (2009, p. 179) expõe que “Para a Geografia, esses fenômenos sociais podem ser interessantes porque todos os fatos já relatados acontecem num espaço, no caso um espaço de representação social com a presença de símbolos e signos.”. Dessa forma, ao se analisar esse espaço, o mesmo comporta valores que o indivíduo religioso considera distinto de seus espaços do cotidiano, ou seja, para o homem religioso, não se trata de um espaço qualquer, mas de um espaço munido de representatividade.

Nas menções de Silva e Barroso (2015), as formas de celebrações e manifestações religiosas sempre fizeram parte da vida das pessoas, desde a antiguidade, sendo passadas de geração para geração, se perpetuando ao longo dos anos e corroborando para a continuação da própria tradição religiosa.

De forma geral, as festas religiosas abarcam as simbologias, os significados e a representação na vida dos indivíduos. E, nesse contexto, cabe inferir que a realização dessas festas muitas vezes reflete um movimento de resistência ou protesto social, como apontado por Rosendahl (1999) em referência às festividades ao Padre Cícero no Juazeiro do Norte. Para a autora,

O contexto socioeconômico em que ocorreu o movimento religioso em torno da figura do Padre Cícero revela o sertão do Nordeste empobrecido pela decadência da produção açucareira, pela exploração dos camponeses pelos grandes proprietários rurais e pela ocorrência de secas (ROSENDAHL, 1999, p. 36).

Nesse sentido, se entende que a realização das festas religiosas abarca não apenas a questão religiosa enquanto divindade a ser celebrada, mas pode, também, representar uma forma de revelar um contexto de lutas e ideais. Por sua vez, essa representatividade passa a fazer parte da cultura dos indivíduos, sendo passada de gerações para gerações na forma de tradições, como é o caso da Festa da Congada. Nesse contexto, a festa é condicionada a uma forma de representação de resistência, fazendo referência ao período da escravidão (COSTA, 2006; DAMASCENA, 2011; FREITAS, 2016; ALVES, 2018).

Saraiva e Silva (2008), ao abordarem a religiosidade no âmbito das festividades católicas, expõem que uma das principais características dessas manifestações é justamente a devoção aos santos católicos e a forma de organização da própria comunidade para a celebração dos padroeiros. Nesse aspecto, tais festividades passam a contar com a participação de fiéis da religião católica que, voluntariamente, se dispõem a ajudar na realização da festa. Por sua vez, essa participação contempla um trabalho árduo, mas também propicia momentos de lazer, sendo prazeroso para quem o vivencia (FERRETI, 2007).

Muitas festas religiosas católicas são notórias pela dimensão com que acontecem, se tornando referência para determinada região. Isso se explica ao passo que tais festividades movimentam o campo econômico, político e social, influenciando diretamente em todo contexto local onde a manifestação religiosa acontece. Dessa forma, é comum que determinada região se torne conhecida pelas festividades religiosas praticadas, como a Festa do Divino Pai Eterno em Trindade, Goiás, ou o Círio de Nazaré em Belém do Pará. Nesse sentido, explorar essas influências e as mudanças que estas provocam, passam a ser primordiais para se compreender de forma ampla as transformações que tais festividades acarretam no espaço geográfico.

Nas concepções de Ferreti (2007), a sociedade e a cultura constituem duas conjunturas que exercem influência na religião, bem como são influenciadas por ela. Quando se aborda as

festas religiosas, se infere que estas podem ser entendidas como um elemento base que leva à compreensão do simbolismo e da mentalidade popular. Nesse contexto, é possível inferir que estas manifestações passam a representar a cultura, a vida de uma sociedade.

Hackmann (2006) corrobora com esse pensamento, ao considerar que as festas religiosas expressam a alegria cristã de um povo, o qual se reúne para a celebração de uma divindade. Dessa forma, todos os atos e manifestações que sucedem se tornam acontecimentos prazerosos para quem experimenta a vivência na comunidade religiosa, como os grupos de igrejas.

Ainda nas menções do autor, as festas religiosas que muitas vezes são dirigidas a um santo ou uma santa específica de devoção popular católica, não deixam de centralizar a celebração em Jesus Cristo, pois o mesmo é considerado o Salvador do mundo, estando sobre Ele a centralidade cristológica, ou seja, o centro da fé. Nesse sentido,

O que se celebra nas romarias e festas religiosas, hoje, não se afasta das origens. Ao celebrar festas e participar das romarias, seja em honra de Nossa Senhora ou de algum santo ou santa, o povo católico deseja lembrar a Deus e a salvação operada por ele. Nossa Senhora e os santos se tornam os mediadores da ação de Deus. Ao mesmo tempo, além de mediadores, eles são estímulo e ânimo, ao mostrarem às pessoas simples que é possível ter fé e viver de acordo com o Evangelho (HACKMANN, 2006, p. 881).

Por sua vez, o contexto apresentado por Hackmann (2006), possibilita compreender que as emoções pelas quais são tomadas as festas religiosas influenciam a forma de viver das pessoas, refletindo na coletividade praticada pelos indivíduos. Nesse sentido, a junção das emoções, das práticas, dos rituais, dos cânticos, e a celebração como um todo, passam a fazer parte da cultura religiosa daquela comunidade, se tornando referência e tradição naquela região.

Ferreti (2007), ao explorar a temática sobre festas religiosas populares, se apoia nas concepções de Durkheim (1989), o qual lança em sua obra as peculiaridades acerca da vida religiosa, evidenciando a relevância do elemento recreativo e estético da religião, como as representações dramáticas e a divergência entre rito religioso e divertimento público. Nesses estudos, a discussão da relação existente entre cerimônia religiosa e ideia de festa se fazem presentes, em decorrência da ligação que se originam da aproximação das pessoas, pelo fervor do momento com que os indivíduos passam a vivenciar durante a realização das manifestações, e também pela probabilidade em transgredir às normas vigentes.

Durkheim (1996) explicita que os dias de festa são concebidos por momentos excepcionais e intensos, totalmente díspares do cotidiano dos indivíduos e, assim, aspectos sagrados e profanos passam a coexistir de forma dinâmica na vida do ser. Dessa forma, o que

se compreende a partir desses estudos é a existência da inter-relação entre religião e festas, culminando na análise dessas manifestações por meio da investigação das celebrações ocorridas nos rituais, simbologias e representações, desencadeando uma reflexão acerca da realidade social, refletida na cultura de um povo.

Aragão e Macedo (2013, p. 16), expõem que as festas religiosas, munidas de sacralidade e/ou profanidade, evidenciam manifestações tradicionais que movimentam pessoas que vão à procura de “conforto espiritual, equilíbrio psicológico, fuga do cotidiano, lazer e enriquecimento cultural”. Assim, as manifestações religiosas católicas estão inseridas na vida dos brasileiros e sua prática se insere na devoção e ao culto que são realizados, sendo admissível pensar em uma cultura festiva do país.

Cabe destacar, que no Brasil o catolicismo exerce forte influência quando o assunto são as festas religiosas e, nesse aspecto, o cotidiano dos indivíduos é permeado pelas festas de padroeiros e santos. Assim, os fenômenos festivos católicos, marcam o calendário litúrgico anual, “Iniciando em janeiro, com as comemorações dos Santos Reis; em abril, a Semana Santa; (...) datas festivas como Corpus Christi e festas do ciclo junino, em junho; (...) o Natal, em dezembro; (...) homenagens aos santos e padroeiros (...)” (ARAGÃO; MACEDO, 2013; SOFIATI; MOREIRA, 2018).

A partir do exposto, se infere que as festas religiosas católicas contemplam características peculiares, dotadas de significados, simbolismos e representatividade, refletindo uma cultura que é transmitida por meio das tradições. Fica evidente que a manifestação religiosa alia devoção, fé, ritos, e também exprime o divertimento público por meio do lazer e dos sentimentos de alegria e solidariedade com que são compartilhadas as experiências e as vivências dos que dela participam.

Há a existência de uma solidariedade ritualística, que é decorrente da tradição religiosa e que exerce papel importante ao manter o sentimento de bondade, ajuda grupal, reforçando os vínculos internos do grupo religioso. Todo esse escopo se reflete no contexto cultural de cada ser, e, por sua vez, as influências se tornam evidentes na forma de manifestação no espaço, nos comportamentos, nas tradições, e na cultura popular.

2.1.3. Festa e Romaria do Divino Pai Eterno em Trindade-GO: conhecendo as raízes da devoção

Para adentrar à origem da Festa em louvor ao Divino Pai Eterno, se torna importante apresentar algumas informações acerca do lugar de realização dessa festividade: o município

de Trindade. Localizada no centro do Estado de Goiás, Trindade possui uma população estimada em torno de 125.328 pessoas, sendo em sua maioria, católicos (IBGE, 2018). Considerada como a “Capital da Fé”, Trindade possui reconhecimento em decorrência de sua essência religiosa, unindo a devoção de romeiros que a todos os anos visitam o município para vivenciarem momentos de adoração e agradecimentos em graças¹ recebidas pelo Divino Pai Eterno.

Por sua vez, a história dessa devoção tem início com a origem da cidade de Trindade, sendo o ponto de partida a construção de uma capelinha em honra ao Divino Pai Eterno. Foi a partir da devoção e construção da capela que deu origem ao arraial de Barro Preto (atual Trindade), e quanto à contextualização histórica de devoção, são apresentadas duas versões principais.

A primeira versão mais propagada nas histórias de Trindade, se refere a um relato do ano de 1898 publicado na Revista da Arquidiocese. Por sua vez, o relato é evidenciado por Manuel Pio, um antigo sacristão da capela, sendo apresentado no estudo de Santos (1978, p. 53).

[Nas palavras de Manuel Pio] Está decorrendo quarenta e dois annos (mais ou menos) que Constantino Xavier cazado com Anna Roza deu princípio a romaria do Padre Eterno no Barro Preto de Goiaz... A imagem com que eles principiaram a rezar o terço em honra do Divino Padre Eterno foi feita de barro, em forma de uma medalha que tinha meio palmo de circunferência, (como eu vi). Nesta medalha estava gravada a imagem da Santíssima Trindade, coroando a Virgem Maria (SANTOS, 1978, p. 53).

Como pode ser observado, o relato não evidencia a origem da medalha. No entanto, moradores antigos da cidade de Trindade ressaltam que a medalha foi encontrada no Santuário velho, local em que Constantino Xavier estaria trabalhando, roçando a terra. De acordo com a história, certo dia o lavrador Constantino Xavier na companhia de sua esposa Rosa, pegou a enxada e foi trabalhar e, ao momento em que estava trabalhando, teria percebido a enxada bater em algo rígido. Ao verificar com sua esposa do que se tratava, teriam encontrado um medalhão sujo de barro, o qual foi logo lavado no córrego Barro Preto, possibilitando ver com maior nitidez a imagem que ali estava gravada no objeto: a Imagem da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria (Figura 1).

Figura 1 – Medalhão de barro encontrado pelos lavradores representando a Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria

¹ Graças no escopo religioso é entendida como a ajuda recebida por Deus para o alcance de algo, como a cura para uma doença ou a conquista de um trabalho. Logo, pode-se dizer que é uma bênção recebida por uma divindade.



Fonte: Portal Pai Eterno *online* (2019)

Por sua vez, a partir dos relatos de Manuel Pio, Constantino Xavier teria construído duas capelas, sendo a primeira coberta por buritis e a segunda coberta com telhas. Assim, a história indica que foi ao redor das capelas que teria originado o arraial de Barro Preto. Nesse sentido, o contexto histórico indica que Constantino Xavier, ao doar a terra em devoção para a construção das capelas, contribuiu para que ao redor comesçassem a serem construídas pequenas casas, e conseqüentemente, as primeiras vendas e comércios foram surgindo, até o número de habitantes ser significativo, se destacando em relação à concepção política para a formação de Trindade (SANTOS, 1978).

Quanto à segunda versão sobre a devoção, a divergência é aclarada apenas em relação à origem da medalha. Nesse aspecto, a história é que Constantino Xavier, vindo de Minas por volta de 1830, teria chegado em Goiás com o intuito de comprar terras e constituir família. Assim, às margens do córrego de Barro Preto, Constantino Xavier teria comprado as terras e se casado com Anna Rosa de Oliveira, e a medalha com o santo de devoção, já teria vindo com ele do estado de Minas. Dessa forma, foi sendo realizado um culto doméstico na própria casa de Constantino Xavier e Rosa, onde rezavam o terço todos os sábados diante do medalhão na presença de familiares, amigos e outros moradores da redondeza que, ao tomaram conhecimento da imagem, também iam se tornando devotos. Assim, o primeiro Santuário do Divino Pai Eterno era a própria residência de Constantino Xavier e Rosa (SANTOS, 1978).

De forma geral, os contextos e documentos históricos indicam que a devoção teria então seu início antes de 1856. Por sua vez, um manual da Santíssima Trindade editado em 1905 pelos padres redentoristas, afirmam que o Santuário teve início por volta de 1843, e que esta seria a informação mais consistente. Nesse sentido, teria sido nessa primeira capela em que os

primeiros batizados e casamentos foram realizados pelos vigários Padre Basílio de Santa Bárbara Almeida e João Francisco do Nascimento (SANTOS, 1978).

Ainda retratando o contexto histórico de devoção, depois de passados dois anos de orações realizadas na capela em culto ao medalhão encontrado com a Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria, Constantino Xavier tomou a decisão de ir à cavalo até Pirenópolis, localizada a mais de 120 quilômetros de sua região de moradia (Barro Preto, atual Trindade) com o objetivo de restaurar a imagem encontrada. Por sua vez, a história indica que o artista plástico goiano Veiga Valle, foi o responsável pela construção da réplica da Santíssima Trindade coroando Maria, esculpida em madeira (SANTOS, 1978; IBGE, 2019; PORTAL PAI ETERNO *online*, 2019).

Esse contexto histórico é de extrema importância para a compreensão da origem da Romaria ao Divino Pai Eterno, pois, de acordo com a história, na construção da réplica da imagem, Veiga Valle teria cobrado um valor que Constantino não teria condições de pagar, e sendo a devoção e a fé de Constantino algo inestimável, como forma de pagamento ele teria deixado seu cavalo e retornado à Barro Preto à pé portando apenas o medalhão e a réplica da imagem da Santíssima Trindade em suas mãos, sendo recebido em festa por todos os devotos que esperavam ansiosamente pelo medalhão sagrado. Assim, tal fato faz parte da conjuntura histórica da Festa em Louvor ao Divino Pai Eterno, sendo celebrada todos os anos posteriores como forma de reconhecimento e marco pela chegada do medalhão sagrado à Trindade, por meio da romaria realizada por Constantino Xavier (SANTOS, 1978; IBGE, 2019; PORTAL PAI ETERNO *online*, 2019).

Nesse contexto, novas capelas foram sendo construídas no transcorrer da história, até que chegasse ao atual Santuário Basílica do Divino Pai Eterno no município de Trindade, justamente para comportar o grande número de fiéis que aumentava consideravelmente a cada ano. Por sua vez, atualmente o medalhão encontrado pelo casal de lavradores e a primeira imagem da Santíssima Trindade trazida pelas mãos de Constantino em sua volta para Barro Preto, se encontram conservadas no Santuário Basílica do Divino Pai Eterno no município de Trindade (IBGE, 2019; PORTAL PAI ETERNO *online*, 2019).

Devido ao seu grande valor simbólico, a imagem só é retirada do local no Dia da Grande Festa, durante a Romaria de Trindade, quando sai da Igreja Matriz em procissão no carro andor, até a Praça do Santuário Basílica para a celebração da Missa de Encerramento da Festa (PORTAL PAI ETERNO *online*, 2019).

Desde a descoberta do medalhão até os dias atuais, Trindade é conhecida por sua religiosidade e, principalmente, pela realização da Romaria, tendo como principal marco a Rodovia dos Romeiros.

Inaugurada em 1988, a Rodovia dos Romeiros, que fica na GO-060, é a maior galeria a céu aberto do mundo, com painéis da Via-Sacra pintados pelo artista Omar Souto na representação da Paixão de Cristo. As estações constituem pontos de parada para romeiros e peregrinos no caminho entre Goiânia a Trindade e, em cada uma delas, nos painéis pintados, aparece a figura de uma menininha, conhecida como Leyde nas Neves. A imagem da criança falecida em 1987, decorre do fato de que se trata de uma das vítimas do acidente radioativo de Goiânia, o Césio 137, e a pintura seria uma forma de homenagear os que perderam a vida naquela ocasião.

De forma complementar, a Rodovia dos Romeiros compreende um total de 18 quilômetros de caminhada à pé, e mais 4 quilômetros do Portal de entrada do município de Trindade até a chegada ao Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, resultando em 22 quilômetros de romaria.

A partir do exposto, é possível compreender a dimensão da Romaria do Divino Pai Eterno como um fenômeno religioso que transcende gerações e que continua cada vez mais conquistando reconhecimento no país e no exterior. Dentre os pontos turísticos que caracterizam e marcam a história religiosa de Trindade, podem ser destacados: o Portal da Fé, o Santuário Basílica, a Igreja Matriz, a Igreja do Santíssimo Redentor, a Capela do Cruzeiro, e a Romaria dos Carros de Boi.

O Portal da Fé foi construído no ano de 2011, e é um dos principais pontos turísticos que dá acesso à entrada e saída do município de Trindade, sendo um monumento em formato de túnel com uma cruz de 20 metros de altura. A religiosidade se faz presente tanto na cruz quanto na imagem do Divino Pai Eterno, que fica em frente ao portal, se tornando um lugar de devoção onde muitos fiéis ascendem velas e realizam orações.

O Santuário Basílica do Divino Pai Eterno (Figura 2) é um lugar singular, único e característico de Trindade, marcado por uma trajetória de edificação e que representa a fé de devotos de todo o mundo. Atualmente, os trabalhos de evangelização realizados pelo Santuário, como missas e novenas, ganharam espaço nos meios de comunicação, como em *site*, televisão, rádio e tantas outras formas de divulgação que são utilizadas na disseminação da devoção ao Divino Pai Eterno.

Figura 2: Santuário Basílica do Divino Pai Eterno



Fonte: Portal Pai Eterno *online* (2020)

A Igreja Matriz, ou Santuário Velho como também é conhecida, tem sua origem no ano de 1912, sendo o primeiro Santuário do Divino Pai Eterno a ser edificado no município de Trindade (Figura 3). Em 2012, mesmo ano de comemoração do centenário da igreja, esta foi tombada como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 2013, recebeu um novo tombamento, sendo então considerada como Patrimônio Cultural Material do Brasil. Por sua vez, é uma construção característica de peculiaridades próprias, com estilo rústico e um altar todo talhado em madeira de aroeira (Figura 4).

Figura 3: Igreja Matriz do Divino Pai Eterno



Fonte: Portal Pai Eterno *online* (2020)

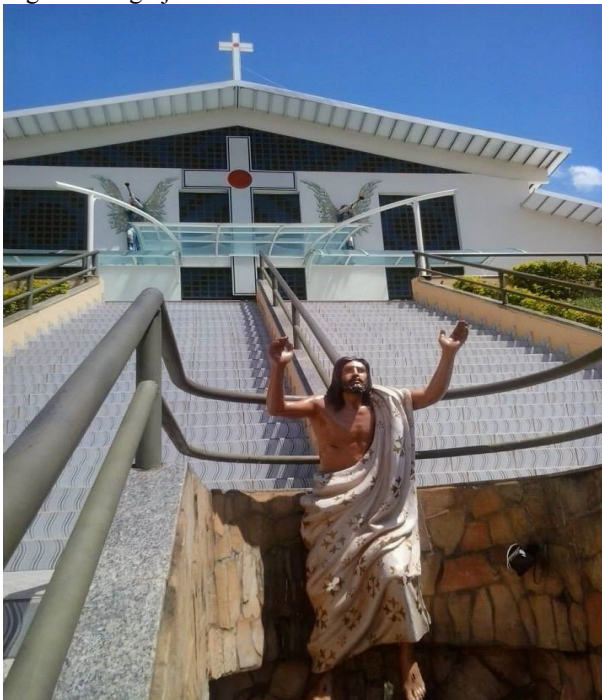
Figura 4: Igreja Matriz do Divino Pai Eterno – altar em madeira



Fonte: Paty Andrade (2014)

A Igreja do Santíssimo Redentor é considerada como um lugar de forte representatividade para os que residem e para aqueles que visitam a cidade de Trindade (Figura 5). Isso, porque é nesta igreja onde se encontram os restos mortais do Padre Pelágio Sauter (1878-1961), um missionário redentorista de nacionalidade alemã que teve um papel muito significativo e atuante na evangelização em terras goianas. Por sua vez, a Igreja do Santíssimo Redentor também possui uma arquitetura única, com imagens de amplo tamanho, retratando de forma peculiar a religiosidade presente no contexto da cidade.

Figura 5 – Igreja do Santíssimo Redentor



Fonte: Autora (2014)

A Capela do Cruzeiro encontra-se localizada no mirante (Figura 6), próximo ao canteiro de obras onde está sendo construído atualmente o Novo Santuário, difundido nos meios de comunicação como “A Nova Casa do Pai”. A capela é consideravelmente pequena, e como símbolo de religiosidade, possui em seu entorno uma grande cruz de madeira, a qual pode ser avistada do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno.

Figura 6 – Capela do Cruzeiro



Fonte: Padre Edinísio Pereira (2020)

Por sua vez, a Romaria dos Carros de Boi (Figura 7), é considerada um Patrimônio imaterial do município de Trindade, e reconhecida nacionalmente pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A história dessa romaria começa no ano de 1988, idealizada por Benigno José Monteiro e Pedro Alves de Moraes, os quais deram início a um festival que denominaram como “Festival do Carro de Boi”, em que haviam premiações, contando com a presença e participação de vários carreiros. Ao longo da história, o festival foi ganhando maior representatividade no cenário religioso de Trindade, tendo em vista que os carreiros vinham de longe realizando a romaria em devoção ao Divino Pai Eterno. Desde então, todos os anos a Romaria dos Carros de Boi passou a ser conhecida por meio de desfiles e representação histórica da origem, sendo realizada toda quinta-feira na semana da Romaria em louvor ao Divino Pai Eterno.

Figura 7 – Romaria dos Carros de Boi



Fonte: Portal Pai Eterno *online* (2014)

No tocante à Festa em louvor ao Divino Pai Eterno, esta compreende uma pluralidade de eventos religiosos que são realizados ao longo de dez dias festivos e, nesse contexto, a peregrinação que é realizada no trajeto de Goiânia à Trindade, é considerada como um dos principais marcos da festa.

O dia de início da grande Festa do Divino Pai Eterno é o primeiro domingo do mês de julho de cada ano. Durante os nove dias que o antecedem, são celebradas missas e novenas; ocorrem encontros de jovens; acolhimento aos carreiros do Divino Pai Eterno (procissão dos carros de boi), foliões, tropeiros, e outros devotos. Ao todo, são realizadas cerca de 100 missas e mais de 46 novenas, além de procissões, batizados, vigílias, alvoradas e confissões. Mais de 2,5 milhões de pessoas passam pela Romaria durante os dez dias de festa e vários outros visitam a cidade ao longo do ano. Muitos devotos percorrem, a pé, o trajeto de Goiânia e Trindade na GO-060, chegando até o Santuário Basílica como forma de pagar promessas, pedir graças e agradecer bênçãos alcançadas (PORTAL PAI ETERNO *online*, 2019).

Por sua vez, o turismo religioso é muito forte e, em tempos de festa, é significativa a quantidade de ônibus de turismo locados trazendo visitantes de todos os lugares. Um fato interessante é que, apesar da festa ter duração de dez dias, são nos três últimos dias de festa em que a quantidade de pessoas passa a ter maior representatividade. Além disso, cabe destacar que turistas e romeiros começam a chegar antecipadamente na cidade, e acabam por permanecerem em Trindade depois de encerrada a festividade, praticando consumo e turismo.

Nesse contexto histórico de fé e religiosidade, é possível conhecer e adentrar às raízes dessa devoção, compreendendo aspectos da conjuntura que constitui o escopo religioso do município de Trindade. Todos os acontecimentos vivenciados ao longo da história pelo

município e seus diversos atores, são refletidos na magnitude da Festa em louvor ao Divino Pai Eterno, possibilitando a disseminação da evangelização, e sendo, ao mesmo tempo, um mecanismo de transformação e reprodução do espaço e da tradição de cultura religiosa.

2.1.4. Peregrinação

Ao buscar um entendimento acerca da romaria e seus desdobramentos, a consolidação de um campo de pesquisas tem possibilitado a ampliação da compreensão desse enfoque no campo acadêmico científico (STEIL; CARNEIRO, 2008; CARDITA, 2012; ROCHA; BELCHIOR, 2016). Por sua vez, a temática da religião, com destaque especial para o estudo da peregrinação, tem sido objeto de análise no campo geográfico, corroborando em relevantes descobertas e trazendo novos significados a essa manifestação de caráter religioso e cultural (ROSENDAHL, 2002; RIBEIRO, 2003; MARQUES, 2017; SOUZA, 2018).

Para Souza (2018), a relevância em investigar o contexto da peregrinação na geografia, faz sentido ao passo que as romarias possuem acepções geográficas, envolvendo uma dinâmica entre os mais variados espaços, sendo considerado o trajeto da peregrinação um lugar de devoção e dotado de simbologias e significados. Assim, o ato de peregrinar, é entendido como a movimentação do homem no espaço e, nesse aspecto,

O peregrino expressa valores e confiança nos espaços sagrados, o que pode ser verificado por meio dos seus comportamentos, de teor físico e simbólico. As dinâmicas dos espaços e tempos das peregrinações denotam manifestações de fé e devoções populares definidas social e culturalmente, comportando aproximações com dimensões da vida que ultrapassam o aspecto religioso (SOUZA, 2018, p.687).

Em concordância ao exposto, a peregrinação ou romaria, pode ser definida como um rito, uma maneira de se apropriar dos sentidos, das simbologias e das crenças que constituem o campo religioso católico, popular e tradicional de determinada região. Por sua vez, em sua maioria, essa prática religiosa está associada ao cumprimento de uma promessa, ao ato de pedir graças ou agradecimento por aquelas recebidas, refletida na lealdade estabelecida entre o romeiro e o santo de devoção (STEIL, 1996). Nesse contexto, Martins (2001) ressalta que o processo da peregrinação está associado à um estado de desacomodação do indivíduo, em que, a partir da experiência fervorosa ao santo, faz com que o peregrino vá de encontro ao mistério, vivenciando experiência de crença, emoções e sacrifícios.

Nas menções de Ribeiro (2003), o fenômeno da peregrinação é compreendido como um elemento cultural da vida de um povo, composto pelas diversas motivações que levam as pessoas a se deslocarem de determinada localidade percorrendo longos períodos de caminhada até chegar ao lugar de destinação: o espaço sagrado. Por sua vez, esta concepção se faz presente

nos estudos de Santos (2005), sendo a romaria definida como o movimento do indivíduo de um lugar para outro, tendo por intuito a transformação de vida do ser.

De todas essas significações é que se revestirá o ato voluntário da partida e da marcha para um alhures, um lugar diferente em que se realizará uma mudança de vida, que constitui a experiência da peregrinação: não um simples rito de devoção, mas um processo de transformação do ser em consequência de sua partida do meio e do gênero de vida habituais (MESLIN, 1992, p. 152 *apud* SANTOS, 2005, p. 34-35).

Dessa forma, é possível proferir que as peregrinações culminam em um fenômeno relacionado às vivências e crenças do homem, o qual busca por meio da realização da romaria, vivenciar uma experiência com a divindade religiosa a que ele acredita existir. Em outras palavras, a romaria é a significação da busca do homem pela procura de Deus, de entendimentos, e auxílio às necessidades, sejam estas de caráter espiritual ou material. Assim, se compreende a romaria como um ato de fé, a fé representada nos passos do romeiro.

O ato de peregrinar é caracterizado pelos espaços de início e chegada dos romeiros, e os lugares que evidenciam o cumprimento da jornada, correspondem ao santuário da religião devotada ou a um local de consagração. Por sua vez, os santuários são compostos por uma amplitude de histórias e culturas próprias, que relacionam o contexto religioso de fé com a cultura dos indivíduos. Cabe salientar, ainda, que os espaços físicos destinados à peregrinação podem sofrer transformações ao longo do tempo, impactando diretamente nas experiências e emoções vivenciadas pelos peregrinos (RIBEIRO, 2003).

Steil (1996) aponta para o fato de que a romaria evidencia a pluralidade católica, envolvendo os romeiros em um conjunto de simbologias, valores e princípios, em que a relação existente entre o rito e a cultura está na apreensão do significado dos cultos que são realizados nos santuários. Para o autor,

As romarias são portadoras de uma tradição que é continuamente reinventada por romeiros, moradores e pelo clero, como uma forma de legitimar valores, ações, normas de comportamento. Quando evocam a tradição, esses diversos atores pretendem, na verdade, acionar um estoque de referências religiosas e práticas rituais que foram sendo acumuladas em torno do santuário, (...) usadas para socializar seus sistemas de ideias e padrões de comportamento (STEIL, 1996, p. 113).

A partir desse contexto, é possível compreender que a peregrinação é um ato de entrega do ser à vivência da religiosidade, manifestada em uma experiência única do homem, o qual se desloca em busca do encontro ao sagrado, ao mistério. A caminhada que é realizada até o local de destinação está amparada na crença do romeiro à divindade e, por isso, o peregrino se dispõe a enfrentar as dificuldades encontradas no trajeto da peregrinação, como sol, chuva, dores no corpo, perigos do trajeto, dentre outros. Por fim, a experiência da peregrinação contempla o

cumprimento da jornada, a qual é tida como um momento de gratidão e lealdade ao santo de devoção.

2.2. TERRITÓRIO E SUAS ABORDAGENS

2.2.1. Território no âmbito geográfico

As concepções e discussões sobre território permeiam de forma assídua o campo geográfico (Castro, 2005; Haesbaert, 2007; Santos, 2007; Saquet; Silva, 2008; Raffestin, 2009; Saquet; Sposito, 2009; Silva, 2010; Koga, 2011; Souza, 2014; Silva, 2016; Espindola; Ferreira; Mifarreg, 2018; Santos; Cunha, 2018; Bueno; Andrade, 2019), sendo, também, amplamente discutido nas ciências sociais, políticas, e econômicas (Diniz; Lemos, 2005; Schneider, 2009; Cataia, 2011; Costa, 2014; Teisserenc; Teisserenc, 2014; Souza; Batista, 2018).

Almejando resgatar algumas concepções e originalidades do termo na geografia, o teórico Friedrich Ratzel é apontado como pioneiro na construção de trabalhos que tinham por objetivo elucidar a compreensão da categoria território (MELO, 2010). A obra de Ratzel *Politische Geographie*² produzida no final do século XIX na Alemanha, tornou o pesquisador um dos grandes percussores da Geografia tradicional, com base no Positivismo de Augusto Comte e, ao apresentar uma definição prógona de território, Ratzel instituiu um novo conhecimento a partir da discussão dessa categoria, ampliando saberes e instigando novos estudiosos à exploração territorial.

Assim posto, o primeiro estudo de Ratzel apresenta o território como sendo uma parte do espaço terrestre, caracterizado por meio de demarcações cometidas por determinada comunidade ou pelo Estado, de forma que fronteiras e limites representavam as condições de domínio praticadas no espaço habitado (MELO, 2010). De forma corroborativa, Moraes (1990, p. 23) também retrata, em seus estudos, algumas concepções de território defendidas por Ratzel, em que

O território seria, em sua definição, uma determinada porção da superfície terrestre apropriada por um grupo humano. Observa-se que a propriedade qualifica o território, numa concepção que remonta às origens do termo na zoologia e na botânica (onde ele é concebido como área de dominância de uma espécie animal ou vegetal). Dessa forma, o território é posto como um espaço que alguém possui, é a posse que lhe atribui identidade (...) (MORAES, 1990, p. 23).

Sposito (2009) incita sobre o conceito de território expondo que as tentativas de definição do termo na geografia respaldam muitas vezes com a terminologia espaço, e ainda

² *Politische Geographie*, na tradução Geografia Política, é uma obra do geógrafo alemão Friedrich Ratzel publicada no ano de 1897.

destaca o interesse de conceituação de território por cientistas sociais que buscam constantemente a compreensão do mundo e de sua complexidade por meio do entendimento das relações que são estabelecidas entre as pessoas e a circulação das informações e de bens, corroborando para o funcionamento, a fluidez e instabilidade no contexto de vida, determinando uma realidade complexa.

Saquet e Silva (2008), amparados nos pensamentos do renomado geógrafo Milton Santos, afirmam em seus estudos que a difícil tarefa em definir espaço e território é visível, considerando que cada categoria possui várias compreensões e, por isso, não podem ser tidas como imutáveis, fixas e únicas. Até porque, ao considerar nessas categorias a composição temporal, os conhecimentos e significados se modificam ao longo da história, tornando as categorias espaço e território flexíveis e possibilitando novas concepções (STURMER; COSTA, 2017).

Para Raffestin (2009), a confusão existente entre os dois termos (espaço e território), decorre, principalmente, da utilização desses para fins de análise, de forma indiferente e de acordo com cada pesquisador. Assim, alguns geógrafos inserem em suas análises a terminologia território, enquanto outros adotam o termo espaço para referenciar uma mesma conjuntura, o que acarretou em um emaranhado de definições, desencadeando notáveis confusões sobre o tema (ROCHA, 2008; REIS; SOBREIRO FILHO; RABELO, 2019).

Nesse sentido, Raffestin (2009) defende que o espaço se encontra numa posição que precede à criação do território, ou seja, é a partir do próprio espaço que são criados os territórios por meio dos atores (homem e coletividade) e dos elementos que dele se apropriam (recursos materiais e imateriais). Em outras palavras, o território nasce das relações que os atores estabelecem no espaço, se utilizando de seus recursos e conduzindo suas ações e relações com os pares e, nesse sentido, são os atores que territorializa o espaço (STURMER; COSTA, 2017).

O espaço passa a ser a prisão original, enquanto que o território é compreendido como a prisão que os homens constroem para eles mesmos, modificando as condições iniciais. Logo, espaços criados, construídos e transformados (HAESBAERT; LIMONAD, 2007; SCHNEIDER, 2009; BRAGA; SILVA, 2011). Dessa forma, a construção do território se emerge a partir do trabalho projetado no espaço, energia e informação, de forma que sociedades ou grupos se adaptem àquela realidade mediante as condições propostas e de acordo com suas próprias necessidades.

Por sua vez, essa conotação acerca do espaço é evidenciada nos trabalhos de Saquet e Silva (2008), em que o espaço é apresentado como resultante do desenvolvimento das forças de produção, das relações existentes no contexto produtivo e da circulação e disposição daquilo que se produz, visando atender as necessidades da sociedade (COSTA, 2014). Já se referindo a território e o considerando como recorte espacial, os autores defendem o entendimento de que território

(...) está contido no espaço e o espaço no território, num movimento dialético. O território não se apresenta como forma definitiva e organizada do espaço, porém, há sinais que permitem acreditar que o território corresponde ao palco onde se realizam as atividades criadas a partir da herança cultural do povo que o ocupa; é também uma fração do espaço local articulada ao mundial (SAQUET; SILVA, 2008).

Apesar de Raffestin (2009) apresentar espaço e território como sendo termos a serem utilizados de forma específica para cada finalidade de análise, Saquet (2009) atenta para o fato de que, mesmo sendo importante diferenciar os dois conceitos, é imprescindível que se reconheça a essência que os une: “um está no outro”. Sem o espaço, não se torna possível a construção da apropriação e produção territorial, portanto, espaço e território não podem ser analisados de forma separada, cabendo a cada pesquisador a definição da conjugação que será adotada em análise.

Em adição, Saquet (2009) corrobora no desmembramento do termo ao elucidar sobre a importância de reconhecer que o entendimento de território deve compreender, de forma simultânea, a identificação e análise de características que remetem à ação de apropriar, dominar e produzir território, ao mesmo tempo em que considera em análise as relações de poder existentes, a simbologia da identificação cultural do homem com o espaço ocupado, as contradições, as desigualdades e disparidades, as mudanças e discontinuidades, as permanências, as variadas formas de disseminação das informações, e a natureza interna e externa ao homem como ser genérico, de forma biológica e social (HAESBAERT; LIMONAD, 2007; SANTOS; CUNHA, 2017; FUINI; MELO, 2017; SILVA; TOURINHO, 2017).

Nesse aspecto, cabe considerar processos que são determinantes, como: a relação espaço-tempo, uma vez que ao longo da história novas formas de repensar a sociedade são impostas e novos modelos de vida são produzidos, dando origem à formação de novos territórios; a relação ideia-matéria, pensada e analisada no mesmo sentido das transformações que circundam o espaço-tempo; a diversidade e os traços comuns existente no espaço; e finalmente, a relação do homem enquanto ser social e ser natural, analisados simultaneamente. Como o autor defende, é esse conjunto de processos que se encontram inseridos internamente na formação de cada território e na territorialidade do homem. Assim, é possível dizer que a

formação do território acontece a partir da apropriação espacial, ou seja, quando as sociedades ocupam e transformam os espaços, sendo retratados por meio da historicidade (SAQUET, 2009).

O território (...) não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São esses atores que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há portanto um ‘processo’ do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder, que se traduzem por malhas, redes e centralidades cuja permanência é variável mas que constituem invariáveis na qualidade de categorias obrigatórias (RAFFESTIN, 1993, p. 7-8).

Em adição, ao tratar de território é importante compreender que este contempla formas de controle e dominação que podem ser impostas individualmente ou por grupos, sendo praticadas estratégias de gestão, manutenção e de desenvolvimento territorial. Em outras palavras, o território é controlado por meio da imposição daqueles que o dominam, e essas imposições são refletidas nas regras, práticas e forma de gerir o território, o que Sack (1986) define como territorialidade. Por sua vez, essa proposição se relaciona aos pensamentos de Sposito (2009, p.11), ao elucidar que a territorialidade “designa a qualidade que o território ganha de acordo com sua utilização ou apreensão pelo ser humano”.

O território definido de forma resumida, é considerado como um “domínio, campo de poder, propriedade, produto de exercício político e socioespacial” (HISSA, 2009, p. 61). Rocha (2008) corrobora com essa concepção de território ao conceituá-lo como um espaço formado por relações de poder, em que os diversos grupos passam a exercer determinado controle, culminando em territorialidades características de cada sociedade (SCHNEIDER, 2009; ESPINDOLA; FERREIRA; MIFARREG, 2018; FUINI; MELO, 2017).

Por sua vez, esse processo passa a ser evidenciado nas escalas mundiais, regionais e locais, e nestas, a espacialidade e temporalidade podem ocorrer de forma constante ou descontinuada. Além disso, cabe destacar que, em meio às tentativas de definição de território, o espaço é visto como aquele que suporta, simultaneamente, um conjunto de territorialidades, as quais se diferenciam ou não de acordo com as temporalidades e vivência, como a cidade que possui vários territórios em um mesmo bairro, ou em uma mesma rua.

É nesse sentido que entendemos o território e a territorialidade como multidimensionais e inerentes à vida na natureza e na sociedade. Na natureza, o homem vive relações. Na sociedade, o homem vive relações. Em ambas, o homem vive relações construindo um mundo objetivo e subjetivo, material e imaterial. O homem vive relações sociais, construção do território, interações e relações de poder; diferentes atividades cotidianas, que se revelam na construção de *malhas, nós e redes* [grifo do autor], constituindo o território. A territorialidade efetiva-se em distintas escalas espaciais e varia no tempo através das relações de poder, das redes de circulação e comunicação, da dominação, das identidades, entre outras relações

sociais realizadas entre sujeitos e entre estes com seu lugar de vida, tanto econômica como política e culturalmente (SAQUET, 2009, p. 87).

De forma complementar, tomando como base as proposições de Rosendahl (2002) e Souza (2000), o território é abordado como o espaço definido e delimitado por relações de poder, e caracterizado pela possibilidade em ser construído e desconstruído nas diferentes escalas espaço-temporais. Considerando que os territórios são formados a partir da atuação daqueles que exercem o poder sobre determinado espaço, é possível dizer que a territorialidade nesse contexto está relacionada a um conjunto de elementos praticados por dada instituição ou grupo visando controlar determinado território. Nesse aspecto, se destacam estudos que enfatizam o território enquanto dimensão simbólica e cultural (Gil Filho e Gil, 2001; Bonjardim e Almeida, 2013; Lima, Bahia e Costa, 2019), a partir da investigação dos processos de controle e gestão do território por entidades de natureza religiosa.

Ao abordar a territorialidade, Haesbaert (2004) elucida a forte ligação do conceito aos elementos de ordem simbólica-culturais, destacando a importância de analisar a dimensão espacial ao investigar contextos e fenômenos religiosos. Isso posto, a territorialidade passa a ser identificada por meio dos territórios que são criados pela própria igreja, resultando em uma relação que envolve o simbólico com o espaço (ROSENDAHL, 2002). Ao passo que a igreja exerce poder e domínio sobre os espaços, gerindo e controlando as conjunturas espaciais, estes passam a ser modificados, carregados de elementos simbólicos e originando, assim, o fato religioso. Por sua vez, esse processo de transformação dos espaços enquanto territórios religiosos, considera que

É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. E é o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada deuses, nas religiões politeístas, e Deus, nas monoteístas (ROSENDAHL, 2002, p. 30).

De forma complementar, Silva (2013) defende que o poder praticado pelas instituições religiosas se reflete na forma como essas instituições se organizam no espaço, tendo como objetivo a conquista de territórios ocupados por outras denominações ou ainda objetivando a conquista de espaços ainda não dominados. Assim, como explicita Raffestin (1993), a igreja passa a ser um território dominado, marcado pelas relações de poder existentes em sua conjuntura.

(...) até mesmo no interior das igrejas, os empréstimos de riquezas, as transferências de bens, também revelam uma quantidade de relações dissimétricas. Bem mais do que a língua, a religião é marcada por relações de poder cujos trunfos são exatamente o controle da energia e da informação, sob a forma de homens, de recursos e de espaços. Sendo uma organização, toda igreja se comporta da mesma maneira que qualquer

outra organização: procura se expandir, reunir, controlar e gerenciar. Procura codificar todo o seu meio [grifo nosso]. A codificação pelo sagrado é até mesmo muito eficaz, pois tende a isolar do resto os homens, os recursos e os espaços que são codificados. (...) As religiões penetram ou penetraram em todas as manifestações da vida cotidiana, quer sejam culturais, sociais, políticas ou econômicas (RAFFESTIN, 1993, p. 127).

De forma geral, as afirmativas anteriores destacam, também, a significância do fator tempo na concepção e compreensão de território, e essa conotação é defendida nos estudos de Santos e Cunha (2017, p. 85), ao salientarem que

O tempo está na base da organização territorial. Os campos de força políticos, econômicos e culturais, a produção das identidades, as interações sociais e as práticas espaciais são perpassadas pelo movimento histórico. A (i)materialidade do território e a combinação de suas relações estão dispostas sob um pulso espaçotemporal, que movimenta e articula os sujeitos na produção do território. Isto é, as múltiplas relações desenvolvidas territorialmente são historicamente produzidas e conduzidas na efetivação do território.

Braga e Silva (2011) salientam para o fato de que, ao longo da existência humana, as pessoas experimentam diversas construções territoriais, e que estas construções contemplam realidades subjetivas. Por sua vez, as peculiaridades invisíveis e simbólicas presentes nos territórios podem não se apresentarem de imediato e nem a todo momento, mas, por outro lado, podem ser identificadas em situações específicas de utilização do espaço para determinada finalidade.

Para exemplificar essa prerrogativa, tomamos como base os territórios de prostituição, em que ruas e avenidas passam a ser “territórios temporários”, caracterizados pela demarcação de pontos e horários definidos, mas que deixam de existir durante o dia. O mesmo acontece com os territórios instituídos pelos chamados “flanelinhas”, ou seja, pessoas que se dedicam à atividade de vigilância de automóveis em locais estratégicos, tendo por finalidade a obtenção de rendimentos monetários pela atividade praticada. Dessa forma, assim como a delimitação do espaço é atribuída nas áreas de prostituição, os “flanelinhas” também criam delimitações territoriais, impedindo a atuação de outros “flanelinhas” nos espaços daqueles que já possuem o domínio territorial (ESPINDOLA; FERREIRA; MIFARREG, 2018).

De forma complementar, cabe destacar o estudo de Bretas e Saraiva (2013), os quais, investigaram as formas de controle sob a ótica da territorialidade evidenciadas no contexto da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, a partir da atuação de flanelinhas e lavadores de carro. Por sua vez, como um dos resultados, o estudo mostrou que o espaço é transformado em território por meio das relações sociais que se estabelecem. Assim, a dominação do território, seja esse simbólico ou físico, acontece por meio da ação de flanelinhas, os quais exercem o controle a partir de estratégias, como: a relação que estabelecem com porteiros e clientes; a utilização de redes de informações para se livrarem da ação de fiscalização; o ato de ocuparem

mais de uma vaga ao estacionarem os carros; e, principalmente, o emprego visível de demarcação do território por meio do uso de símbolos e objetos como baldes, bancos e uniformes.

Por sua vez, tomando como base o aspecto religioso, outra exemplificação de dominação territorial é identificada na romaria, em que o trajeto do caminho passa a ser territorializado. O espaço usado para a peregrinação passa a ser ocupado por romeiros que atribuem significados sagrados, ou seja, há uma apropriação simbólica do espaço, refletidas no percurso da romaria. O mesmo é observado nas rivalidades territoriais entre torcidas organizadas, bem como nas periferias dominadas pelo tráfico. Como expõem Sturmer e Costa (2017, p. 51), “Esses produtos do imaginário social tomam emprestadas referências espaciais enraizadas e bem localizadas que são submetidas à representação, tendo uma simbologia específica e validade indeterminada.”

Acrescenta-se, ainda, que território corresponde ao espaço usado e que é por meio da ação de usufruir de seus recursos como um todo, que o espaço passa a ser transformado em território. Nesse sentido, a interpretação dos territórios é tida como o resultado dos processos de utilização do espaço por seus atores (HISSA, 2009).

Ainda na perspectiva geográfica e buscando resgatar as concepções que surgiram ao longo do tempo, Haesbaert (2007) atenta para a existência de dois referenciais teóricos que, ao traçarem uma posição filosófica, buscam evidenciar o território e suas nuances a partir de investigações que correspondem à filiação e interesse do próprio pesquisador: o território enquanto uma posição materialista (território e natureza) e o território numa perspectiva idealista (território e cultura). Porém,

(...) devemos reconhecer que vivenciamos hoje um entrecruzamento de proposições teóricas, e são muitos, por exemplo, os que contestam a leitura materialista como aquela que responde pelos fundamentos primeiros da organização social. Somos levados, mais uma vez, a buscar superar a dicotomia material/ideal, o território envolvendo, ao mesmo tempo, a dimensão espacial concreta das relações sociais e o conjunto de representações sobre o espaço ou o “imaginário geográfico” que também move essas relações (HAESBAERT, 2007, p. 46)

Nesse sentido, o autor explicita a importância de se considerar não apenas uma corrente teórica para o entendimento de território, mas tê-las como base, exprimindo suas vertentes e respeitando suas complexidades, de forma que seja possível o mapeamento das várias frentes de definição de território referenciadas e apresentadas ao longo da história.

O território visto a partir de uma posição materialista compreende teorias naturalistas, econômicas e jurídico-políticas (FUINI, 2017). Dessa forma, enfatiza o espaço como sendo

uma porção da natureza onde acontecem as lutas societárias que visam direitos iguais a todos ou a determinados membros dessa sociedade, ao que se refere à acessibilidade, controle e uso de recursos (ou de parte deles), que se encontram disponíveis naquele espaço, sendo possíveis de serem explorados (HAESBAERT, 2007; SCHNEIDER, 2009).

Nessa mesma linha, território é definido como a porção da natureza e do espaço reivindicado por uma sociedade para estabelecer aos seus membros condições permanentes e meios materiais para sobrevivência dos mesmos. Assim, a partir de tais conceituações, se torna evidente a relação existente entre território e natureza, em que o território passa a ser, inicialmente, o espaço provedor de recursos, senão “meios materiais de existência” do homem. No entanto, essa visão de território como “fonte de recursos” ou de “apropriação da natureza”, apesar de importante, é considerada como limitada e remota, reduzindo a compreensão do termo se posta universalmente como única proposição para seu entendimento. Contudo, território e espaço, nessa concepção materialista, são considerados por vários pesquisadores como algumas das principais categorias de análise geográfica (HAESBAERT, 2007; SAQUET; SILVA, 2008; ROCHA, 2008).

Além dessa dimensão material para a compreensão do termo território, é necessário considerar a dimensão “natural”, ou seja, a possibilidade da concepção de territórios pela própria forma de ação da natureza, mesmo que ainda tais criações não tenham as relações sociais como base de formação. Para evidenciar essa explicativa, Haesbaert (2007) elucida a terminologia “desterritorialização natural” da sociedade, ou seja, o processo em que a própria ação da natureza, a partir de fenômenos como vulcanismos e furacões, provocam consideráveis mudanças na conjuntura do espaço, definindo uma nova estrutura territorial ao passo que produz um novo território. Assim, nesse caso há o que o autor determina como “desterritorialização natural”, logo, o território criado pela força da própria natureza.

Tomando como ponto de partida a visão idealista acerca de território, essa “compreende processos de apropriação simbólica do espaço como fenômeno territorial construtor de identidade” (FUINI, 2017, p. 23). Assim, a relação entre território e cultura se emerge como forma de evidenciar que são as relações sociais que dão origem às construções territoriais, caracterizadas pelas reivindicações da sociedade por acesso, controle e uso de recursos (Espindola, Ferreira e Mifarreg, 2018), englobando reivindicações de realidades visíveis e poderes invisíveis que também compreendem esse escopo territorial.

O que reivindica uma sociedade ao se apropriar de um território é o acesso, o controle e o uso, tanto das realidades visíveis quanto dos poderes invisíveis que as compõem,

e que parecem partilhar o domínio das condições de reprodução da vida dos homens, tanto a deles própria quanto a dos recursos dos quais eles dependem (HAESBAERT, 2007, p. 49).

Cabe elucidar nessa discussão, a visão de território enquanto dimensão representativa e de valor simbólico (Fuini, 2017), considerando que o espaço territorial é composto, também, por princípios e valores relacionados à ética, à moralidade, à espiritualidade, ao simbolismo e à afetividade. Nesse sentido, o território cultural antecede os territórios político e econômico, e detém em sua composição o princípio da identificação e religiosidade, ou seja, a relação que se estabelece entre o ser e o espaço que ele ocupa, se sentindo parte dele, e refletindo em sentimento afetivo em relação ao espaço habitado (SAYAGO et. al., 2006; MELO, 2010). Por sua vez, quanto à sacralidade do espaço, esse passa a ser sagrado à medida que novos significados são empregados, como, por exemplo, o fato de que o território não é ocupado apenas pelos vivos, mas, também, é ocupado por aqueles que morreram e foram sepultados naquele espaço. Daí, a simbologia que marca o território com o signo do sagrado.

Além das caracterizações materialista e idealista, se destaca uma terceira concepção de território, baseada nas proposições de Haesbaert (2007): a integradora. Por sua vez, “é a caracterização integradora que reúne todas as dimensões e que concebe o território como definido por relações de poder, multiescalar, híbrido em rede e indissociável da prática dos grupos sociais” (FUINI, 2017, p. 23). Nesse sentido, o território é concebido a partir “de formas, forças e estratégias de dominação material e apropriação simbólica sobre o espaço e que envolve mais de uma dimensão (não só a política) e diferentes perspectivas espaciais escalares (do local ao global)” (FUINI, 2017, p. 27).

Em adição, os territórios resultam de estratégias que, uma vez aplicadas em determinado lugar, afetam, influenciam e controlam pessoas, fenômenos e relações que se formam no espaço. Assim, os limites impostos tem por objetivo impactar o comportamento dos indivíduos, ao mesmo tempo em que comanda o acesso ao território dominado (SACK, 2013; FUINI, 2019).

De uma forma geral, a abordagem territorial proposta por Haesbaert (2007) respalda na evidência da polissemia de conceitos existentes em várias áreas do conhecimento que partem da investigação territorial, os quais conduzem as pesquisas acerca do território, se apropriando das dimensões analíticas que mais conciliam com os objetivos pretendidos (REIS; SOBREIRO FILHO; RABELO, 2019). Ademais, é importante reconhecer em definição, que a compreensão

de território contempla os processos e movimentos históricos e socioespaciais, originando vários entendimentos e dimensões características à cada realidade em questão (FUINI, 2017).

Nesse sentido, de forma sistemática, há quatro macrodimensões do território, apresentadas a partir dos ensinamentos de Haesbaert (2007), a saber: macrodimensão política (referente às relações de poder e dominação do espaço, o qual é pelos homens delimitado e controlado); macrodimensão cultural (resultante das simbologias e da subjetividade manifestadas pelos grupos que convivem em determinado espaço, produzindo significação); macrodimensão econômica (baseada nas relações de capital-trabalho, nas lutas de classes existentes e na conjuntura econômica predominante no espaço, responsável pela distribuição de recursos); e macrodimensão naturalista (que tem como enfoque a delimitação do espaço físico pelo homem, enquanto característica natural do ser) (SCHNEIDER, 2009; ALMEIDA, 2014; ESPINDOLA; FERREIRA; MIFARREG, 2018; FUINI, 2017).

A partir das assertivas apresentadas por Haesbaert (2007), Rocha (2008) salienta que tais conceituações fazem parte de uma sistematização que são coordenadas por meio de conceitos filosóficos, originando duas formas de interpretação do termo: o binômio realismo-idealismo e o binômio espaço-tempo. Nesse sentido, a abordagem de análise dependerá do posicionamento filosófico de cada pesquisador. Entretanto, cada vez mais surgem novas proposições que buscam superar as oposições entre materialismo e idealismo.

Outra dimensão apontada para a compreensão do território está diretamente relacionada à questão econômica, a qual envolve o domínio político do espaço com base nos interesses de determinada classe, corporações e sociedade. Nesse contexto, se destaca a importância da interação da multiplicidade de dimensões sociais no tratamento de assuntos como ordenamento e gestão do espaço, uma vez que o papel dos diversos gestores (indústria, comércio, serviço e financeiro) são cruciais para o estabelecimento de determinantes que impactam diretamente na economia territorial como um todo (CATAIA, 2011; VANCESLAU, 2018).

(...) o ordenamento territorial é um conceito polissêmico. No entanto, na acepção proposta, contém implicitamente a idéia de organizar a ocupação, uso e transformação do território com o objetivo de satisfazer as demandas econômicas, sociais e ambientais. Implica tanto na incorporação da dimensão territorial no desenho das políticas públicas setoriais, quanto na elaboração de estratégias territoriais integradas para o desenvolvimento dos diferentes âmbitos espaciais ou escalas do país (BRASIL/MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, 2006, p. 19).

Dessa forma, a dimensão econômica do território é conduzida a partir da integração do espaço social em suas variadas perspectivas e, é somente por meio dessa visão integradora, que

a gestão do espaço acontece, proporcionando maior controle e ordenamento econômico (VANCESLAU, 2018).

Resgatando as proposições de Milton Santos, o geógrafo apresenta uma concepção de território elucidando o termo como sendo algo impossível de ser analisado e definido isoladamente, uma vez que a obtenção desse significado, compreende a conjuntura de todos os elementos que envolvem o próprio espaço territorial. Assim, a noção de território é concebida a partir do estabelecimento de uma relação entre o território e o povo que dele se ocupam, utilizando seus meios e concebendo todas as relações que dele emanam.

O território em si, pra mim, não é um conceito. Ele só se torna um conceito utilizável para a análise social quando o consideramos a partir de seu uso, a partir do momento em que o pensamos juntamente com aqueles atores que dele se utilizam (SANTOS, 2000, p. 22 apud KOGA, 2011, p. 35).

O território pode ser entendido como o lugar onde a existência humana é traduzida pelas ações, forças, fraquezas, e lutas de poder que o homem vivencia, ou seja, é no território onde emerge a história de vida do homem e as manifestações de sua realidade (SANTOS, 2007; RAFFESTIN, 2009).

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o *território usado* [grifo do autor], não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (...) É o território usado que é uma categoria de análise (...) (SANTOS, 2007, p. 14).

Por sua vez, a determinação do território baseada na identificação e no sentimento de pertencimento do homem com o espaço habitado, é explicitado nos estudos de Flores (2006), Melo (2010) e Saquet (2018). De acordo com os autores, quando a identidade de determinado povo ou sociedade é evidenciada, há um território com peculiaridades próprias àquele povo, produzindo nos homens sentimentos que os fazem sentirem parte e partilhar, deliberando uma gestão de conflitos a partir dos interesses e objetivos compartilhados entre eles na sociedade (SAYAGO et al., 2006; SAQUET, 2018). Não obstante, todo esse movimento envolve em sua totalidade representação, mediação, apropriação, ancoragem, resistência, lutas, dentre outros, ao passo que todos participam, debatem e se mobilizam, principalmente, no escopo local.

Nas menções de Koga (2011), a realidade da vida em coletividade é um reflexo das manifestações presentes no território, pois, é nesta realidade, que se encontra o exercício da cidadania e as mais diversas formas de relações entre as pessoas, sejam estas sociais, de vizinhança, de solidariedade e, principalmente, as relações de poder (HAESBAERT;

LIMONAD, 2007; SAQUET; SILVA, 2008). Nessa conjuntura, as desigualdades sociais e as diferenças nas condições de vida dos povos se tornam explícitas no âmbito territorial (VANCESLAU, 2018).

As concepções apresentadas por Saquet (2013), apontam uma assertiva interessante ao pensar o território enquanto significado de dominação das relações de poder existentes. Nesse aspecto, o território envolve relações materiais e imateriais no contexto geopolítico, econômico e cultural; é resultante de uma organização do espaço, sendo este diversificado e construído a partir de suas relações; e assume duas funções primordiais: a de ser um espaço que abriga e assegura aqueles que nele habitam ou passam a habitá-lo; e é uma fonte de oportunidades. E para que seja estabelecido segurança e oportunidade na totalidade territorial, se torna necessário estabelecer uma organização interna e externa, de poder e de dominância, promovendo diversos significados de território a vários grupos sociais dominantes e às sociedades.

Por sua vez, Castro (2005) corrobora com essa afirmativa ao enfatizar a geografia política e as nuances que conduzem o território ao estabelecimento de uma relação de dominância. A autora destaca sobre as diferenças entre classes e interesses de determinados grupos, e defende que essa diversificação de interesses promove uma relação conflituosa, já que as sociedades, tão variadas e complexas, passam a apresentar necessidades que são específicas a cada grupo, classe social, e de cada território do qual os mesmos fazem parte.

(...) é possível então afirmar que as questões e os conflitos de interesses surgem das relações sociais e se territorializam, ou seja, materializam-se em disputas entre esses grupos e classes sociais para organizar o território da maneira mais adequada aos objetivos de cada um, ou seja, do modo mais adequado aos seus interesses. Essas disputas no interior da sociedade criam tensões e formas de organização do espaço que definem um campo importante da análise geográfica. Neste sentido, podemos indicar que é na relação entre política – expressão e modo de controle dos conflitos sociais – e o território – base material e simbólica da sociedade – que se encontram os temas e questões do campo da geografia política. (...) se em toda sociedade organizada há interesses diferenciados, se a vontade de realiza-los gera conflitos de interesses para que, de modo solidário, todos possam alcançar seus projetos de vida, não é possível ignorar a política como uma instituição que faz parte das sociedades diferenciadas e complexas. E se as sociedades se territorializa, ou seja, organizam o território para melhor atender aos interesses e às formas de vida de todos os seus componentes, ou daqueles mais influentes, não é possível ignorar a relação entre geografia e política (CASTRO, 2005, p. 41 e 42).

Nessa mesma conjuntura, Flores (2006), Hissa (2009) e Cataia (2011) apontam que o território implica a construção de limites e fronteiras, variando de acordo com a origem dos mesmos. Não obstante, os limites e as fronteiras são maneiras de representação do território, ou seja, formas que expressam a identidade do território a que pertencem (SILVA; TOURINHO, 2017). Essa visão de identificação e pertencimento é corroborada por Saquet (2018), ao

ênfatizar que a descoberta do território acontece quando é colocada em evidência sua identidade distintiva, tornando-o único e com características próprias que criam nos homens sentimentos de pertencimento e compartilhamento, além de conduzir por meio de uma gestão de conflitos, os interesses e objetivos coletivos.

Se a idéia de território é associada às de propriedade, vigília, fechamento, limite, ela é também, portanto, um convite teórico à reflexão sobre os significados de fronteira. Onde há território, há limite e fronteira. Inseparáveis, limites e fronteiras, no âmbito dos territórios, apresentam significados contrários. Os limites estão voltados para dentro, como se representassem a guarda dos territórios. Pelo oposto, as fronteiras, espaços de transição, zonas de contato, espaços de abertura, estão voltadas para o exterior. Entretanto, os significados, na literatura, se confundem. O marco de fronteira é, de fato, a representação do limite. (HISSA, 2002 apud HISSA, 2009, p. 66).

A compreensão do termo fronteira, demanda tomar como base os conhecimentos mais amplos acerca de território. Nesse aspecto, Haesbaert (2004) e Silva e Tourinho (2017) atentam que o território está vinculado à categoria de poder, sendo este considerado tanto na acepção concreta de dominância (poder político), quanto no sentido do poder simbólico e cultural, relacionado à apropriação do espaço pelos homens (SANTOS; CUNHA, 2018). Uma vez que as relações de poder são determinantes na delimitação dos espaços, os territórios se constituem a partir de uma abrangência múltipla, que vai muito além da limitação política-administrativa colocadas por linhas que dividem os espaços, ou seja, envolvem espaços e agentes sociais distintos, como a atuação do Estado na delimitação de fronteiras, ou até mesmo o abarcamento espacial e organizacional de bairros, conjuntos habitacionais, dentre outros.

Entende-se, assim, que todos os atores presentes no espaço executam determinado controle sobre ele, ou sobre partes dele, resultando na formação dos territórios políticos e simbólicos. Contudo, as noções de fronteiras surgem do controle que é exercido no âmbito territorial, uma forma de representação espacial do uso político do território (HAESBAERT; LIMONAD, 2007; CATAIA, 2010; CATAIA, 2011; SCHNEIDER, 2009; ESPINDOLA; FERREIRA; MIFARREG, 2018; FUINI; MELO, 2017; SILVA; TOURINHO, 2017).

De maneira concludente, Silva (2010), objetivando resgatar as diversas conceituações históricas sobre território, realizou uma pesquisa enfocando as definições apresentadas por renomados geógrafos brasileiros. Por sua vez, como resultados do levantamento bibliográfico, verificou a existência de uma pluralidade intelectual no contexto geográfico brasileiro composto por várias proposições acerca do território, as quais, inclusive, se diferem de acordo com as especificidades que cada pesquisador considera em relação às

origens, objetivos e posicionamentos teóricos e metodológicos que não têm um núcleo epistemológico comum ou uma convergência filosófica e política consensual. Daí a

pluralidade das abordagens acerca do território, da Geografia, do que é geográfico, da finalidade “estratégica” do saber geográfico (SILVA, 2010, p. 317-318).

A partir do exposto, se percebe que são várias as explicativas que tentam traçar uma definição acerca de território, mas que, para alcançar uma compreensão mais totalizante do termo, se faz necessário partir de uma abordagem que o determina como uma experiência global do espaço em que, em um mesmo lugar, explicitam as diversas formas e componentes da vida social. Nesse sentido, são investigadas diversas afirmativas encontradas na literatura, possibilitando uma caracterização do território e de seus elementos. Em adição, cabe elucidar que as discussões acerca da temática perpassam o campo geográfico, trazendo novos olhares ao discutir o território em outros campos do conhecimento.

2.2.2. Estudos do território em festas populares e festas religiosas brasileiras

Adentrando às culturas populares brasileiras, as festas enquanto elemento de representação cultural, são configuradas pelas crenças, hábitos e tradições, e refletidas por meio da gastronomia, danças, ritos e formas de celebração. Nesse sentido, espaços e lugares passam a ter significação, sendo elementos que definem identidade, promovendo sentimentos de pertencimento (COSTA, 2008; CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008; MARQUES; BRANDÃO, 2015; RAFAEL, 2018).

Nessa contextualização de festas populares brasileiras podem ser exemplificadas as festividades carnavalescas, em especial o Carnaval do Rio de Janeiro; as festas juninas no Nordeste; a Festa do Peão de Barretos; a Oktoberfest de Blumenau; e os Festivais de Parintins (MORAIS FILHO, 2002; TRIGUEIRO, 2005; CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008; CAVENAGHI; BUENO; CORRÊA, 2012). Acrescenta-se, ainda, as festas religiosas católicas, como as Festas de Santos Reis de Martinésia; Festa do Padre Cícero; a Páscoa e o Natal (Folha Online, 2005; G1, 2013; Marques e Brandão, 2015), e festas de cultura afro-brasileiras, como a Festa de São Benedito; as Festas do Bumba-Meu-Boi em São Luiz, Maranhão; Boi-Bumbá na Amazônia; a Capoeira; a Congada; Afoxé; Bloco Afro; Batbacumba Auê; Obá a Festa; Festa de Preto Velho; e as celebrações em homenagem a Iemanjá (REVISTA RAÇA, 2016; SOARES, 2019; PALMARES FUNDAÇÃO CULTURAL, 2020).

Por sua vez, Mendonça (2001) destaca que nesta conjuntura de festa há o encontro de diferentes expressões culturais, as quais, convivem e dialogam entre si.

A produção de expressões culturais tradicionais se realiza dentro de uma perspectiva de reprodução simbólica de práticas e vivências compartilhadas, comuns aos membros do grupo ou da comunidade. Geralmente baseiam-se nas tradições e em uma memória coletiva que tem como fundamento para sua sobrevivência sua natureza repetitiva, conservadora e auto-referente. Apesar de se alterar ao longo do tempo, de incorporar

novos elementos, formas de expressão ou mesmo se apropriar e/ou ressignificar conteúdos “modernos” aprendidos de outras instâncias distantes de sua experiência concreta, sua permanência está vinculada à estabilidade das referências, à sua temporalidade cíclica e sobretudo à capacidade de ser significativa, de fazer sentido para aqueles que dela participam (MENDONÇA, 2001, p. 5).

Assim, as expressões culturais realizadas por determinada comunidade expressam as crenças e particularidades de um grupo, e os elementos que os representam são descritos por meio dos saberes compartilhados pela comunidade, pelas práticas simbolizadas na musicalidade, no artesanato e outras manifestações culturais. Dessa forma, é possível entender as festas culturais a partir dos

traços de um conjunto etnográfico da história e da cultura de todos os povos, em todos os níveis e classes sociais. Assim, as misturas étnicas entre negro, índio e branco resultaram em um alicerce etnográfico comum a todo território com suas tradições de ordem religiosa e social firmadas no Brasil (CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008, p. 2-3).

Nesse escopo, as manifestações populares são pensadas não apenas pelo aspecto do fazer artístico, mas são constituídas pelas relações que se estabelecem na conjuntura festiva, traduzindo linguagens e exibindo expressões do pensar, fazer e sentir de determinada sociedade, retratando, assim, os traços culturais de um povo (CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008; RAFAEL, 2018).

Para Ferreira (2013), a abordagem de festas populares implica na exploração dos atributos perpassados pela história e cultura de determinado território, tornando evidente os processos de civilização, os quais são traduzidos em formas de intergeração de certa comunidade. Assim posto, é possível compreender que o território da festa é um lugar tomado de traços identitários da história, mas que, também, revela individualidades em acepção plena e dialética de um povo.

Rafael (2018) explana que as festas populares resultam de planejamento e organização, sendo elaboradas de acordo com as regras de cada comunidade, englobando atividades vinculadas à tradição, aos rituais, e interligados a uma ideologia composta por simbologia, valores e crenças que se manifestam durante a festividade, ao mesmo tempo em que representam uma forma de agregação dos indivíduos e aproximação desses com suas identidades. Em adição, para que se entenda a festa é imprescindível considerá-la como elemento responsável pela construção dos espaços, proporcionando sentidos aos lugares e constituindo territórios, os quais passam a ter significados materiais e simbólicos.

Por sua vez, ao analisar os territórios festivos, ou seja, os lugares, paisagens e cenários de ocorrências dessas manifestações, Baptistella (2010) e Sanfilippo (2018) elucidam acerca da

simbologia e representação que são instituídas aos espaços como ruas, praças, quintais, terreiros, casas e cozinhas, e ainda destacam as relações coletivas estabelecidas entre as pessoas nesses ambientes festivos: a relação dos corpos com os espaços, dos movimentos e das expressões com as paisagens e os cenários.

É possível dizer que cada território festivo contempla um emaranhado de características e saberes particulares de um povo, os quais são compartilhados no momento das celebrações. Nesse aspecto e, tomando como exemplo, as cozinhas das casas são espaços dotados de elementos que refletem essa relação de troca, pois, se trata de um espaço caracterizado pelas danças e cantigas de mulheres de diversas gerações que se reúnem para a preparação de alimentos. Assim, o momento se torna um espaço de sociabilidade, em que há trocas de confidências, saberes, ensinamentos, além de relembrares e compartilharem momentos da história de vida delas (BAPTISTELLA, 2010; SANFILIPPO, 2018).

De forma complementar, cabe salientar que nos estudos de Pena e Saraiva (2017), o espaço da cozinha analisado sob a ótica territorial, possibilita compreender a existência de elementos que caracterizam territorialidades. Dessa forma, como resultados, os aspectos de territorialidade são descritos pela configuração de dois grupos: um, em que a cozinha é caracterizada pelo simbolismo de práticas afetivas, refletindo sentimentos de pertencimento e, ao mesmo tempo, sendo um território de angústias e tristezas pela perda da essência da cozinha enquanto lugar que reluz características passadas; e outro grupo que assume a cozinha enquanto mecanismo de autopromoção, identificadas pelo desejo de posse das cozinhas, e pelas diferenças de territórios presentes na constituição desses espaços (cozinha moderna, cozinha bem montada e cozinha como vitrine).

Ademais, outra característica que traduz as realidades festivas de determinado território é o consumo de bebidas, sendo visto como representação de alegria e estímulo corporal para a prática de danças e cantigas com mais energia e vigor. Assim, essa prática se torna uma característica ritualística da festa, sendo compartilhada num ambiente amistoso de camaradagem e solidariedade (BAPTISTELLA, 2010). Por sua vez, a ação de beber associada à alegria e festa como parte ritualística da manifestação festiva no território é retratada nos estudos de Castillo e Costa (2008), em que o consumo alcóolico é identificado como concepção de felicidade e, portanto, parte do escopo territorial festivo.

Por sua vez, os estudos de Sanfilippo (2018), expõe que o corpo passa a ser entendido como um território, ao passo que se reinventa a partir das festas. As ações de dançar, cantar, tocar, sentir, vibrar, cozinhar, comer, experimentar e construir laços, são atos concebidos a

partir da ação do corpo nos diversos espaços em que tais ações acontecem, como terreiros, ruas, praças e parques. Assim, o corpo é tido como um templo, território que produz conhecimento e textura de afeto e, nesse sentido, as manifestações afro-brasileiras são exemplos que aclaram essa prerrogativa do corpo enquanto território, uma vez que o uso da expressão corporal durante a manifestação, se traduz em território dominado. Dessa forma, Sanfilippo (2018) expõe que

Conhecer esse universo é começar a entender como, apesar de todas as mazelas, as pessoas têm recriado seus universos, redimensionado suas vidas, produzido um sem fim de conhecimentos em forma de belezas e riquezas, como têm cantado, tocado, dançado, costurado, cozinhado, contado e recontado suas histórias fazendo FESTA. (...) A vocação festiva de nosso povo, sentida de maneira incisiva nas manifestações afro-brasileiras, transborda com o corpo e suas memórias e se estabelece neste e com este corpo pelos espaços e tempos. (...) Fuzuê, Kizomba, Xirê são exemplos de nomes africanos para festa, confraternização, brincadeira. Todas essas experiências corporais festivas nos contam sobre a cidade que somos nós (SANFILIPPO, 2018, p. 65).

Nesse aspecto, refletindo sobre as relações que se formam a partir dos ritos da comunidade e o potencial da festa, Sodré (2002, p. 135), expõe a definição de corpo-território, na qual

todo indivíduo percebe o mundo e suas coisas a partir de si mesmo, de um campo que lhe é próprio e que se resume, em última instância, a seu corpo. O corpo é o lugar-zero do campo perceptivo, é um limite a partir do qual se define um outro, seja coisa ou pessoa. O corpo serve-nos de bússola, meio de orientação com referência aos outros. Quanto mais livre sente-se um corpo, maior o alcance desse poder de orientar-se por si mesmo, por seus próprios padrões.

Por sua vez, nessa abordagem de festas populares analisadas a partir do escopo territorial, se destacam as festas religiosas brasileiras, as quais também são tidas como manifestações que revelam exterioridades de território e territorialidade. Essas manifestações de cunho religioso são repletas de simbologias, e possuem como elemento principal um mito de origem, ou seja, a figura da divindade que é adorada e admirada, empregando significado à festa (MARQUES; BRANDÃO, 2015).

Dessa forma, ao abordar o território religioso, é possível dizer que a organização do espaço se dá a partir de elementos políticos e religiosos e, nesse aspecto, as festas religiosas realizadas em pequenas cidades são caracterizadas pela explicitação da fé, dando ao lugar de manifestação um novo sentido, transcendendo do contexto cotidiano para vivenciar um tempo festivo e carregado de elementos que evidenciam a religiosidade. Assim, ao considerar o escopo religioso, os espaços são transformados através do tempo, contribuindo para a formação de territórios, sobretudo, quando se analisa os espaços a partir da realização de festividades religiosas (BARROS; NASCIMENTO NETO, 2011).

Nos períodos de acontecimentos das festas religiosas, importante destacar que a abordagem do sagrado é evidenciada pelas expressões de fé praticadas. Assim, tudo o que cerca o ambiente religioso festivo passa a ser objeto de representação, como os símbolos, os ritos, e objetos de cunho religioso, passando a significar valor de ordem imaterial, impossíveis de serem compreendidos pela racionalidade, já que a “(...) manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma árvore, uma pedra, ou uma pessoa implica em algo de misterioso, ligado a religião que não pertence ao nosso mundo” (ROSENDAHL, 1996, p. 27).

Abordando os estudos de Barros e Nascimento Neto (2011), ao analisarem a festa de São Sebastião, observaram que, ao passo que as festividades religiosas acontecem, colocando em evidencia os aspectos e elementos relacionados ao sagrado, as territorialidades presentes nesse contexto contribuem para o surgimento do espaço profano, caracterizado pela prática de comercialização de produtos. Contudo, são os espaços sagrado e profano que corroboram na determinação da constituição do território festivo.

O espaço sagrado da igreja durante o tempo festivo é demarcado por dois elementos fundamentais, o ponto fixo e o entorno no qual, os fiéis vivenciam suas práticas religiosas. No ponto fixo (Igreja) assistem-se os eventos religiosos, e no seu entorno delimita-se para as atividades sacro-profanas no qual acontecem vendas de variados objetos e produtos com o objetivo de angariar recursos para a igreja (BARROS; NASCIMENTO NETO, 2011, p. 53).

Posto isto, Barros e Nascimento Neto (2011), ainda acrescentam que a conjuntura socioespacial da festa é transformada com o passar do tempo, e essas modificações são percebidas, principalmente, em relação aos elementos que traduzem sacralidade e profanidade no território da festa. Dessa forma, “(...) o espaço sagrado e o espaço profano estão sempre vinculados a um espaço social. A ordenação do espaço requer sua distribuição entre sagrado e profano: é o sagrado que delimita o profano” (ROSENDAHL, 1999, p.71).

Como exposto por Rosendahl (1999), ao afirmar que o espaço sagrado delimita o espaço profano, tal prerrogativa permite compreender que nas festas religiosas essa separação entre sagrado e profano pode ser visualizada a partir das atividades e práticas inseridas nesses espaços. No contexto da festa, ao passo que a igreja é entendida e demarcada como espaço sagrado, as lojas em seu entorno e toda a conjuntura que se forma externamente à realidade religiosa, podem ser configuradas como a parte profana da festa. Assim, os comércios que são praticados, farmácias, restaurantes, barraquinhas e locais de lazer, retratam o território profano.

Constitui-se naquele espaço “ao redor” do espaço sagrado. Em relação ao espaço profano aplicam-se as interdições aos objetos e coisas que estão vinculados ao sagrado, numa realidade diferenciada da realidade sagrada. Através da segregação que o sagrado impõe à organização espacial, identifica-se o espaço profano diretamente vinculado ao sagrado e o espaço profano indiretamente vinculado. O comércio e o lazer, nas hierópolis, estão nos espaços profanos (ROSENDAHL, 1999, p. 81).

Nesse sentido, as afirmativas anteriores podem ser relacionadas ao estudo de Almeida, Enoque e Borges (2019), ao analisarem uma das dimensões propostas por Zeny Rosendahl para o estudo de festas religiosas católicas, sendo esta a dimensão política. Por sua vez, os autores discorrem sobre a inserção do poder no contexto religioso católico a partir da formação e divisão dos territórios. Dessa forma, o poder é evidenciado nos espaços em que se encontram as instituições hierárquicas religiosas que objetivam o domínio sobre os fiéis, bem como nos espaços considerados sagrados, caracterizados por normas, valores e ideias, refletindo o poder político.

Em adição ao exposto, Rafael (2018), ao analisar a territorialidade no contexto da Festa da Congada na cidade de Ituiutaba-MG, observou que a festa apresenta características de resistência e disputas territoriais. As práticas religiosas características da Congada, como o cortejo da procissão realizada nas ruas, englobam elementos como danças e a presença de devotos e sacerdotes, transformando as ruas em espaços sagrados. Nessa conjuntura, os conflitos são evidentes, uma vez que a rua passa a ser disputada entre aqueles que realizam e participam da procissão, e os elementos externos à festividade religiosa, como veículos, bares com sons automotivos, residências, e até mesmo gritarias e risadas dos que assistem, uma vez que não consideram a manifestação religiosa como prática sagrada.

De forma complementar, o estudo de Bonjardim e Almeida (2013) sobre território e poder na Igreja Católica em Sergipe, mostrou que a igreja se apropria do espaço para impedir o afastamento da identidade católica e, assim, firmar a permanência do território religioso. Para os autores, o território religioso católico só é concebido a partir da existência de símbolos e elementos que traduzem a religiosidade e, nesse aspecto, a Igreja se torna o elemento principal de representação territorial, já que, além de ser fixa e visível, demarca o território e institui a territorialidade por meio das práticas de manifestações religiosas. Como exemplo, ao andar por Sergipe, os autores elucidam sobre os cenários das cidades, sendo configurados pelas imagens de santos nas entradas, praças e no entorno das igrejas, cruzes colocadas em pontos altos das cidades, além do grande número de Igrejas e de festas religiosas. Por sua vez, a igreja e as festas religiosas são colocadas como conjunturas integradas, considerando que

(...) não existe Igreja sem festa, sendo ambos os maiores símbolos presente na vida diária do cristão. As festas religiosas dos santos padroeiros mobilizam as cidades, povoados ou comunidades que estão inseridas, e são símbolos de identidade da população. As festas das paróquias, devido a magnitude e tradição, em alguns casos, fazem parte do calendário de feriado municipal. As festas das Capelas, não menos importantes costumam mobilizar os povoados ou bairros onde estão localizadas (BONJARDIM; ALMEIDA, 2013, p. 3).

Por fim, ao abordar a relação entre território e festas religiosas, Lima Filho, Cardoso e Alencar (2018), realizaram um estudo denominado “Festas de santo, território e alianças políticas entre comunidades quilombolas de Salvaterra, Marajó, Pará, Brasil”, investigando as festas de santos padroeiros e de devoção em quinze comunidades quilombolas do município de Salvaterra, na Ilha do Marajó. Por sua vez, os resultados do estudo mostraram que, apesar da existência de territórios específicos de cada comunidade, as festas religiosas colaboram na construção e reafirmação de alianças políticas, estabelecendo uma relação entre os territórios, ao passo que integra as comunidades quilombolas em uma rede de festividades, excedendo as fronteiras territoriais comunitárias.

As festas de santo, portanto, são eventos que permitem a reafirmação do sentido de pertencimento a uma comunidade e a um território, reforçando a disposição de lutar pela garantia de direitos territoriais perante o Estado (LIMA FILHO; CARDOSO; ALENCAR, 2018, p. 109).

De forma geral, é possível observar a partir dos estudos apresentados, que a constituição do território em festas populares é firmada a partir das crenças, manifestações e das relações que se formam no espaço. Por sua vez, foi possível verificar que o corpo também passa a ser um território, sendo as culturas afro-brasileiras exemplos de tal prerrogativa, já que a própria expressão do corpo durante a festividade evidencia ocupação territorial, ou seja, o corpo usado como espaço de manifestação. Contudo, a formação dos territórios e os elementos referentes à territorialidade, podem ser descritos e analisados a partir das festas religiosas, as quais, além de refletirem a identidade de determinada comunidade, apresentam a dominação do espaço por parte da igreja, e a concepção dos espaços sagrados e profanos, originando territórios díspares, como espaços de orações e espaços de comércio.

2.2.3. As festas: território de mercantilização

Trigueiro (2005) destaca que o conjunto de manifestações populares, como as festas, a culinária e o artesanato, envolvem a participação conjunta entre os grupos que praticam as atividades intrínsecas à cultura, e os grupos midiáticos. Nesse sentido, os grupos midiáticos podem ser entendidos como organizações sociais, políticas e econômicas, que atuam por meio de empreendimentos voltados ao turismo, entretenimento ou comercialização de produtos.

Em consonância ao exposto, Cruz; Menezes e Pinto (2008), elucidam que as manifestações festivas são impactadas por interesses industriais culturais, uma vez que as festas contemplam a diversidade de elementos característicos, se tornando fonte de atração dos grupos locais e de diversas comunidades e povos, e, nesse aspecto, passam a ser um elemento agregador

de culturas. Consequentemente, as festas emergem outros significados e novas relações sociais são estabelecidas, sendo englobado aos valores tradicionais, valores midiáticos.

Assim posto, o escopo de manifestações culturais populares são identificadas como elementos que geram valor aos grupos midiáticos de consumo, visando adequação às demandas do mercado global para a mercantilização de produtos variados que possuem relação com a cultura dominante (TRIGUEIRO, 2005). Chaves (2014) corrobora com essa explanação ao evidenciar que a ação turística na conjuntura de manifestações populares, faz com que as pequenas comunidades e as festividades culturais se tornem produtos de comércio turístico.

Nessa mesma linha, Costa (2010) atenta para o fato de que a festa passa a ser entendida como um espaço de troca, sendo caracterizado pelas feiras, nas quais, sobressaem a comercialização de produtos e o desenvolvimento das relações sociais.

As ligações entre festas são, então, tecidas: os excedentes eram trocados entre os membros da mesma aldeia ou de lugares próximos e este eram também, um tempo de festa. A feira persistiu como o lugar onde acontece a troca de produtos e onde encontramos as pessoas, onde trocamos informações, ideias. (...) a própria feira é uma festa, o momento do encontro que persiste à troca comercial (COSTA, 2010, p. 53).

Assim posto, as festas apresentam novos significados, sendo caracterizadas por elementos econômicos e políticos, ao passo que a cidade passa a ser produzida a partir das leis de reprodução capitalista.

Nesses novos momentos vividos pela cidade, a festa passa a ser parte da indústria cultural e, com isso, passa a ter uma necessidade constante do que é novo, mesmo que este seja velho (re) laborado, isso acaba por se tornar visível no sentimento dos jovens, que demonstram em suas falas e nos seus visuais o desejo do novo e, com isso, temos a elaboração de novos sentidos (COSTA, 2010, p. 56).

Por sua vez, Ferreira (2013) defende que as festas populares são instrumentos que possibilitam a compreensão dos fenômenos de comunicação, além de serem uma mercadoria de promoção turística e, especialmente, um elemento de construção da cidadania e consolidação das relações sociais e identitárias. Nesse contexto, Mendonça (2001) elucida sobre a tendência de fragmentação e mercantilização das manifestações culturais, destacando a introdução de padrões comerciais e globais no cerne das culturas, o que acaba transformando e impactando os territórios de origem das manifestações, sejam elas de cunho religioso ou não.

De forma complementar, Farias (2005, p. 665) expõe que a

materialidade turística deu consistência aos nichos das viagens e aos lugares turísticos e estes passaram a corresponder, cada vez mais, a espaços de circulação intensa e densa integração funcional da economia capitalista global, espaços esses demarcados como territórios de fronteiras indefinidas, permeados pelos signos da civilização moderna, por intermédio da materialidade dos seus utensílios e pela regulação das suas instituições cosmopolitas, aninhadas na rede de consumo transnacional.

Não obstante, os estudos de Costa (2011) refletem essa realidade ao analisar as festas religiosas populares nas cidades da Amazônia, relacionando o estudo com resultados de uma investigação acerca da Festa de São José, realizada na Feira do Guamá, bairro caracterizado como periferia e de grande população em Belém. Como resultados da pesquisa, foi verificado que a festa proporciona um ambiente de trocas mais acirrado e participativo, diferentemente do cenário comercial praticado no dia a dia das atividades da feira. Nesse sentido, cabe dizer que as trocas acontecem não apenas sob a ótica religiosa e lúdica, mas também pelas esferas econômicas emergidas durante a festividade.

A partir dos exposto, ao analisar as festas populares, em especial as festas religiosas católicas, é possível dizer que a realização da festividade em adoração à uma divindade, contempla em sua conjuntura espaços que são destinados à prática de mercantilização de produtos. Por sua vez, os espaços passam a contemplar características e simbologias específicas, sendo vistos como territórios de adoração, mas também, territórios de comércio.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo geral deste trabalho consistiu em analisar como se configura a territorialidade no contexto da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade-GO, a partir das relações estabelecidas entre comerciantes, moradores, poder público e peregrinos. Por sua vez, para atender ao objetivo geral do estudo, os objetivos específicos compreenderam: a) caracterizar a Festa do Divino Pai Eterno na cidade de Trindade; b) analisar a dimensão religiosa no tocante aos espaços da festa considerados sagrados e profanos na perspectiva dos diversos atores investigados (comerciantes, moradores, poder público e peregrinos); c) investigar os impactos econômicos, políticos e sociais da festa na perspectiva dos indivíduos analisados; e d) caracterizar as peculiaridades que revelam a existência de territórios no contexto festivo de análise, a partir de elementos como domínio, disputas e controle dos espaços.

Por sua vez, este trabalho caracteriza-se por ser uma pesquisa de natureza qualitativa, a qual tem por interesse a análise e a interpretação de elementos profundos que não estão claramente explícitos, mas que influenciam de forma significativa o comportamento humano (MARCONI; LAKATOS, 2011). Estudos qualitativos permitem ao pesquisador maior conhecimento do problema analisado, a partir das falas, gestos e atitudes, aspectos e comportamentos do público investigado, acarretando uma compreensão mais íntima e expressiva auxiliando na construção da análise. Ainda nessa perspectiva, ressalta-se que as ações acontecem de maneira espontânea, o que o torna rico na aquisição de dados descritivos,

visto que a realidade é trabalhada de forma mais ampla e reveladora (GODOI; MELO; SILVA, 2010; MARCONI; LAKATOS, 2011).

Duarte (2002), salienta que as pesquisas qualitativas geralmente são caracterizadas pela realização de entrevistas, as quais devem ser aplicadas a partir da definição de critérios para seleção adequada dos sujeitos a serem analisados. Por sua vez, será a partir de uma seleção baseada em critérios de escolha, contemplando sujeitos que consigam expor com qualidade de informações pertinentes as interfaces do problema investigado, que possibilitará ao pesquisador uma construção analítica mais ampla, levando à compreensão do problema investigado.

Em adição, Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002) e Pessoa (2012) destacam que os resultados oriundos da investigação qualitativa estão baseados nas crenças, percepções, sentimentos e valores dos sujeitos e, portanto, há um sentido na maneira como eles se comportam, uma significância que passa a ser revelada ao passo que as ações e fenômenos do ser são analisadas mais profundamente, já que não são conhecidas de forma imediata.

No tocante à geografia, Lima e Moreira (2015) versam sobre a importância do desenvolvimento de pesquisas qualitativas no campo geográfico, evidenciando que estudos dessa natureza estão fundamentados na ideia de que as sociedades humanas encontram-se inseridas em certos espaços com formação social peculiar, e nesse sentido, os diversos atores presentes no espaço (indivíduos, grupos e classes) conferem significância ao que os cerca, às ações praticadas e à história de vida dos mesmos. Nesse aspecto, pesquisas de natureza qualitativa compreendem a existência de “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O objeto é sob essa perspectiva, essencialmente, qualitativo.” (LIMA; MOREIRA, 2015, p. 28).

Assim posto, para atender aos objetivos apresentados nesta pesquisa, foram utilizados como instrumentos para coleta dos dados entrevistas estruturadas orientadas por um roteiro contendo perguntas previamente estabelecidas.

Fraser e Gondim (2004) atentam que na realização de entrevistas estruturadas o pesquisador deve planejar de maneira antecipada como será o desenvolvimento do diálogo a ser estabelecido entre ele e o sujeito pesquisado, justamente pela possibilidade de ocorrência de eventos inesperados durante sua execução. Entrevistas estruturadas contemplam roteiros com perguntas previamente construídas, norteando a investigação e auxiliando o pesquisador a conduzir os questionamentos de forma a obter as informações relevantes que contribuirão para a construção de um estudo valoroso.

Dessa forma, destaca-se que neste trabalho foram realizadas um total de vinte (20) entrevistas com os sujeitos investigados, incluindo: (9) comerciantes, (4) moradores, (1) poder

público e (6) peregrinos. Em adição, as entrevistas foram realizadas no mês de abril do ano de 2018 e nos meses de junho, julho, outubro, novembro e dezembro do ano de 2019.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes e, conseqüentemente, transcritas para análise, conforme assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Destaca-se, ainda, que esta pesquisa está aprovada no Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia, com o Parecer nº 3.669.605.

A partir das entrevistas realizadas, o Quadro 1 apresenta o perfil dos respondentes. Como pode ser observado, a maioria dos entrevistados são do sexo feminino, idade entre 20 a 66 anos, pardos e negros, e pertencentes à religião católica.

Quadro 1: Perfil dos respondentes

Perfil (20 entrevistados)					
Descrição	Sexo	Idade	Raça	Escolaridade	Religião
Comerciante 1	Masculino	44 anos	Pardo	Ensino Médio completo	Ateu
Comerciante 2	Masculino	34 anos	Negro	Ensino Médio completo	Espírita e Candomblecista
Comerciante 3	Feminino	48 anos	Parda	Ensino Médio completo	Católica
Comerciante 4	Feminino	41 anos	Negra	Ensino Médio completo	Católica
Comerciante 5	Feminino	66 anos	Negra	Ensino Fundamental incompleto	Católica
Comerciante 6	Masculino	45 anos	Pardo	Ensino Fundamental completo	Católica
Comerciante 7	Masculino	48 anos	Branco	Ensino Fundamental completo	Católica
Comerciante 8	Feminino	29 anos	Branca	Ensino Médio completo	Católica
Comerciante 9	Masculino	55 anos	Pardo	Ensino Fundamental completo	Católica
Morador 1	Feminino	52 anos	Negra	Ensino Fundamental completo	Católica
Morador 2	Feminino	20 anos	Negra	Ensino Fundamental completo	Evangélica
Morador 3	Feminino	32 anos	Parda	Ensino Fundamental incompleto	Católica
Morador 4	Feminino	34 anos	Parda	Ensino Médio completo	Católica
Poder público	Feminino	30 anos	Parda	Ensino Superior completo	Católica
Peregrino 1	Masculino	50 anos	Pardo	Ensino Fundamental incompleto	Católica
Peregrino 2	Feminino	29 anos	Negra	Ensino Médio completo	Católica
Peregrino 3	Masculino	52 anos	Pardo	Ensino Médio completo	Católica
Peregrino 4	Masculino	25 anos	Negro	Ensino Médio completo	Católica
Peregrino 5	Masculino	25 anos	Pardo	Ensino Médio completo	Católica
Peregrino 6	Feminino	35 anos	Parda	Ensino Superior completo	Católica

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Por sua vez, de forma complementar foi incluído neste estudo Notas de campo, versando sobre as peculiaridades da festa, em especial aos aspectos territoriais observados durante a investigação. Nesse sentido, as observações apontadas em Notas de campo foram elaboradas tanto em períodos correspondente à realização da Festa em honra ao Divino Pai Eterno em Trindade-GO (meses de junho e julho do ano de 2019) e em períodos não festivos (meses de abril de 2018 e novembro de 2019).

As notas de campo podem ser entendidas como uma descrição escrita elaborada pelo pesquisador a partir das experiências obtidas e observações vivenciadas no contexto de análise.

Assim, este instrumento permite a construção de um cenário englobando pessoas, objetos, lugares, relatos e atividades que envolvem o fenômeno investigado na pesquisa.

[...], as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as ideias e preocupações. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 152)

Para atender aos objetivos deste estudo, optou-se pela utilização da técnica análise de conteúdo para a análise dos dados, tendo como foco a medição do conteúdo semântico ou o aspecto o quê da mensagem (COOPER; SCHINDLER, 2011). Em adição, Bardim (2011) elucida sobre a aplicação da análise de conteúdo em pesquisas científicas, destacando as contribuições da utilização da técnica que tem como base o rigor da objetividade, ao mesmo tempo que busca desvendar de forma profunda a subjetividade dos elementos investigados. Nesse sentido, o emprego da técnica para Bardim (2011, p. 15), “Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem”.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

4.1. Caracterização da festa: historicidade e tradição, estrutura (higiene e segurança), a festa como fator de desenvolvimento da cidade, aspectos territoriais

Para adentrar às peculiaridades da festa em honra ao Divino Pai Eterno, se torna necessário conhecer o principal espaço de ocorrência dessa manifestação religiosa católica brasileira: o Santuário Basílica do Divino Pai Eterno. A igreja basílica está localizada na cidade de Trindade-Goiás, e é apontada como a única basílica no mundo em devoção ao Divino Pai Eterno, tendo recebido o título em 4 de abril de 2006 pelo Papa Bento XVI (PORTAL PAI ETERNO *online*, 2019). Por sua vez, as atividades desenvolvidas pela igreja compreendem missas, confissões, batizados, novenas, além dos serviços realizados pela secretaria, lojas da igreja e visitas à Sala dos Milagres. As missas e novenas acontecem tanto de forma presencial, quanto pelos meios de comunicação, sendo transmitidas pela TV Pai Eterno, Rede Vida e PUC TV, nos respectivos horários, conforme descritos no Quadro 2.

Quadro 2: Programação das atividades do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno

Programação das atividades do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno			
Santuário Basílica	Segunda a sexta Missas: 7h e 19h30 Quarta-feira Missas: 9h e 19h30 Sábado Missas: 7h, 10h, 15h e 17h30	Funcionamento da secretaria Seg. a Sex.: 7h às 21h Sáb.: 6h às 20h Dom.: 5h às 20h	-

	Domingo Missas: 5h45, 8h, 10h, 12h, 15h e 17h30		
Santa Missa TV	TV Pai Eterno Seg. a Sex.: 7h e 19h30 Qua.: 9h e 19h30 Sáb.: 7h e 17h30 Dom.: 6h, 8h, 10h e 17h30	RedeVida Seg., Ter., Qui. e Sex.: 7h Qua.: 9h Sáb.: 7h e 17h30 Dom.: 17h30	PUC TV Sáb.: 17h30 Dom.: 8h
Novena dos Filhos do Pai Eterno	TV Pai Eterno Seg. a Sex.: 10h, 12h30, 17h e 20h30 Sáb.: 8h Dom.: 9h e 11h	RedeVida Seg. a Sex.: 10h, 17h e 20h Sáb.: 10h e 21h Dom.: 9h	PUC TV Todos os dias: 6h30
Novena do Perpétuo Socorro	TV Pai Eterno Seg. a Sex.: 8h30, 14h30 e 19h Sáb.: 14h30 e 19h30 Dom.: 12h30	RedeVida Seg. a Sáb.: 8h30 e 14h30 Dom.: 12h30	-
Santo Terço dos Filhos do Pai Eterno	TV Pai Eterno Seg. a Sáb.: 6h Dom.: 5h30	RedeVida Seg. a Dom.: 6h	-
Programa Pai Eterno	TV Pai Eterno Seg., Ter., Qui. e Sex.: 9h	RedeVida Seg. a Sex.: 7h45 e 10h30	PUC TV Dom.: 17h30

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A festa do Divino Pai Eterno compreende dez dias festivos, iniciando sempre na última sexta-feira do mês de junho e finalizando no primeiro domingo do mês de julho de cada ano. Considerando a amplitude do espaço de instalação da igreja, os eventos religiosos realizados durante a festa se concentram no estacionamento da basílica, sendo este o principal espaço utilizado para a prática das atividades religiosas (ver Figura 9). Assim, para o desenvolvimento das celebrações festivas, como as missas, é organizada toda uma estrutura contendo palco, cenário, som e iluminação.

Ao adentrar à análise realizada a partir dos relatos dos entrevistados, as primeiras observações se concentraram na caracterização da festa e em como tal festividade é retratada pelo público investigado, sendo este composto pelo poder público, comerciantes, moradores e peregrinos. Por sua vez, inicialmente é possível inferir a partir dos relatos que a origem da devoção decorre da descoberta de um medalhão contendo a imagem da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria, e que, primeiramente, as manifestações religiosas foram sendo realizadas por meio de culto doméstico à divindade, como exposto nos fragmentos (001) e (002). Não obstante, o contexto de peregrinação em honra ao Divino Pai Eterno é retratado como um marco da festa em Trindade, considerando que a conjuntura histórica revela que a volta de Constantino Xavier a pé carregando a imagem, corresponde à primeira romaria.

(001) [...] as informações que tem é que essa devoção [...] iniciou-se em 1840 quando foi achado o medalhão pelo casal de agricultores aqui na cidade, e esse medalhão depois [...] começou a reunir famílias [...] e foi tomando uma proporção grande, é... cerca de 1845 a 1850, esse mesmo [...] casal, o seu Constantino Xavier, [...] conta a história que ele viajou de cavalo pra uma cidade próxima que chama Pirenópolis [...] que é uma cidade em torno de uns 90 a 100 quilômetros daqui, de cavalo, pra mandar um artesão fazer uma imagem do Pai Eterno, que aí, essa imagem seria uma imagem maior pro pessoal se reunir [...] Conta a história que, depois de feita a imagem [...] o dinheiro que ele tinha levado pra pagar a imagem não deu e ele teve de dar o cavalo dele pra pagar essa imagem né, e que ele retornou de Pirenópolis aqui pra Trindade a pé [...] daí o início [...] de toda a peregrinação né, desde 1840 [...] e foi crescendo, a romaria foi tomando uma proporção grande [...] a cada ano que passa [...] aumenta-se mais ainda [...]. (Comerciante 9)

(002) Em Trindade-GO, é a primeira romaria do mundo dedicado ao Divino Pai Eterno e a maior também né, inclusive o medalhão ele foi achado aqui, ele foi encontrado aqui, então tudo começou aqui [...] por volta de 1840 um casal de lavradores encontrou um medalhão contendo a imagem da santíssima Trindade coroando a virgem Maria [...] lavrando a terra mesmo, trabalhando a terra, e ali eles começaram um culto doméstico né, eles viram que aquilo tinha algo especial, e na casa deles começou aquela parte de oração, de rezar o terço [...] como era uma área muito rural os vizinhos começaram a vir pra casa do casal, do Constantino Xavier e da Dona Rosa. E milagres começaram a acontecer, aquilo começou aumentar [...] de uma forma que Constantino sentiu o desejo de fazer uma imagem que é a imagem do Divino Pai Eterno que nós temos hoje a partir daquele medalhão. Então ali ele foi pra Pirenópolis [...] diz-se que ele encomendou uma imagem pra [...] Veiga Valle né, que foi ele que fez a nossa primeira imagem, e que ele não tinha o dinheiro de pagar [...] o dinheiro que ele levou não dava. Então ele deixou o cavalo que ele foi e voltou a pé pra Trindade, a gente fala que é o primeiro peregrino andante, o Constantino Xavier que fez a primeira romaria né. A outra romaria no contexto da peregrinação acontecia até a casa deles naquele momento, que as pessoas elas iam a pé, elas iam de carro de boi ou a cavalo, tanto que hoje nós temos aqui a maior romaria de carros de boi do mundo também. [...] Então foi aí que começou o sentimento de peregrinação da devoção ao Divino Pai Eterno, com Constantino e com essas pessoas que acorriam à casa deles pra fazer o culto doméstico à imagem do Divino Pai Eterno e que começaram a receber esses milagres [...] Constantino doou a terra pra construção da primeira igreja (...) a romaria do Divino Pai Eterno ela começou com a organização dos leigos que são as pessoas que são devotas, mas que não tem nenhuma formação religiosa, que não são consagradas. [...] (Poder público)

Nessa conjuntura histórica, os relatos apresentados ainda indicam que o desenvolvimento da cidade se encontra fortemente relacionado ao contexto religioso católico de devoção, pois, ao longo do tempo, as transformações ocorridas na cidade envolveram, em sua maioria, aspectos religiosos, como a participação primária de leigos e, posteriormente, a atuação de missionários e redentoristas da igreja (fragmento (003)).

(003) [...] a romaria do Divino Pai Eterno ela começou com a organização dos leigos que são as pessoas que são devotas, mas que não tem nenhuma formação religiosa, que não são consagradas. Depois chegaram os missionários e redentoristas pra organizar. [...] eles organizaram não só a questão religiosa, mas eles ajudaram a cidade a desenvolver. Porque eles trouxeram primeiro o cinema, [...] a primeira praça foi construída depois que eles chegaram ali, essa igrejazinha no monte que está hoje foi construída já quando eles estavam aqui, e a romaria é isso. [...] a gente sabe que o centro sempre foi o Divino Pai Eterno, essa cidade não existiria sem ele aqui, ou existiria com um outro perfil né (Poder público)

Por sua vez, os relatos apresentados possibilitam entender que, além de tradição, a devoção também corresponde a uma forma de promoção da cidade, já que o composto religioso católico é apontado como principal fator de desenvolvimento de Trindade, sendo possível relacionar essa realidade aos estudos de Trigueiro (2005) e Chaves (2014), ao discorrerem sobre as manifestações populares enquanto elementos que geram valor aos grupos midiáticos de consumo. Nesse sentido, a ação turística na conjuntura de manifestações realizadas em Trindade, faz com que a própria cidade e a festa se tornem produtos de comércio turístico.

Continuando a contextualização histórica, apesar da festa em honra ao Divino Pai Eterno ter suas primeiras celebrações ocorridas na Igreja Matriz, atualmente o espaço principal de realização e onde se concentra maior número de pessoas é a Basílica do Divino Pai Eterno (fragmentos (004) e (005)). Nesse aspecto, a adequação de novos espaços para a realização da festa é justificada pelo crescimento do número de participantes, considerando que os eventos realizados na Igreja Matriz já não conseguiam comportar a quantidade de pessoas (006).

(004) [...] era na matriz né, depois que veio ter a Basílica, depois que construiu que veio pra cá [...] porque vem a procissão de lá pra cá [...] os doze dias de novena tem a procissão de madrugada, às 04:00 horas já começa a anunciação, os foguete, a gente desce pra matriz e sobe na procissão. (Comerciante 5)

(005) A festa é realizada ali na Basílica. [...] Tem [...] as novenas né, e o encerramento da festa é ali na Basílica. (Comerciante 7)

(006) No início (a festa) era na matriz onde que encontraram o medalhão e essas coisas, aí como a população foi crescendo, aí passou pra Basílica. (Morador 3)

Nesse contexto, se observa que a influência dos meios de comunicação contribuíram consideravelmente para a divulgação da festa em nível nacional e internacional, dimensionando a manifestação religiosa (fragmentos (007), (008) e (009)) e, corroborando, assim, no aumento do número de visitantes e romeiros na cidade de Trindade, tanto brasileiros quanto do exterior (fragmentos (010), (011) e (012)).

(007) [...] depois do advento de ter colocado a televisão, a divulgação em relação à televisão, isso aí aumentou muito a Romaria [...] além do mês de julho que é o mês da festa em Trindade, durante o ano inteiro [...] (tem) vindo romeiros aqui pra visitar a cidade. (Comerciante 9)

(008) [...] já vi até gringo né, os gringos mesmo vêm. Porque é transmitido no Brasil todo né a festa... até mesmo a Missa, fora de época de festa, é transmitido na televisão, então o Brasil todo vê [...]. (Comerciante 8)

(009) a partir do momento que o padre Robson começou a divulgar ela para o Brasil inteiro na tv com esse trabalho que ele tem a gente começou a ter um alcance ainda maior [...] hoje a gente tem gente do Brasil inteiro principalmente da região sudeste, nordeste e gente até de fora do país [...]. (Poder público)

(010) [...] durante a Romaria, né, durante a festa de Trindade [...] previsões feitas até pela própria igreja, é cerca de 2 milhões e meio de pessoas [...] essa previsão durante o período da festa, agora, durante o ano inteiro, ah é milhares de pessoas que vem o ano inteiro. (Comerciante 9)

(011) [...] segundo as pesquisas do ano passado, esse ano, foi 3 milhões de pessoas aproximadamente que passou por Trindade. (Comerciante 6)

(012) Porque eles [romeiros] vêm de todo lugar né, então não tem [...] toda semana [...] o mesmo cliente, não, sempre cliente diferente. (Comerciante 8)

A festa compreende um rol de celebrações religiosas que são desenvolvidas ao longo da semana de sua realização, como missas, novenas, concertos, encontros de jovens, batizados, vigílias, confissões, desfiles de carro de boi e shows artísticos. Convém destacar, que, ao longo do tempo, a festa apresentou várias transformações, impactando na conjuntura econômica, política e social de Trindade. Inicialmente, se observa nos relatos que a festa se caracteriza pelo crescimento de forma repentina e acelerada, o que passou a exigir por parte do poder público a organização dos espaços e implementação de normas com vistas a manter a ordem (fragmentos (013), (014), (015) e (016)). Conforme o fragmento (016), é possível inferir sobre a existência de certo controle dos espaços de ocorrência do evento festivo, tendo em vista que este passa a ser delimitado e controlado pela atuação do poder público, remetendo aos estudos de Sack (1986), ao dissertar sobre territorialidade, destacando elementos como estratégias de gestão, manutenção e desenvolvimento territorial. Assim, como mostra o fragmento em questão, ao delimitar os espaços para a realização da coleta de lixo, é possível entender que tal ação indica a existência de territorialidade a partir da prática de gestão realizada pelo poder público.

(013) [...] cresceu de forma estupenda que a gente não esperava [...] de forma muito repentina. [...] nós não imaginávamos que nós chegaríamos nesse ponto, então a gente foi obrigado a se organizar. Porque a gente se organizando ou não eles (romeiros e visitantes) vão estar aqui de qualquer forma [...]. (Poder público)

(014) [...] (a festa) começou acontecer de uma forma desorganizada [...] Então hoje a gente no âmbito econômico, por exemplo, a gente não sente tanto esse impacto porque tudo que nós recebemos a gente reinveste em estrutura para esses fiéis que vão estar aqui durante a romaria. [...] no sentido social também, a gente tem que se preparar porque a gente recebe andarilhos, pedintes. Gente que vem pra cá pra pedir, gente que usa criança pra pedir, então a assistência social do município ela tem todo um cuidado com essas crianças de acolher, de oferecer uma refeição adequada durante o dia, de dar um abrigo, senão elas ficam aí na rua [...] essa questão social mesmo né, hoje a gente recebe romeiro todo fim de semana, então as pessoas (moradores de Trindade) [...] já entenderam que elas têm que abrir o coração e tem que abrir também as portas pra essas pessoas né. Porque a gente tem que conviver com elas aqui todo dia, todo dia tem gente aqui [...]. (Poder público)

(015) [...] as normas que a gente tem são as básicas de todo o ano, tanto na questão de Corpo de Bombeiros de avaliar a estrutura que é montada, e já oferecido, o Corpo de Bombeiros inclusive já fez a rota dele de passar em todas as pousadas pra avaliar a segurança desses lugares. Vigilância sanitária, de cuidado tanto com limpeza e higiene dessas pousadas quanto com alimento que é oferecido. Então eles já sabem que todo dia tem fiscal passando ali vendo como é que tá aquela estrutura [...]. (Poder público)

(016) o caminhão de limpeza não entra aqui, então a gente tem que ter pessoal, homem que busca, que vai lá, a coleta ela aumenta [...] triplica [...] a gente organiza dessa forma entendeu, espalha os latões de lixo e delimita o espaço [...]. (Poder público)

As festividades e celebrações religiosas são apontadas como elementos de tradição e devoção, com destaque para a Missa da Alvorada e o Desfile dos Carros de Boi (fragmentos (017), (018) e (019)), sendo considerados como os eventos de maior destaque pelos peregrinos, principalmente pela característica peculiar de utilização de fogos de artifício como forma de anunciar a celebração. Nesse sentido, por sua vez, a prática soltar fogos para anunciar a celebração da missa é um elemento que faz parte da manifestação religiosa, sendo possível relacioná-lo aos estudos de Mendonça (2001), ao se referir que a conjuntura festiva contempla expressões culturais simbólicas características a cada grupo ou comunidade.

(017) O que mais me chama a atenção é [...] a última missa, o horário da última missa, ela inicia eu acho que cinco ou seis horas da manhã. Aí o Padre. Robson acorda todo mundo de madrugada com os foguetes, então isso aí é uma coisa que chama bastante atenção [...]. (Peregrino 5)

(018) Eu gosto da alvorada festiva, daquela, 05:30 horas dos fogos que eu acho muito bonito [...] acordar naquele som [...] ser acordada naquele momento [...] eu acho muito especial [...] você fazer uma caminhada da fé ali, [...] e chegar e ir nos pés do Divino Pai Eterno, comer, tomar um banho, deitar e hora que dá 05:00 horas da manhã ter aquela alvorada festiva, que é o início da festa do domingo, do último dia [...]. (Peregrino 6)

(019) [...] hoje nós temos aqui a maior romaria de carros de boi do mundo [...]. A gente recebe na romaria em torno de seiscentos carros de boi, trezentos e poucos deles desfilam [...]. (Poder público)

Apesar de fazerem parte do contexto de manifestação cultural da celebração, o incremento de fogos de artifício como característica da festividade e a utilização de animais durante a realização do desfile, suscitam contradições. Ao passo que na perspectiva dos peregrinos tais ações sejam definidas como um ato deslumbrante, moradores e comerciantes da cidade relatam o repúdio sobre essas manifestações. Quanto aos fogos, fica evidente a preocupação dos moradores com o bem-estar de indivíduos que possuem algum tipo de deficiência, de forma especial com o público infantil (fragmento (020)). Convém destacar, que na cidade de Trindade há um hospital filantrópico (Vila São José Bento Cottolengo), o qual é destinado ao auxílio de pacientes com deficiências físicas e mentais, comportando crianças, jovens, adultos e idosos. Dessa forma, a preocupação de moradores com a prática de fogos durante as festividades religiosas parece estar justificada na existência da unidade, como exposto no fragmento em questão.

No tocante ao Desfile dos Carros de Boi, bem como o Desfile dos Cavaleiros, os argumentos indicam questionamentos quanto ao que deve ser considerado tradição na conjuntura religiosa, haja vista o tratamento descrito aos animais durante a realização da festividade religiosa (fragmentos (021) e (022)). Neste sentido, se percebe que o desfile

enquanto tradição religiosa é entendido como “farra”, tendo assim um novo significado, explicitando discordâncias de representação.

(020) Eu só não concordo com os fogos, os foguete, porque tem criança especial que tem medo e a maioria do povo que vem pagar promessa “ah meu filho foi curado”, então a maioria são criança especial, e os fogo são muito. Quem tem criança especial [...] pode perguntar qualquer mãe [...] audição deles [...] é bem sensível. (Morador 4)

(021) [...] onde a cidade de Trindade é conhecida é isto daí, é a festa do Divino, a questão da Basílica, e o maior desfile de carro de boi do mundo né. Pra mim eu não vejo vantagem nisso daí, desfile de carro de boi pra mim se chama covardia, maltratar o animal. Tá certo, há setenta anos, cinquenta anos atrás cê não tinha esse tanto de carro que tinha aí, aí vinha todo mundo com a família, carro de boi, vinham das roças e vinham pra cá. Agora não, os cara tem fazenda, tem caminhão, tem tudo, aí pega um boi aí e fica uma semana andando, o cara arrastando aquele carro e espetando, sol quente [...] aquela loucura. Pra mim não condiz, o povo fala “nossa, mas é bonito, é tradição” eu falo, que tradição moço? Eu não concordo [...] E outra [...] **farra** (grifo nosso) também é o desfile dos cavaleiros, sexta-feira, junta [...] mais de mil cavalos, a galera [...] Tudo bêbado [...] sai 06:00 horas da manhã, até 18:00 horas da tarde. Cê passa o cavalo [...] tudo amarrado no tempo, o que eles maltrata animal... é explícito, e o povo quer justificar isso aí com a tradição... não existe [...] Não tá evoluindo. (Comerciante 2)

(022) [...] eu acho que hoje em dia é meio desnecessário né esse tipo de coisa [...] Uma coisa é cê embarcar seus bois, trazer todo aqui, vim aqui, ir lá participar do desfile e volta pra trás. Agora ficar aí com os animais vários dias na estrada, asfalto [...] boi não é pra asfalto, eu já vi aqui ó boi cair na minha porta aqui, babando, não sei se era de sede, ou de cansaço [...]” (Comerciante 1)

Dessa forma, é possível associar o exposto no argumento (022) aos pensamentos de Raffestin (1993) e Rosendahl (2008), à luz da abordagem sobre representação. Nas menções de Raffestin (1993), o território é entendido como uma produção a partir do espaço, emergindo em relações que instituem um campo de poder. O autor ainda acrescenta, que a produção de uma representação do espaço já é por si uma forma de se apropriar dele. Nesse sentido, é possível observar certa dominância por parte do poder público e da igreja em relação à prática dos desfiles com animais como marco de representação da fé católica. Assim posto, se entende que das manifestações (Desfile dos Carros de Boi e Desfile dos Carreiros) decorrem duas representações: a primeira, que as descrevem enquanto manifestações de tradição religiosa e símbolos da fé, sendo esta perspectiva retratada nos estudos de Rosendahl (2008), ao expor que o entendimento da representação e as simbologias dos grupos emergem nas manifestações materiais e imateriais relacionados à fé e à crença, praticadas por esses grupos; e, de forma oposta, a representação por parte de comerciantes, descrevendo-as como práticas de maus-tratos e crueldade aos animais. Contudo, apesar de existirem contradições nessas representações, os desfiles mencionados continuam sendo realizados e, nesse sentido, é possível dizer que essa realidade reflete a dominação territorial por parte da igreja e do poder público no tocante à festividade.

No tocante à estrutura da festa, também é evidente a existência de contradições nos relatos dos entrevistados. Ao passo que o poder público elucida sobre a organização estrutural da festa, expondo como um evento baseado em planejamento integrado e capaz de atender ao público de forma satisfatória (fragmento (023)), grande parte dos argumentos relatados por moradores e consumidores refletem que a estrutura e organização oferecidas pela prefeitura são insuficientes e, portanto, necessitam de melhorias, principalmente na questão de higiene (fragmentos (024), (025) e (026)). Por sua vez, os relatos explicitam que o aspecto higiênico da cidade é um dos mais agravantes, sendo o mais visível, sobretudo, após o período festivo (fragmentos (027), (028) e (029)). Considerando que a quantidade de visitantes na cidade é significativa na semana de realização da festa, a primeira semana após as festividades corrobora para que a cidade seja comparada a um “chiqueirão”, refletindo a falta de organização e estrutura oferecida (fragmento (025)).

(023) [...] hoje a gente senta com bombeiro, com a polícia, com as delegadas, os delegados, [...] com todos os secretários, com a igreja, e aí a partir disso a gente monta um plano de trabalho. Hoje a gente trabalha com gestão integrada, durante a romaria a gente se reúne todos os dias pra avaliar os prós e os contras que aconteceram, principalmente na questão de segurança [...] lá no Cade (entrada da cidade) a gente trabalha vinte e quatro horas, porque aquele mar de gente que se forma na rodovia [...] ali a gente fica o tempo inteiro limpando [...] a gente tem reforço de equipe né, nos trabalhos temporários que a gente oferece porque sozinhos a gente não consegue de fato. E ali é o tempo inteiro né, tanto de alimentação das pessoas que estão trabalhando quanto com o cuidado de quem tá por ali [...] a organização de uma romaria dessa é uma coisa... que eu não saberia te dizer em palavras, porque a gente tem que organizar primeiro a coleta de lixo da cidade, se a gente não se organizar eles (romeiros e visitantes) vão estar aqui de qualquer forma [...] as normas que a gente tem são as básicas de todo o ano [...] Vigilância sanitária, de cuidado tanto com limpeza e higiene [...] com alimento que é oferecido (Poder público)

(024) No meu ponto de vista deixa muito a desejar ainda, principalmente a parte sanitária da coisa [...] Não tem banheiro, não tem estrutura de banheiro. Alguns banheirinhos assim, aqueles banheirinhos químicos, mais aqui perto da igreja. No centro mesmo você anda e você nem vê [...] a festa de Trindade pra você comer é um risco, o lado sanitário da coisa [...] sabe aquelas barracas que faz maça do amor? Aquilo lá não tem uma água [...] é tudo nos balde, não tem água encanada, não tem um banheiro pros cara usar, entendeu? Uma cliente minha falou que foi no pit dog [...] o cara saiu de dentro do pit dog, foi lá no canto do muro, fez xixi, voltou e foi terminar de fazer o sanduíche. [...] Então quando você acerta a mão de comer num lugar, cê já firma ali e não corre esse risco entendeu. (Comerciante 1)

(025) Ah, falta muita coisa, infraestrutura, falta muita coisa. [...] Quer dizer, falta muita coisa, mas também é muita gente aí também é difícil né [...] por exemplo, durante a noite cheira muito mal aqui, as pessoas urinam no chão, falta muita estrutura aqui [...] é muita gente, os banheiros tudo sujo [...]. (Comerciante 7)

(026) [...] nois aqui é assim, o pessoal não tem banheiro, muitas vezes eles usam de noite garrafa, sacolinha, [...] a frente da minha casa é ali, tem o portãozinho, já chegou muitas vezes nois acordar e lá tá cheio de garrafa de urina que eles jogou, cocô, entendeu!? As calçada fedendo urina, então assim, higiene, a rua fica muito fedor. (Morador 1)

(027) [...] tipo assim, dá esse “boom”, dá um milhão de pessoas no domingo, na segunda-feira o queima pra quem trabalhou, fazer alguma coisa, na segunda cê anda

a cidade tá um nojo [...] o esgoto a céu aberto sabe. A estrutura de banheiro aí pra um milhão de pessoas não tem [...] Aí você imagina o **chiqueirão** (grifo nosso) que virou isso daí [...] Trindade, a questão de banheiro [...] a cidade fica um nojo, segunda e terça é inevitável, cê sai assim e [...] é terrível [...] uma semana, dez dias [...] aquilo tudo. [...] depois que passa a festa que o pessoal vai tentar dar uma limpada na cidade, joga aquela água ali, vem varrendo e vai subindo tudo. [...] depois que passa o carro de boi [...] o povo vem varrendo aquele cocô de boi que ficou ceco no asfalto, verde [...] Uma menina que eu conhecia ela tinha problema cardíaco e ela ficou mais doente ainda, com problema respiratório [...] na quarta-feira que passou a festa ela deu “tchau” pra todo mundo, morreu, complicação por causa desse negócio. (Comerciante 2)

(028) Fica um mal cheiro, fica lixo [...] lá no centro da cidade como não tem como acabar o comércio assim que acaba a festa, o lixo continua [...] trabalho de formiguinha, fica lá os gari trabalhando sendo que não dá conta, depois que acaba tudo isso aí a prefeitura manda o caminhão pipa lavar o centro da cidade, eles vem no centro, lavando, organizando, não é o suficiente, mas melhora muito. Então, o mau cheiro fica insuportável. (Comerciante 6)

(029) É muita bagunça, é muita sujeira na cidade, nossa! [...] Vou te falar uma coisa: um lixo, um lixo, vai umas duas ou três semanas pra cidade ficar harmonizada. [...] Muita bagunça, muita sujeira, mas eles tentam limpar, o prefeito age da forma dele [...] mas deveria melhorar mais coisa nesse sentido também. (Comerciante 4)

Analisando o fragmento (023), é possível discursar sobre a existência de elementos que refletem a territorialidade apresentadas por Sack (1986), a partir da prática de gestão integrada mencionada, destacando a atuação de bombeiros, polícia e delegados junto ao poder público, além do desenvolvimento de um plano de trabalho. Dessa forma, tais elementos podem ser entendidos como forma de controle e dominação impostas por esse grupo na forma de regras e imposição, as quais, são instituídas aos grupos de moradores, comerciantes e peregrinos, de forma a serem cumpridas.

De maneira complementar, além do território festivo caracterizado pela falta de estrutura, é possível dizer a partir dos relatos, que a festividade contribui para a emergência de novos territórios, refletindo os estudos de Saquet (2009), ao abordar a relação espaço-tempo. Conforme a festa acontece, a conjuntura da cidade é transformada, principalmente, em relação aos aspectos visíveis de higiene. Nesse sentido, a ocorrência da festa origina novos territórios, sendo esses observados pela sujeira, bagunça e mal odor na cidade após período festivo, contribuindo para que a concepção de “cidade”, seja substituída pela terminologia “chiqueirão”.

Como foi discursado no fragmento (027), o entrevistado infere sobre a gravidade da falta de estrutura em relação à higiene ambiental da cidade, destacando que a insuficiência corrobora em agravantes de saúde. Por sua vez, esta perspectiva também é evidenciada nos argumentos apresentados pelo Comerciante 1, ao destacar que, após o período festivo, geralmente a cidade fica vulnerável a sofrer algum tipo de epidemia (fragmento (030)), realidade que também permite a associação aos estudos de Saquet (2009), refletindo na relação

espaço-tempo sobre a concepção de novos territórios. Nesse aspecto, o território da cidade passa a ser um território caracterizado pelas epidemias que surgem após o período festivo.

(030) [...] geralmente depois que passa a festa de Trindade, uma semaninha depois dá algum tipo de surto. [...] uma que deu há uns cinco anos atrás, que o pessoal ficou cego, uns ficou sem falar [...] Meningite, até surto de meningite já teve... teve um ano que foi mais de vinte casos. (Comerciante 1)

Além da falta de higiene ambiental evidenciada nas entrevistas, outro aspecto referente à falta de estrutura corresponde à falta de água e energia em período festivo, impactando, principalmente, na funcionalidade do comércio local (trechos (031) e (032)).

(031) [...] Toda festa acaba energia [...] cê tá com o movimento ali, acabou energia [...] no meu caso eu cerco uma área e deixo só a entrada, acabou a energia eu já vou lá pra porta [...] pra não ter o perigo (de roubo). (Comerciante 2)

(032) Muito pouca organização. Eu acho que por tempo que tem a festa de Trindade eles poderiam ter, ôh, época de festa da Trindade: falta água, falta energia [...] coisa corriqueira que a gente já sabe que vai acontecer, a gente que não é do ramo sabe, mas eles não prepara pra isso ou se prepara, não prepara direito e todo ano é a mesma coisa. (Comerciante 6)

Na abordagem sobre segurança, apesar de alguns entrevistados destacarem a presença de policiamento constante durante a realização da festa (fragmentos (033) e (034)), é possível observar a partir dos relatos a frequente existência de práticas ilícitas como roubos no decorrer das festividades (fragmentos (035), (036) e (037)).

(033) Ah, é muito bem organizada, principalmente a questão de segurança melhorou bastante, porque antigamente não tinha muito segurança né, hoje já tem muito. Então melhorou bastante (Comerciante 8)

(034) [...] eu vejo que existe uma preocupação muito grande das autoridades dessa área de segurança pra [...] que o peregrino, o romeiro, que ele tenha o máximo de segurança durante esse período [...]. (Comerciante 9)

(035) [...] o que acontece aqui geralmente são assaltos, inclusive dentro da igreja. [...] De vez em quando a gente tem alguns momentos desconfortáveis assim. Por que? As pessoas estão ali com uma intenção muito boa, e no momento que elas estão ali com a intenção muito boa elas acabam descuidando da bolsa [...] porque ela acha que ela tá num lugar onde nada pode atingir ela. Mas no meio de gente boa demais tem gente ruim demais, então a pessoa aproveita a vulnerabilidade de quem tá ali pra pegar uma carteira num bolso [...] (Poder público)

(036) [...] a questão de segurança tem é mais o furto de bolsa, carteira [...] Na igreja mesmo tem demais [...] Vem é... família pra roubar [...] cê tá com a bolsa aí vem um... e o outro já dá uma trombadinha aqui e [...] já passa pro outro e já sumiu. (Comerciante 2)

(037) [...] tem aqueles que não vêm pra rezar, [...] que até dentro da igreja eles arrancam as bolsas do povo [...] Aqui na loja mesmo já veio gente que assistindo a missa lá [...] saiu sem a carteira. (Comerciante 3)

Por sua vez, como pode ser observado, os fragmentos indicam que os espaços de maior ocorrência de roubos durante a festa são as próprias igrejas, suscitando reflexões sobre espaços sagrados que são utilizados para práticas profanas. Nesse sentido, tomamos como base os

estudos de Rosendahl (1999), a qual elucida que é o espaço sagrado que delimita o espaço profano. Assim posto, a autora defende que a igreja é entendida como espaço de sacralidade, enquanto que, em seu entorno, as práticas externas à instituição seriam configuradas como os espaços profanos da festa. De forma complementar, Barros e Nascimento Neto (2011) também corroboram com tal afirmativa, ao elucidarem em seus estudos a Igreja enquanto espaço sagrado, sendo um território de práticas religiosas. No entanto, ao analisar os argumentos, é possível entender, que, apesar da igreja ser considerada o espaço sagrado que limita o profano, na festa em análise se verifica que a sacralidade não impede a prática de profanidade, já que práticas ilícitas também ocorrem no interior das igrejas.

Em adição, com destaque para os comerciantes, vários relatos evidenciam a preocupação em relação à falta de segurança, principalmente no que concerne à forma de lidar com o empreendimento no período da festa (fragmentos (038) e (039)) e da vulnerabilidade de peregrinos e visitantes, considerando que grande parte destes indivíduos não são orientados pelas autoridades, ficando desatentos e sujeitos a sofrerem algum tipo de crime (fragmento (040)).

(038) Acontece (roubos), demais, demais [...] Fora da festa também acontece isso [...] essas coisas assim que nois deixa de fora, sempre na festa eu não gosto de deixar, eu deixo tudo lá dentro, que lá fica mais fácil da gente olhar as coisas, porque o ano passado mesmo aconteceu muito, depois (que passa a festa) debaixo da mercadoria que tiver aqui de fora cê encontra documento das pessoas que vieram com carteira [...] que rouba as bolsa delas e depois tira o dinheiro e enfia assim (os documentos), na mercadoria da gente [...]. (Comerciante 5)

(039) [...] A gente tem que ser muito precavido durante esse período também, porque da mesma forma que vem pessoas bem intencionadas pra festa de Trindade, que vem participar da Romaria, vem participar da novena, vem pessoas também mal intencionadas. [...] a experiência que eu tenho, sempre a gente tem que tá atento, sempre tem que deixar uma pessoa na frente (da loja), né, ali, olhando, observando a movimentação, mas a questão [...] desses pequenos furtos [...] infelizmente ocorre [...] tem que ter muita atenção no teu negócio [...] por ser geralmente [...] assim, um material pequeno, né, coisas pequenas, é mais fácil ser furtado [...]. (Comerciante 9)

(040) [...] tem gente que vem por conta de roubar o senhorzinho mais a senhorinha. [...] (um amigo) saiu daqui de casa [...] pra ir ver a missa aqui na esquina, nesse trajeto ele foi roubado, tiraram o dinheiro do bolso da calça dele sem ele ver, ele nem viu, ficou encabulado, levaram R\$ 300,00 reais. [...] (ele) falou “acho que foi aquela mulher que esbarrou [...] aquela hora, eu quase caí”. (Comerciante 1)

Adentrando aos aspectos econômicos, os argumentos revelam a significância do composto religioso praticado em Trindade, sendo apontado como o principal meio de sobrevivência e de geração de lucro para o comércio local (fragmentos (041), (042), (043) e (044)), impactando não apenas o mercado religioso atuante na cidade, mas influenciando, também, outros ramos de atividades (fragmento (045)). Nessa conjuntura, também é possível relacionar os argumentos aos estudos de Trigueiro (2005) e Chaves (2014), destacando que o

fator religioso em Trindade passa a se caracterizar como mecanismo de comércio turístico, contribuindo para a economia da local.

(041) 99% (do comércio é religioso). Se não for a religião, isso (a cidade) não é nada. (Comerciante 7)

(042) O ponto positivo é que coloca a cidade, movimenta a economia e coloca em foco nacional né, às vezes até mundial [...]. (Comerciante 1)

(043) Aí questão de benefício [...] cidade tá vista, cidade tá destacada, se não fosse isso daqui... Trindade era o que? Se não fosse a Festa do Divino em si a cidade era o que? [...] Nada! Quintal de Goiânia, cidade dormitório [...]. (Comerciante 2)

(044) [...] é bão porque eu vivo disso, eu preciso deles (romeiros e turistas), então é bão. [...] acabou a festa ainda vem muita gente assim nos finais de semana, até dia de semana mesmo vem muita gente. (Comerciante 3)

(045) [...] independente, o meu comércio de informática é fraco pro comércio religioso, mas a segundo plano se torna bom pra mim, porque é um dinheiro que entra na cidade que gira toda cidade e acaba sobrando pra mim de todo jeito [...], depois que esse turismo religioso aumentou, a Trindade, a cidade em si melhorou em tudo [...] são muitos hotéis, muitas pousadas que precisa do meu trabalho [...]. (Comerciante 6)

De forma particular à semana de realização da festa, os impactos econômicos para a cidade foram apontados de maneira expressiva por comerciantes e moradores. A partir dos argumentos relatados, é possível inferir que a realização da festa contribui para o aumento das vendas de diversos produtos, sendo caracterizada como o período mais promissor, oportunizando maior obtenção de renda (fragmentos (045), (046), (047) e (048)).

(046) [...] quando tem a festa, gera mais dinheiro pro povo, que muita gente monta o seu negócio, até água mesmo, o povo vende muita água [...] o povo fala, o povo de Trindade mesmo, quem mexe com comércio, é uma época deles ganhar um dinheirinho a mais, na época da festa. (Morador 4)

(047) [...] vantagem, justamente pelo meio financeiro, pra movimentar o dinheiro, a própria cidade, então querendo ou não 90% da cidade e do centro da cidade, ganha de alguma forma [...] (movimenta) toda a economia. (Comerciante 6)

(048) (A festa) Influencia na positiva né, que é um balão de oxigênio, a nível monetário né, dá pra ganhar um dinheirinho. (Comerciante 7)

Por sua vez, outro aspecto resultante da investigação corresponde à acepção da festa enquanto elemento promovedor de oportunidades. Neste contexto, ao passo que o comércio fixo atua de forma a se beneficiar do cenário mercadológico em período festivo, moradores da cidade passam a enxergar novas oportunidades de trabalho e obtenção de renda, aderindo à oferta de serviços como aluguéis de casas, calçadas e banheiros (trechos (049), (050) e (051)), além de utilizarem o próprio espaço da casa para a montagem de barracas, tendo como objetivo a venda de produtos diversos, principalmente relacionados ao ramo alimentício (fragmentos (052), (053) e (054)).

(049) [...] igual aqui em casa, nois aluga [...] você aluga os metro da calçada [...] aqui nois aluga banheiro [...] (Morador 1)

(050) [...] a calçada é alugada e fica tudo aqui cheia de barraca, só o nosso espaço aqui que não, é nosso mesmo. Mas daqui pra lá a moça aluga tudo aqui [...]. (Comerciante 3)

(051) [...] você tem que pagar pra usar o banheiro, daí aluga ali aquele cantinho de banheiro pras pessoa tomar banho, mas tem outras pessoas que vive só daquilo [...] Porque ali, época da festa é R\$7,00, R\$5,00 reais pra usar um banheiro [...]. (Peregrino 1)

(052) [...] quando tem a festa, gera mais dinheiro pro povo, que muita gente monta o seu negócio, até água mesmo, o povo vende muita água [...] as pousada não dá pras pessoa, tanto que tem pessoas que aluga a casa. Aqui a maioria aluga a casa [...]. (Morador 4)

(053) Todo mundo vende alguma coisa. [...] Pastel, frango assado, espetinho... é os três (que mais vende). Mas tipo assim, no meu comércio mesmo [...] eu vendo o espetinho [...] as casas que tem na avenida todo mundo que não alugou põe espetinho na porta, uma caixinha de cerveja, cê entendeu, todo mundo vende. E quem não tem espetinho [...] Sábado e domingo [...] abre a garagem pra vender marmítex [...] Faz um restaurante na cozinha da casa. (Comerciante 2)

(054) [...] café da manhã [...] algum lugarzinho lá tem [...] sorvete muito gostoso e muito barato, em casa mesmo assim, na casa das pessoas [...] e várias outras coisas que tem, a gente vai andando e vai vendo [...] pão de queijo, essas coisas. [...] Então as pessoas acabam comercializando os produtos na casa deles [...] abre o portão da casa e comercializa as coisas lá na garagem mesmo [...]. (Peregrino 5)

Nesse contexto, os estudos de Mendonça (2001), Farias (2005) e Costa (2010), permitem compreender a festa enquanto território de trocas, logo, de mercantilização. Ao passo que as pessoas enxergam novas oportunidades, tal ação dá um novo sentido à festa, e essa passa a ser produzida a partir de uma reprodução capitalista. Relacionando às proposições de Mendonça (2001), é possível dizer que na festa acontece a fragmentação e mercantilização da manifestação cultural, ou seja, são introduzidos padrões de consumo que influenciam diretamente no território originário da festa, modificando-o. Assim, esses novos espaços refletem territórios caracterizados pela economia capitalista (FARIAS, 2005).

De forma complementar, durante o período festivo em Trindade se torna comum alguns comerciantes alugarem os espaços do próprio comércio, justificando que seria esta a forma mais promissora de obter maior rentabilidade (trechos (055), (056) e (057)).

(055) [...] aqui os comércio fixo, quem quer alugar sua loja sai e aluga [...] quem manda mesmo no tamanho que vai alugar são o povo mesmo do comércio [...] tira suas mercadoria pra alugar pra outras pessoas. (Morador 4)

(056) [...] o meu foco é o público da cidade. Às vezes aparece um turista ou outro [...] mas eu trabalho mesmo é com o pessoal aqui da cidade. Na festa, durante o período da festa [...] como o meu produto é meio fora do foco pra venda de festa e eu não quero fazer remanejamento com funcionário, essas coisas, eu alugo o meu ponto, caço um interiorzinho ai, vou embora e deixo o povo tudo aqui. (Comerciante 1)

(057) O ponto do comércio aqui eu retiro tudo e é alugado pros comerciantes que vem de fora [...] esse ano a pessoa que ficou aqui mexeu com restaurante [...] eu tiro tudo isso daqui e eles ficam com a sala limpa e entra com os equipamentos deles pra trabalhar. (Comerciante 6)

Continuando, ao analisar os trechos (050) e (055), é possível inferir a partir das falas a existência de elementos que refletem dominação territorial. Assim posto, as frases apresentadas nos fragmentos “só o nosso espaço aqui que não, é nosso mesmo” e “quem manda mesmo no tamanho que vai alugar são o povo mesmo do comércio”, demonstram a existência de demarcação dos espaços, ao apresentarem os sentidos de propriedade e dominação, devendo, portanto, ser utilizado de acordo com a concessão estabelecida entre o possuidor do espaço e quem deseja ocupá-lo por determinado período de tempo. Por sua vez, a análise reflete os estudos de Hissa (2009), Fuini (2017) e Saquet (2013), ao elucidarem que a construção do território se dá a partir de elementos resultantes da dominação material e imaterial do espaço, e das relações de poder que nele são estabelecidas.

Acrescenta a esta análise que, conforme verificado no decorrer das entrevistas, a partir da construção da basílica, houve um aumento nos preços praticados no mercado, elevando o custo de vida dos trindadenses (trechos (058), (059) e (060)). No decorrer do tempo, os valores cobrados em relação a aluguéis, venda de imóveis e terrenos, foram inflacionados, tendo como justificativa a cidade como elemento turístico. Por sua vez, essa realidade reflete os estudos de Costa (2010), que, ao caracterizar as festas enquanto elementos econômicos e políticos, defende que essa realidade contribui para que a cidade seja produzida a partir das leis de reprodução capitalista.

(058) Na questão de aluguel [...] depois que se tornou basílica o aluguel aumentou bastante, [...] cada ano uma progressão geométrica né, todo ano vai aumentando mais gente, questão de encargos da prefeitura, porque também virou uma loucura sabe, cobram a licença pro cê trabalhar, a metragem da calçada se você for utilizar, alvará de funcionamento [...] o cara vai alugar um ponto de R\$5000,00, ele vai ter que investir e nisso daí querendo ou não ele vai ganhar [...] uns R\$5000,00 também né, acaba que fica um círculo vicioso. [...] impacta o que? Preço, cê entendeu, que é um preço durante o ano, na festa de Trindade é mais caro porque já embute isso tudo que eu te falei, aluguel, alvará, não tem como o cara vender barato. É isso daí, querendo ou não dá uma inflacionada, a questão de aluguel de casa, pessoal aluga muita casa aí por R\$3.000,00 reais, R\$4.000,00 reais, final de semana R\$2.000,00 reais. [...] todo mundo tira uma beirinha (Comerciante 2)

(059) Custo de vida nosso aqui é muito alto... custo de vida nosso aqui é comparado a Caldas Novas que é outra cidade turística, é mais caro. Imóvel aqui, aluguel é mais caro que Goiânia, mais caro que capital. [...] cê pega a avenida [...] principal [...] os lotes debaixo do supermercado é R\$800.000,00, a parte de cima, que é pra avenida é R\$ 1.300.000,00, um lote, 360 m2. [...] depois que inflacionou, depois que virou basílica virou uma loucura. Aluguel R\$ 4.000,00, R\$ 5.000,00 na avenida [...]. (Comerciante 2)

(060) Um amigo meu vendeu um lote com um barraquim pra um cara fazer uma pousada, vendeu por R\$700.000,00 reais. Foi em Goiânia e se você ver o tamanho do sobrado que ele comprou, com piscina, com [...] tudo, por R\$ 250.000,00 [...] não é possível [...] quanto mais próximo aqui à basílica, mais caro é (o aluguel) E detalhe, pro ano que vem já tá praticamente todo mundo fechado [...] bem antes, tá ali “ó, eu quero reservar pro ano que vem”. (Comerciante 1)

Ainda nesse contexto, além dos valores exorbitantes cobrados pelos imóveis, se observa nos relatos a existência do aumento de encargos cobrados pelo poder público, sendo apontado como uma das principais dificuldades enfrentadas por comerciantes locais.

Nesse sentido, quanto a atuação do poder público em relação à festa, um dos pontos investigados foi a determinação de normas impostas a moradores e comerciantes. Neste aspecto, foi observado que, apesar de haver certa organização por parte da prefeitura quanto à atuação de comerciantes locais, moradores e comerciantes temporários vindos de outras localidades, tais ações são insuficientes para manter a ordem, corroborando para uma realidade que excede a capacidade do poder público, gerando descontrole de ações praticadas na cidade, como a locação de calçadas (fragmento (061)). Em adição, o trecho evidencia, mais uma vez, elementos que refletem a dominação do território, em que o poder público comete a apropriação do espaço, delimitando-o e impondo normas de forma a obter retornos financeiros. Assim, é possível dizer que o território em análise se torna um produto do exercício político socioespacial, sendo controlado pela atuação do poder público sobre na cidade durante a festa (ROCHA, 2008; HISSA, 2009).

(061) Muita coisa a gente não consegue controlar, por exemplo, as pessoas que alugam as calçadas, as pessoas que alugam as garagens, as casas delas pra esses comércios. Agora a parte que compete, que é área pública, essa praça que tá aqui entre a praça da prefeitura, e essa região que a gente aluga a gente já deixa delimitado, quem quer vir participar já procura, inclusive eu já to recebendo ligação de gente querendo saber como é que vai ser o aluguel do espaço, a gente aluga. Até porque é esse recurso que a gente usa pra oferecer a estrutura para os romeiros na cidade [...]. (Poder público)

Por sua vez, apesar dos relatos contidos no trecho (061) evidenciarem que os retornos financeiros obtidos pela prefeitura por meio dos impostos são convertidos em estrutura oferecida aos fiéis e visitantes no período da festa, se observa que as normas impostas e os valores adquiridos pelo órgão público são considerados como injustos e abusivos por parte de moradores e comerciantes, os quais, elucidam sobre as dificuldades de atuação no mercado em decorrência dos altos custos dos impostos, revelando que os mais prejudicados são os comerciantes temporários. Não obstante, a atuação do poder público com vistas à delimitação dos espaços demonstra aspectos relacionados ao controle e domínio espacial, fortalecendo as relações de poder e consolidando as discussões sobre território aclaradas em diversos estudos (Rocha, 2008; Saquet, 2009; Schneider, 2009; Saquet, 2013; Espindola; Ferreira; Mifarreg, 2018; Fuini, 2017), sendo apresentadas nos seguintes fragmentos (062), (063), (064), (065) e (066).

(062) [...] eu acho assim que a festa foi feita pros romeiro, então tem que ser [...] não com progresso de ganhar muito dinheiro [...] muitas pessoa vem pra trabalhar mas só

que muitas vezes sai devendo, que o custo é muito alto né [...] A única coisa que fica com conflito [...] é por causa dos imposto, o pessoal fica revoltado né [...] acho que os padre tinha que [...] acolher mais e o prefeito mudar mais, as pessoa vem pra ganhar, ele tinha que maneirar mais nos impostos, eles coloca aqueles fiscal [...] acha que porque tá trabalhando na prefeitura eles é o melhor do que todo mundo [...] aqui a gente vê fato horrível daqueles segurança [...] é muito abusivo. Eu, assim, que não tenho comércio [...] fico com dó daqueles que vem [...] pra ganhar o pão deles, então assim aqueles pessoal que o prefeito contrata eles é muito agressivo, muito abusado, eles acha que porque [...] ta ali trabalhando pro prefeito ele tem autoridade [...] a senhora aqui mesmo largou de vim porque ela vende salgado, aí não compensa porque paga imposto disso, paga imposto daquilo, aí no final da história ela mal tira o dinheiro pra pagar o aluguel, e assim muitos aqui reclama dos abuso dos fiscais, muito grande. (Morador 1)

(063) [...] O único assim, que querendo ou não que... marca esse pessoal (comerciantes temporários), é a questão da fiscalização da prefeitura. Cê com uma caixinha ambulante, R\$60,00 reais, cê tem que tirar a licença. Se você tá lá no meio, e eles viu você com sua caixa sem o adesivo, eles tomam sua mercadoria. Carrinho, R\$120,00 cada carrinho [...] se seu carrinho tá sem (adesivo)... cê não anda, e é restrito pro cê andar nas (avenidas) principais, com qualquer coisa, não pode ter ambulante e nem carrinho, que é essa que desce da igreja velha pra nova, e essa que volta, as três principais que liga a igreja é proibido ambulante, não pode, só no acesso. Aí nisso aí a prefeitura bate ferreamente em cima disso daí [...] eu acho até [...] errado, que o cara tá com a licença, ele pode andar onde ele quiser uai, agora, cê restringir o lugar que eles podem [...] No pátio da igreja aqui também não. [...] outro detalhe, na cúpula da igreja em si igual você tá vendo, estacionamento, tudo aqui que você vê da igreja, ninguém pode por nada pra vender... nada. Só eles [...] tem uma barraquinha de água da igreja, se eu to com minha caixinha aqui, pisei na calçada de lá, os segurança já chega e fala assim “ó, pra lá, aqui não”. (Comerciante 2)

(064) Não (uso a calçada da loja em período de festa) porque os fiscal [...] não aceita, nem lá em cima [...] Não pode, porque gera multa pra gente.” (Morador 2)

(065) Prefeitura eles têm os fiscais aí né para não pôr as coisas na calçada né. [...] Não pode ter as coisas na calçada. (Comerciante 7)

(066) [...] assim, aqui a gente igual, coloca essas coisas aqui e não pode passar desses limite, entendeu? [...] (Comerciante 5)

É possível observar nos relatos dos entrevistados (fragmentos (062) e (063)) que parece haver um certo domínio do espaço por parte do poder público, e que esse domínio também é exercido pela própria igreja no espaço do estacionamento (local de realização das celebrações festivas). De forma complementar ao exposto, esse domínio territorial praticado pela igreja no estacionamento ocorre de forma clara, principalmente, pela limitação dos espaços destinados a vendedores ambulantes para a comercialização de produtos (trecho (067)). Nesse contexto, os argumentos revelam até a utilização de força física, caso haja insistência por parte de comerciantes em adentrar aos espaços de domínio da igreja, como pode ser visto no fragmento (068).

(067) [...] na cúpula da igreja em si [...] estacionamento, tudo aqui que você vê é da igreja, ninguém pode por nada pra vender... nada. Só eles [...] tem uma barraquinha de água da igreja, se eu to com minha caixinha aqui, pisei na calçada de lá, os segurança já chega e fala assim “ó, pra lá, aqui não”. [...] restringiu mesmo o espaço da igreja, é deles e pronto e acabou. (Comerciante 2)

(068) [...] O cara não poder passar [...] vender, atravessar com a caixinha, não poder passar no estacionamento que cê vai ser abordado e colocado pra fora [...].
(Comerciante 2)

Por sua vez, analisando o trecho (068), com destaque para a frase “não poder passar no estacionamento que cê vai ser abordado e colocado pra fora”, é possível identificar elementos que remetem a existência de poder sobre o espaço em questão, já que este se torna delimitado em decorrência da relação de dominação (SOUZA, 2000; ROSENDAHL, 2002). Por sua vez, a territorialidade nesse contexto é evidenciada nas regras e normas impostas aos comerciantes ambulantes, impedindo-os de adentrar e comercializar produtos no estacionamento da igreja, realidade que reflete as proposições encontradas nos estudos de Gil Filho e Gil (2001), Bonjardim e Almeida (2013), e Lima, Bahia e Costa (2019). Ainda nessa conjuntura, é possível dizer que o espaço do estacionamento entendido como um território da igreja, passa a ser transformado no período festivo para atender aos interesses econômicos da instituição religiosa, como visto no fragmento (067), em que a frase “na cúpula da igreja em si [...] estacionamento, tudo aqui que você vê é da igreja, ninguém pode por nada pra vender... nada. Só eles”. Contudo, podemos associar os expostos nos trechos (067) e (068) aos estudos de Raffestin (1993), ao mencionar que a igreja passa a ser um território dominado e marcado pelas relações de poder, sendo estas identificadas no controle dos espaços e na expansão do comércio praticado pela própria instituição no estacionamento da basílica.

Por meio dos relatos, é possível inferir que, ao longo do tempo, várias mudanças impactaram na forma de ocorrência da festa, influenciando na atuação dos participantes e acarretando à festividade novos significados. Tal afirmativa é aclarada no fragmento (069), sendo relatado comparativos entre a festa em tempos anteriores, descrita por atos de solidariedade e participação voluntária, inclusive com o apoio de cidadãos trindadenses e fazendeiros da região, e a conjuntura festiva atual, em que a festa é traduzida como prática comercial e capitalista. Por sua vez, essa realidade é abordada nos estudos de Souza (2000), Rosendahl (2002) e Saquet (2009), ao destacarem que o território possui como uma de suas características, a possibilidade em ser construído e desconstruído nas diferentes escalas espaço-temporais, tendo novos sentidos e significados.

(069) [...] nois que era morador aqui era coisa diferente, quando eu era pequena [...] quando começava abrir na festa, porque na época não era muito movimento igual é hoje, [...] quando chegava na festa [...] nois ia muito lá (antiga casa de apoio aos romeiros) pra ajudar, recolher os trem, lavava né pro povo comer [...] tinha uma horta, então a gente ajudava. O pessoal vinha né, e se sentia acolhido lá [...]. Não precisava ficar caçando banheiro, porque lá tinha lugar pra banhar, pra fazer as necessidade, tinha médico o tempo inteiro, então tinha [...]. Centro de Apoio dos Romeiros [...] eles davam coberta, aqueles cobertozin sapeca negrin que eles falava, e paletó [...] aquecia né [...], e assim os fazendeiro daqui dava tudo né, dava apoio né, ajudava. Muitas

vezes chegava carro lá assim de pessoas, de fazendeiro, que levava aquelas panelona de sopa [...] de comida [...] era uma festa diferente. [...] (os moradores) ajudava, agora hoje não, tudo que cê quer é comprado. [...] antigamente a estrutura era uma estrutura assim, mais pro povo vim, agora a estrutura é mais é pra comércio [...] Antigamente o [...] pessoal que vinha, eles não cobrava tanto, agora não, agora é mais é pra gerar dinheiro mesmo, num é realmente pra festa da Trindade. [...] O pessoal [...] o prefeito daqui né tira muito dos coitado que vêm. (Morador 1)

Assim posto, os argumentos apresentados parecem indicar outra forma de representação da festa: a manifestação religiosa enquanto objeto de mercantilização. Em adição, os relatos apontam que tal realidade compromete o apoio destinado a visitantes e comerciantes temporários, como exposto no trecho (070).

(070) [...] eu acho que a festa da Trindade deveria ser mais organizada com o pessoal que vem de fora, dar mais apoio, não pela população que mora, mas pelo governante [...] pelos padre [...] igual o padre Robson, ele é [...] conhecido demais [...] muitas vezes você percebe as pessoa vem não é pelo Divino Pai Eterno, vem pelo padre, então que ele tinha que fazer, ele tinha que fazer mais pra receber essas pessoa, essas população e não pensar só no giro que vai dar pra igreja, a igreja já é muito rica, então não precisa dele fazer giro pra ganhar, então deixar as pessoas, por exemplo [...] aqui ao redor, aquelas pessoa da barraca que não é cadastrada, ele não deixa, não deixa a pessoa trabalhar, aí toma o carrinho, aí eles (igreja) que põe água, eles que põe coisa pra vender, então eles tinha que deixar [...] porque vira comércio na igreja [...] eles só pensam no dinheiro, na ganância, sabe, o dinheiro pra eles é tudo. [...] as pessoa vem de tão longe, passando dificuldade, passando necessidade nas estrada, passando conflito, tendo medo de ser assaltado e chegar aqui e não tem um apoio. [...] muita pessoas que vem [...] só mesmo pra pagar a promessa e muitas vezes não tem nenhum prato de comida, então se tivesse uma casa de apoio pra dizer: “oh , aqui você come, a comida não é muito boa mas é uma comida limpinha, uma comida saudável, digna de pessoa” igual antigamente tinha, que antigamente aqui tinha. (Morador 1)

De forma concludente, os relatos ainda demonstram a representação significativa da figura do padre no contexto da festa, sendo destacado como elemento de atração de peregrinos e visitantes à cidade de Trindade. Nesse sentido, se observa que a figura do sacerdote passa a ser considerado de grande relevância no contexto festivo religioso, tendo, até mesmo, maior destaque em comparação à própria divindade religiosa (fragmento (070)).

4.2. Comércio festivo e não festivo: diferenças e características, aspectos territoriais

As transformações no espaço da cidade em decorrência da festa em honra ao Divino Pai Eterno podem ser observadas nos meses que antecedem a realização das festividades (trecho (071) e (072)). O mercado consumidor passa a apresentar uma dinâmica peculiar, principalmente, pelo aumento na procura de hotéis e pousadas, considerando que visitantes e peregrinos passam a efetuar as reservas previamente (fragmento (060)). É possível observar no contexto da cidade mudanças no comportamento de moradores, lojas, supermercados e restaurantes, com destaque especial para os comércios que se encontram instalados próximos à basílica, principal espaço de realização da festa (fragmentos (073) e (074)).

(071) Quando chega final de maio pra junho, aí você já vê a população já agitada, pessoas diferente, pessoa correndo pra arrumar as coisas pra chegar no dia. (Morador 1)

(072) [...] A nível do restaurante já começa a fazer diferença porque [...] as pessoas vem montar as barracas, aí já começam a ir almoçar, vão jantar, vão comer salgados, aí já começa a haver um movimento antes da festa né, já começa a ver muito mais movimento, porque já começa a chegar muita gente, para montar os pontos [...]. (Comerciante 7)

(073) A estrutura aqui no tempo da festa, é muito grande, o movimento aqui, muda a cidade completamente, entendeu!? O comércio também, é muito bão [...] na festa aqui a cidade transforma, muda tudo (risos). (Comerciante 4)

(074) [...] a festa em si pra quem vem de fora pode durar os dez dias [...] (mas) a cidade começa a se transformar dez dias antes e o pessoal só acaba dez dias depois, então pra quem mora aqui a festa de Trindade dura trinta dias. Principalmente quem mora mais no centro, entendeu?! Aí tem essa diferença. (Comerciante 6)

Assim posto, analisando os trechos (072) e (073), os argumentos permitem associar a realidade do contexto festivo aos estudos de Costa (2010), ao expor que a festa influencia na transformação da cidade, sendo entendida como um espaço de troca, como a montagem das feiras para a comercialização de produtos e o desenvolvimento das relações sociais. Dessa forma, a festa passa a ser caracterizada por elementos econômicos e políticos, já que a cidade passa a ser produzida pelas leis de reprodução capitalista.

De forma complementar, é possível inferir que a semana que antecede à festa é marcada pelas mudanças implementadas no mercado, como a contratação de funcionários e compra de produtos para estoque (trechos (075), (076) e (077)), explicitando que o novo cenário comemorativo exige de comerciantes fixos e temporários intenso planejamento e organização.

(075) Na verdade os dias que antecede a festa é uma correria só. [...] tem que se preparar pra aquele tumulto de gente, mais mercadorias, mais horas de trabalho, mais dias de trabalho, então se torna de um jeito ou de outro um tumulto [...]. (Comerciante 6)

(076) [...] a cidade de 100.000 mil (pessoas) passa a ter 1 milhão, querendo ou não é maior o movimento, cê vai reforçar o estoque, querendo ou não tem que contratar um ou dois a mais pra te ajudar [...] a carga horária é maior, tudo isso [...]. (Comerciante 2)

(077) [...] a gente planeja assim, tem que ter mais mercadoria, cê tem que tá bem mais estabilizado de mercadoria [...] tem que se preparar [...] é a época que a gente vende mais [...] a gente já fica naquela expectativa de dar aquela levantadinha na época da festa que cê vende bem mais né [...]. (Comerciante 5)

No tocante ao apoio recebido por parte do poder público e de órgãos governamentais para atuarem no mercado, a partir dos relatos é possível inferir que os comerciantes reconhecem o SEBRAE como instituição que auxilia no desenvolvimento das atividades comerciais, caso necessitem de orientação e consultoria (fragmentos (078) e (079)). No entanto, quanto ao apoio oferecido pela prefeitura, parece haver uma insatisfação por parte dos mercadores. Os relatos

elucidam que a fiscalização é fortemente aplicada aos comerciantes, e que o apoio que recebem, se configura em encargos públicos (fragmentos (078) e (080)).

(078) O Sebrae dá a consultoria né, se você chegar lá e perguntar. Agora a prefeitura a ajuda que eles dá é... fiscalização mais em cima [...]. (Comerciante 2)

(079) O Sebrae, pra nois aqui, se a gente precisar a gente vai lá eles orienta e tudo, mas, vamo deixar a prefeitura de lado. (Comerciante 5)

(080) Não (recebe nenhuma ajuda), só pra pagar. (Risos). (Comerciante 7)

Por sua vez, os argumentos apresentados mostram uma possível subordinação entre poder público e comerciantes, considerando que a frase do trecho (079) “vamo deixar a prefeitura de lado”, parece indicar a existência de medo e insegurança de comerciantes ao explicitarem a ausência de assistência pública na atuação comercial. Nesse sentido, é possível verificar aspectos que evidenciam relações de poder, sendo este um dos elementos que correspondem à constituição dos territórios.

Adentrando à semana festiva, se observa que as mudanças na configuração do comércio são ainda mais intensas. A cada novo dia os comerciantes se deparam com pessoas vindas de todos os lugares, realidade que impacta diretamente no funcionamento da empresa e na vida dos mercadores (trecho (081)). Por sua vez, os horários de trabalho são alterados, se tornando uma tarefa árdua conciliar o tempo de almoço com o trabalho, como pode ser observado nos fragmentos (081), (082), e (083).

(081) [...] (na semana da festa) os horários são mais puxados. Porque aqui [...] o horário normal é das 8 às 18h né, no meio de semana, final de semana é [...] de 7h30 às 20h. Já na festa de Trindade já muda muito bem o horário. [...] É até umas 22h, 23h, depende do movimento. Se tiver movimento [...] tá aberto até 00h00 [...] porque eles (romeiros) vêm de todo lugar né, então [...] sempre cliente diferente [...] aumenta muito turista, muita gente né, então sempre é muito diferente do dia normal. [...] tem dia que cê não dá conta nem de sentar pra comer, de tanta gente que tem pra atender [...] nos dois últimos dias você não para, é todo o tempo atendendo, então [...] é bem corrido. (Comerciante 8)

(082) [...] a gente abre bem mais cedo, 04:00 horas a gente já tem que tá em pé [...]. (Comerciante 5)

(083) Ah, tem muita mudança, o movimento é bom, melhora bastante, aí como se diz, é o tempo que nois trabalha muito, é o nosso décimo terceiro (risos) [...] A gente trabalha bem mais, bem mais. A gente abre aqui 6:30hrs da manhã fecha 20:00hrs, 21:00hrs da noite. [...] É o dia inteiro. O prazo pra almoçar às vezes é muito pouco [...]. (Comerciante 3)

Ao analisar os tipos de produtos que são comercializados, a partir dos relatos apresentados, fica evidente a diversidade de mercadorias oferecidas (fragmentos (084) e (085)), sendo os ramos de confecção e de artigos religiosos os de maior destaque no mercado festivo (fragmentos (086), (087), (088), (089), (090) e (091)).

(084) Ôh, da basílica ali, nas duas pistas ocê subindo é a feira e tem muitos comércios ali, compra santo, chaveiro, tem de tudo, comida, do outro lado da rua tem o shopping,

[...] restaurante, [...] às vezes fica um pessoal vendendo coisas, comida, tem umas barraquinha, do outro lado de lá outras barraquinhas também, mais é isso. (Peregrino 4)

(085) Alimentação né, e roupas, brinquedo, artigos de cozinha, [...] artigo religiosos, é bem diverso (o comércio). (Peregrino 6)

(086) Primeira coisa é confecção, primeira coisa que você vai achar na entrada da cidade é confecção, um polo de confecção [...] (mais perto da basílica o comércio) religioso né, imagens, coisa de lembrancinha de Trindade, religiosa, aí cê acha muito na porta da igreja também. (Comerciante 6)

(087) [...] querendo ou não o que manda aqui em Trindade é o religioso, então... no caso é uma sobrevivência pra quem vende [...]. (Comerciante 8)

(088) Artigos religiosos, camisetas, imagens, várias coisas de artigos religiosos. (Comerciante 4)

(089) [...] (vendo) de tudo um pouco, artigos religiosos, roupa, sapato, roupa de cama, roupa infantil, adultos. [...] Vende assim as fitinha, os terço [...] acabou [...] amanhã (...) já começa a colocar mais. Aí tem assim, fronha do Pai eterno, os pano de prato, tem que ter, porque senão. (Comerciante 3)

(090) Eu vendo artigo religioso né. E eu tenho dez anos que a gente ta aqui trabalhando [...] Dez anos a gente vive em função aqui dos artigos religiosos. [...]. (Comerciante 5)

(091) [...] geralmente o comércio é só de coisas ao Divino Pai Eterno mesmo, comércio de camiseta, algumas decorações, tercinho, essas coisinhas, lembrancinhas [...]. (Peregrino 5)

Ao analisar o trecho (089), é possível verificar que alguns comerciantes aderem à diversificação de produtos, o que parece ser uma das estratégias para abranger maior número de clientes. De forma complementar, o trecho evidencia que, apesar da diversificação, o comércio religioso é o ramo que resulta em maior renda aos comerciantes, e, nesse sentido, a sobrevivência da empresa no mercado parece estar associada à oferta de produtos religiosos, como exposto na frase “tem que ter, porque senão”.

Dessa forma, os relatos parecem indicar que a variedade de opções de produtos é entendida como um mecanismo de atração festiva, até mesmo pelo fato de que a realização da festa contempla pessoas de outras religiões, sendo vantajoso aos comerciantes a comercialização de artigos religiosos de outras denominações, como artigos evangélicos (fragmento 092). Mais uma vez, é possível verificar elementos que se relacionam aos estudos de Costa (2010), uma vez que a festa corresponde a um território de comércio, trocas e de relações sociais.

(092) Quanto mais diversidade de artigo tiver, mais cliente chama. Eu sou a favor (de terem comércios diversos). Quanto mais produto haver no mercado, mais torna uma festa mais forte. Porque [...] se você só tiver artigo religioso o evangélico não compra nada. As pessoas gostam de uma festa [...] que tem muita roupa, compram roupa, compram bolsa, compram outras coisas. Porque tentamos também ter artigo pra evangélico, que também tem muita gente não é católico e vem aqui visitar a festa. (Comerciante 7)

A partir dos argumentos relatados, é provável entender que, por ter uma significativa participação na dimensão econômica da cidade, o comércio religioso corrobora para a migração de indivíduos brasileiros ou estrangeiros, que visualizam em Trindade a possibilidade de um negócio próspero e duradouro, como apresentado no fragmento (093).

(093) [...] eu sou fabricante de imagens religiosas, e já fabricava lá em Portugal e aquilo tava muito ruim. E eu vim para aqui, vim passar férias, viemos aqui, e comprei meia dúzia de moldes, fiz as formas e fui tentar vender na Igreja, tudo uma situação de... brincadeira, só pra vender. E quando [...] eu vejo, na igreja faz um pedido de R\$350 mil. Daí eu vejo que tava com uma grande expectativa de negócio. Então aí já resolvi as coisas e fiquei aqui. Foi mais pro nível profissional só [...] (Comerciante 7).

Ao passo que a festa é entendida como um mecanismo de desenvolvimento da cidade, com destaque para os benefícios gerados ao comércio local (trechos (046), (047) e (048)), parece haver, de forma contraditória, situações desfavoráveis quanto ao aumento da quantidade de consumidores. Por sua vez, as dificuldades em relação à administração dos empreendimentos estão relacionadas ao número expressivo de compradores no mercado em período festivo, sendo insuficiente a contratação de mão de obra (fragmento (094)), bem como maior probabilidade de roubos (fragmento (095)) e geração de conflitos, seja entre clientes ou até mesmo desentendimentos entre clientes e vendedores (fragmento (096)). De forma complementar, os reajustes e aumentos de encargos, matéria prima, aluguéis e outros elementos necessários para o andamento do negócio, corroboram para a criação de um cenário dificultoso e desafiador para a gestão empresarial.

(094) [...] A gente aumenta o funcionário porque senão não dá conta, mesmo assim, aumentando o funcionário, fica sem dá conta de atender ainda, é muita gente mesmo. (Comerciante 5)

(095) Roubos pode até ter porque às vezes a gente nem vê né, porque é tanta gente que a gente não dá conta de olhar quem tá pegando, roubando ou quem tá comprando realmente [...]. (Comerciante 8)

(096) Muito trabalho, muita gente, muita confusão. [...] a pessoa (comerciante) podia ganhar mais, porque a nível de negócio [...] aumentou tudo, os aluguéis aumentaram, a matéria-prima aumentou, então por exemplo, eu quando cheguei aqui há seis anos, sete anos mais ou menos [...] ainda era o mesmo artigo, o mesmo preço que se vendia nessa época, agora imagina, gasolina subiu, comida, [...] os aluguéis subiram muito, e o negócio cada vez trabalha-se mais e a margem de lucro é mais pequena...Cada vez tá mais difícil gerir um negócio. (Comerciante 7)

As dificuldades apresentadas em relação à conjuntura comercial em decorrência do aumento de pessoas na cidade em período de festa, também é aclarada nos relatos por parte do poder público. Nesse aspecto, ao passo que a quantidade de romeiros e visitantes em Trindade se caracteriza como um movimento que foi sendo construído de forma desordenada (trecho (013)), também houve um aumento descontrolado de comerciantes temporários vindos de

outras regiões (trecho (097)). Por sua vez, a vinda de comerciantes temporários à Trindade é traduzida pelo poder público como uma forma de sobrevivência e oportunidade de mercado.

(097) (O comércio) É uma coisa também que cresceu desenfreadamente. [...] a gente começou a receber esses peregrinos em massa nos fins de semana e as pessoas elas começaram a ver que elas podiam encontrar ali um meio de sobreviver [...] de encontrar o sustento dela ali. (Poder Público)

Ademais, os argumentos possibilitam observar que a presença de múltiplos comerciantes interfere de forma significativa no mercado local. Ao passo que determinados comerciantes fixos optam por aproveitar o momento festivo como meio de alavancar as vendas, outros preferem deixar os espaços de atuação durante a festa.

De forma complementar, as justificativas que descrevem as decisões de permanecerem ou não na cidade durante o período festivo, estão ponderadas em quatro situações: alguns comerciantes fixos consideram como vantagem a locação dos pontos de comércio, tendo em vista que os ramos de atuação não possuem margem de venda satisfatória no âmbito da festa (trechos (056) e (057)); a decisão de locação do ponto comercial é justificada pela apropriação das calçadas por parte comerciantes temporários, dificultando o funcionamento do empreendimento fixo (trecho (098)); os argumentos mostram que parece haver maior demanda aos produtos que são vendidos em barraquinhas do que em lojas fixas, inclusive, sendo buscados pelos próprios moradores da cidade, durante e após a festa (trechos (099) e (100)); e, por último, uma vez que a demanda por produtos vendidos em barraquinhas parecem apresentar maior procura no mercado, alguns comerciantes locais fazem um movimento de extensão para o comércio temporário, montando barraquinhas e comercializando os produtos que geralmente são vendidos nas lojas (trecho (101)).

(098) Pro comércio da cidade a romaria ela não soma [...] porque a maioria deles fecham as portas pra receber esses comerciais temporários. Até porque se não fechar as pessoas elas começam a invadir geralmente as calçadas dos estabelecimentos, isso acontece demais [...]. (Poder público)

(099) [...] as pessoas [...] elas querem andar no meio da feira, ver o que tem de novidade ali, inclusive os trindadenses. Quem anda, por exemplo, depois que termina a festa, o comércio ele fica ainda mais uma semana, quase duas, o comércio temporário. E o povo de Trindade sai e vai comprar, só que eles não querem comprar o que já tem aqui. (Poder público)

(100) Eu gosto (dos comércios temporários), a gente (moradores) espera pra vim comprar: “Ah eu vou comprar os trem mais barato”, eu gosto. Tem gente que guarda dinheiro pra comprar as coisas na festa. (Morador 4)

(101) Acontece muito, principalmente no ramo da confecção, a pessoa tem a loja, mas ela aluga o espaço lá pra ficar na barraquinha, porque a tradição da festa da cidade é barraquinha, então eu conheço gente que faz isso, aluga e fica com a sua loja e fica com outro espaço pra vender mais. (Comerciante 6)

Ao analisar o trecho (098), é possível identificar elementos que se configuram em disputas territoriais. Na frase “se não fechar as pessoas elas começam a invadir geralmente as calçadas dos estabelecimentos”, a palavra invadir dá sentido de lugar ocupado de maneira forçada, exprimindo relações de poder e disputas por espaços (Saquet, 2009) entre comerciantes fixos e temporários.

Como pode ser observado nos fragmentos, o mercado temporário possui um papel significativo na conjuntura da festa. Analisando de forma peculiar, é possível inferir que a existência de feiras com a atuação de barraquinhas durante a semana festiva é tida como sinônimo de cultura e tradição (fragmento (101)), sendo um dos principais elementos de atração de visitantes e romeiros, como exposto nos fragmentos (102) e (103). Neste sentido, é possível inferir que a feira assume certa identidade na conjuntura festiva em análise, uma vez que a prática feirante passa a ser um elemento determinante para que a festa aconteça (fragmento (102)). Assim, essa realidade pode ser associada aos estudos de Rosendahl (1999), Costa (2010) e Bonjardim e Almeida (2013). A feira é entendida como festa, e se caracteriza por ser um espaço de encontro entre as pessoas, de trocas de informações, de ideias, e também por evidenciar as trocas comerciais (Costa, 2010), se tornando um elemento que exprime identidade (BONJARDIM; ALMEIDA, 2013). Além disso, é possível dizer que a feira passa a se configurar no espaço profano da festa, uma vez que compreende o comércio e o lazer (ROSENDAHL, 1999).

(102) [...] porque assim, é as barraca que faz as festas [...] o pessoal que vem, que faz os comércio, que o povo vem, então as barraca é um meio de já chamar as pessoas, porque muitas vezes as pessoas vem porque no final da festa [...] vende as coisa mais barata, coisas diferentes né, porque o pessoal não vai vim aqui só pra missa né, não vai vim só pra rezar, então eles vem pra participar mesmo, então se não tiver (feira com barraquinhas), não tem festa. (Morador 1)

(103) Ah, no dia que eu chego geralmente a gente fica por ali... agora a coisa que eu mais gosto de fazer é de andar pra ver as coisas, porque tem muitas coisas que a gente nunca viu né, e acaba que a gente fica vendo coisas diferentes, então é bom, a gente enterte. [...] Tipo é... barraca com algumas coisas, alguns objetos que não tem por aqui, lá tem, panela, esses trem [...]. (Peregrino 5)

Os relatos também evidenciam que o poder público parece almejar certa mudança nesse contexto mercadológico, ao tentar priorizar a produção artesanal. No entanto, fica evidente nos argumentos que a opção pelos produtos de feira e industrializados são os que prevalecem na preferência dos consumidores, como mostra o fragmento (104).

(104) Hoje a gente tenta fazer coisas mais artesanais. Mas você pode ver que tem muita coisa industrializado. [...] as pessoas elas se viraram pra oferecer essa procura dos fiéis, o que elas tem pra oferecer. [...] esse tipo de pessoa [...] elas vêm pra comprar coisa da feira [...] Tem coisa linda, mas também tem coisa que não... (risos). (Poder público)

Por sua vez, a disputa de mercado existente entre comerciantes fixos e temporários parece uma realidade difícil de ser suprimida, uma vez que é reconhecida até mesmo pelo poder público (fragmento (105)).

(105) A pessoa tem uma loja física, cê vai concorrer com alguém que tem um comércio temporário de uma barraquinha? Você não consegue concorrer. [...] (Poder público)

Ao serem abordados quanto aos dias mais significativos para os comerciantes, os relatos mostraram que, apesar de toda semana ser considerada lucrativa, são os três últimos dias de festa que mais se destacam em quantidade de vendas (fragmentos (106), (107) e (108)). Em adição, o último final de semana festivo é caracterizado pelos comerciantes como o momento mais favorável à prática de promoções e descontos de produtos, evidenciando concorrências entre o comércio fixo e o comércio temporário na disputa por clientes (trechos (109) e (110)). Dessa forma, é possível entender que a concorrência enquanto fator que corrobora para a geração de disputas territoriais, em que os clientes passam a ser disputados, refletindo aspectos de territorialidades (Sack, 1986), como a alteração dos preços praticados no mercado consumidor.

(106) Na verdade a festa mesmo, o “boom”, o ápice, é quinta, sexta, sábado e domingo. Mas o “boom” mesmo é sábado e domingo, domingo explode. (Comerciante 2)

(107) [...] Essa festa pra mim, a festa em si, só ganha dinheiro nos últimos 4 dias, quinta, sexta, sábado e domingo, aí você ganha dinheiro. Os outros seis dias vende, mas não vende tanto, agora quinta já vende mais, sexta já vende, sábado e domingo é o dia todo vendendo, aí a gente perde as vendas né, porque não consegue atender todo mundo. A loja vai das 7 da manhã até meia noite... Sempre a vender, sempre a vender. (Comerciante 7)

(108) Sétimo dia, já tem muita gente já. Aumenta muito [...] no último dia [...] não dá conta nem de andar, então já no oitavo dia já tem muita gente [...], no último dia da festa que é o que mais tem gente, que aumenta. (Comerciante 8)

(109) Água mineral... começa de R\$3,00, aí um vende de R\$2,00, aí o outro já sai gritando “R\$1,00 real, R\$1,00 real”, final ali na hora que acabou a missa é R\$0,50 centavos. (Comerciante 2)

(110) [...] a gente (comerciante fixo) paga aluguel, paga imposto o ano todo e eles (comerciante temporário) que vem [...] além de ter a concorrência, eles tem que voltar pra trás, eles não leva as mercadorias, eles queima a mercadoria, aí vende mais barato que o nosso. (Comerciante 5)

É possível verificar, a partir dos relatos, que o cenário festivo corrobora no aumento da concorrência no mercado consumista, impactando a atuação de comerciantes locais e temporários, e refletindo no poder de compra dos consumidores (fragmentos (111) e (112)). Além das competições no comércio local, os argumentos evidenciam que a migração de comerciantes temporários é um fator que estimula a geração de uma concorrência mais acirrada, uma vez que os pequenos comércios são montados nas ruas e calçadas da cidade em forma de

“barraquinhas”, oferecendo maior diversificação de produtos e preços mais inferiores em comparação àqueles praticados no comércio local (fragmentos (113), (114) e (115)).

(111) [...] a concorrência tem que existir, tanto é que se você andar um pouquinho você vai ver que é uma lojinha do lado da outra [...] quem ganha com isso é o turista [...]. (Comerciante 6)

(112) Ah, a concorrência é muito grande né, um quer vender de um preço, outro que vender de outro, quer mais caro, então tem muita coisa que é muito abusivo [...], mas tem muitas coisas barata [...] lá a pessoa tem que andar. (Peregrino 1)

(113) Existe muita concorrência [...] além da concorrência normal dos comerciantes, vem [...] muito... ‘barraqueiro’, né, vem muitas pessoas que trazem diversos tipos de produtos durante o período da festa, de todo lugar do Brasil, então [...] durante o período da festa a gente também ainda tem que lidar com esse tipo de coisa que é a concorrência de fora, às vezes com a qualidade do produto até inferior, porém o preço inferior, [...] a gente vende às vezes um produto melhor, porém o produto inferior é um preço inferior, acaba levando vantagem. (Comerciante 9)

(114) Uai, a concorrência...existe e muita, e na festa mais ainda porque vem bastante gente de fora né, aí eles coloca as mesmas coisas que você, aí cê tem que ter jogo de cintura pra ganhar o freguês né. (Comerciante 3)

(115) Tem muita (concorrência), porque tem gente que, pra vender mais, sempre acaba colocando mais barato do que você né, então com certeza tem. Não só religioso, acho que qualquer comércio tem né, sempre tem. (Comerciante 8)

A disputa no mercado por clientes é evidente e faz parte da conjuntura festiva, sendo reconhecida pela concorrência de preços e pontos comerciais (fragmentos (116) e (117)), refletindo as relações de poder existentes no espaço festivo.

(116) Sempre tem um comerciante com o outro que começa a disputar os pontos, sabe? “Ah eu vou vender minha mercadoria por um preço, eu vou vender minha mercadoria por outro preço”, e fica aquela briga, então já vi muito, na festa tem bastante. (Morador 3)

(117) [...] a gente vê [...] eles brigando por causa de cliente né, um [...] tava oferecendo uma mercadoria daí o outro foi também: “ah o cliente é meu que eu chamei”, aí o final eles deixou o cliente e foi bater boca os dois. (Comerciante 3)

É possível inferir, a partir dos relatos, que a concorrência é um elemento explícito no contexto de análise. Além dos argumentos relatados anteriormente refletirem tal realidade (fragmentos (113), (114), (116) e (117)), os visitantes e romeiros parecem compartilhar da mesma vivência narrada pelos comerciantes, até mesmo, no tocante às disparidades de preços praticados no mercado, os quais são, em determinados casos, praticados de forma abusiva (fragmento (118) e (119)). Em adição, os romeiros evidenciam a conduta de comerciantes na abordagem do público para a venda dos produtos, caracterizando comportamentos de coação e insistência (fragmentos (120), (121) e (122)).

(118) [...] porque cê chega aqui você compra uma imagem de R\$10,00, ali já tem uma de R\$5,00, uma de R\$8,00, do mesmo tamanho, no mesmo lugar que é fabricada aquelas imagem, entendeu, tem pessoa que quer ganhar o dobro, que quer ganhar mais. (Peregrino 1)

(119) [...] a concorrência assim não é muita não porque os preços e muito compatível um do outro, mas tem uns aí que abusa bastante, ixi, muito muito. Tem uns que vem aqui e fala: “nossa podia ter vindo na loja aqui primeiro”. Tem uns que muda muito.” (Comerciante 4)

(120) Aquele comércio né, aquele comércio ali eu acho muito profano. [...] Acho que não tinha necessidade daquele tanto de barraca, aquele pessoal que fica ali em cima forçando pra vender. [...] nossa, insistindo demais, muito mesmo. (Peregrino 2)

(121) A concorrência que um é um preço, outro é outro, um é mais barato, outro é mais caro, então isso aí já é uma briga de espaço. (Peregrino 3)

(122) Ah, tem uns (comerciantes) que até ataca a gente na rua, sempre tem, eles ficam naquela concorrência. (Peregrino 4)

Além da concorrência evidenciada entre comerciantes fixos e temporários no contexto festivo, outro elemento que impacta fortemente no mercado é o comércio praticado pela igreja. Como foi descrito no início desta análise, o Santuário Basílica do Divino Pai Eterno possui lojas exclusivas voltadas à comercialização de produtos de natureza religiosa, como livros, camisetas, e artigos religiosos em geral.

Em adição, os argumentos expostos por comerciantes fixos inferem que a prática de comercialização na igreja reflete na atuação de comerciantes que se encontram instalados próximo à basílica, uma vez que, além dos preços praticados pela igreja serem considerados mais altos, a opção de compra pelos produtos vendidos na basílica é justificada pela devoção, se tornando opção de compra de consumidores firmados na crença de que o dinheiro arrecadado pelas lojas do santuário são revertidas à igreja e casas de apoio (fragmentos (123), (124), (125) e (126)).

(123) [...] eu conheço muito bem lá os pessoal que trabalha [...] tem umas coisa que é os mesmo preço, aqui é mais baixo, lá é mais alto [...] porque a igreja né, muita gente acha caro mas aí tem a igreja, entendeu, acho que isso aí também julga muito [...]. (Comerciante 4)

(124) [...] a diferença é só porque os de lá é mais caro, aí aqui o nosso é mais barato, assim em volta. [...] eu acho que é porque [...] são de lá da igreja e o povo leva muito. (Comerciante 3)

(125) (A venda de artigos na igreja) Eu acho que interfere um pouco, porque ali vende muito, independentemente se é muito mais caro, eu vendi muita coisa também pra ali [...] Mas... eu acho que interfere [...] interfere nas vendas. [...] ali (na igreja) também envolve muita coisa, muito fornecedor [...] eu pessoalmente não gosto muito é da maneira que eles trabalham né. Pra mim é tudo para uma coisa, ali ainda servem tudo é... os padres né [...]. (Comerciante 7)

(126) [...] porque a pessoa vai assim “eu to ajudando o Divino Pai Eterno, o padre [...] a loja da igreja [...]. (Comerciante 8)

É possível inferir, ainda, que a figura do padre exerce um papel determinante para a promoção da igreja e da festa em honra ao Divino Pai Eterno na cidade de Trindade. Ao analisar os trechos (125) e (126), os argumentos indicam que as atividades prestadas pela igreja parecem ser realizadas em favor do padre, emergindo na existência de relações de poder.

Ao serem abordados quanto a existência de concorrência desleal no contexto festivo em análise, os relatos dos comerciantes evidenciam os conflitos resultantes dessa prática, uma vez que alguns comerciantes, objetivando maior margem de lucro, aplicam preços inferiores aos produtos, impactando de forma significativa o comércio local (trecho 127), em especial o comércio de artigos religiosos (trecho (128)). De forma complementar, o exposto no fragmento (115) corrobora à essa realidade, considerando que comerciantes temporários, em sua maioria, praticam precificação inferior aos produtos, comparativamente aos comerciantes da cidade.

(127) (Concorrência desleal) [...] tem, por exemplo, se eu compro de uma pessoa e ela própria tem uma loja, ela vende a mesma mercadoria que eu [...] mais barato. Então é desleal [...] querendo ou não, vende o mesmo produto. Então tem sim. (Comerciante 8)

(128) (No ramo de artigos religiosos) É uma concorrência, acho que é uma concorrência desleal, porque [...] às vezes [...] aqui, várias pessoas tem o mesmo fornecedor, o mesmo preço, umas vezes vendem mais barato, pensando que vão ganhar num giro [...] o mercado não gira. Portanto, vender mais barato pra mim é uma ilusão. Mas estragam... estragam o preço da mercadoria. (Comerciante 7)

Não obstante, ao analisar o fragmento (115) e, tendo como base os relatos apresentados nos fragmentos (127) e (128), é possível inferir que existe uma concorrência desleal no mercado em que, para conquistar maior parcela de clientes, os comerciantes tomam decisões que impactam diretamente o valor do produto no mercado. Por sua vez, essa realidade é explicitada na frase “Mas estragam... estragam o preço da mercadoria”, denotando que as práticas de colocar preços inferiores, faz com que a mercadoria e o trabalho realizado se tornem desvalorizados.

Apesar da multiplicidade dos argumentos indicarem a existência de conflitos comerciais caracterizados em disputas por espaços e clientes em tempo festivo, principalmente, entre comerciantes locais e temporários, se observa, também, que parece haver certo coleguismo na relação entre os pares. Isto posto, comerciantes da cidade e moradores reconhecem as dificuldades enfrentadas por comerciantes temporários, com destaque para as fiscalizações que são impostas pelo poder público e, até mesmo, pela igreja (fragmentos (062), (129), (130), (131), (132) e (133)).

(129) [...] pelo tanto de gente cara, é igual eu falo, o sol brilha pra todos, entendeu? O que que um cara aí arrastando uma caixa de isopor, vendendo uma água mineral... eu to ali com a minha estrutura o ano inteiro e o cara quer defender aí, ganhar R\$20,00, R\$30,00 reais pra ele comprar alguma coisa na segunda, que que isso aí vai fazer contra mim? [...] cada um vende o seu peixe né. [...] o cara tá ali, ele tem que dar os pulo dele né, eu tô ali também, passou a festa, eu vou tá ali, ano que vem eu já vou tá ali de novo. (Comerciante 2)

(130) [...] às vezes muitas pessoas vem pra ganhar do pão do dia a dia, aí é onde que dá muito movimento e ajuda bastante, mas pra nós aqui não muda nada, não atrapalha, ajuda. (Comerciante 4)

(131) [...] eu acho que a pessoa tem o direito de ganhar o seu pão, de ganhar um dinheirinho porque vem muita gente, a única coisa que eu acho de uns tempo pra cá, que os padre quer ganhar mais do que aqueles que vem e o prefeito também. Aí você vem aqui paga R\$ 200, R\$ 400 reais, numa calçada, só que o que você pagou naquela calçada que você vai ganhar, você não ganha porque o prefeito põe tanta norma, tanto multa [...] que tem muitas vezes que as pessoas sai devendo e não consegue nem pagar o lugar que fica. [...] ai põe muito fiscal [...] cobra muito imposto [...] aqui em casa mesmo, aqui nois alugava pro pessoal que vendia picolé, foi assim que começou o tumulto aqui, a gente alugava e o pessoal largou de vir [...], porque a taxa é muito alta e ainda tem que pagar a taxa do carrinho né, pra usar, ai chega no final não compensa. (Morador 1)

(132) [...] tem as pessoas que vem com os carrinho vender, ambulante vende, [...] Às vezes eles vai, tira a licença pra trabalhar, tira um dia, dois dia, aí passa do dia, vai e toma as mercadoria deles, canseira. (Morador 3)

(133) [...] os ambulantes vem com a expectativa de que vai vender muito, só que aí os pontos é muito caro pra eles. Às vezes tem uns que vem e coitado e diz: “tirei dinheiro só do ponto que eu paguei”, sabe, a gente fica com dó [...]. (Morador 3)

As semanas posteriores à realização da festa também parece impactar diretamente no desenvolvimento do comércio local. Por sua vez, os argumentos evidenciam que a justificativa para a permanência frequente de visitantes na cidade após as festividades estaria relacionado a dois fatores: Trindade ser considerada como cidade turística e o mês de julho corresponder ao período de férias escolares, culminando em uma época considerada produtiva e vantajosa para comerciantes (trecho (134)). Por sua vez, essa realidade está associada aos estudos de Chaves (2014), ao dissertar sobre a ação turística na conjuntura de manifestações populares. Assim, é possível dizer que a cidade de Trindade é caracterizada, também, como sendo um produto de comércio turístico.

(134) [...] Em relação [...] à parte comercial, pra gente melhora muito, né, um aumento de vendas em torno de 100%, [...] praticamente [...] é o melhor período pro comerciante [...] além desse período [...] fica assim o mês de julho inteiro com a movimentação maior [...] O mês de julho inteiro, inteiro, porque coincide [...] de ser também o mês de férias [...] então assim, a gente tem um fluxo bem grande durante o mês de julho. [...] o comércio ele continua com o mesmo fluxo como se fosse durante o período da festa. (Comerciante 9)

A partir dos argumentos apresentados, se tornam evidentes as mudanças provocadas nos espaços em decorrência da realização da festa. Acrescenta-se, ainda, que os relatos indicam a existência de certos transtornos aos moradores, uma vez que o poder público decreta o fechamento de ruas em período festivo, tornando mais dificultoso a entrada dos trindadenses nas próprias residências (fragmento (135)). Além disso, se observa nos argumentos apresentados por comerciantes, o descontentamento quanto à falta de oferta de serviços básicos na cidade na primeira semana posterior à festa, considerando que a prefeitura e os serviços bancários delongam as atividades, impactando no funcionamento dos empreendimentos, como exposto no fragmento (136).

(135) [...] eu acho que é uma falta de organização um pouco porque [...] eles fecha a cidade, então os morador, a primeira semana não, mas a segunda sim, os morador entrar na sua casa [...] tem mais dificuldade. [...] Fecha rua. (Morador 4)

(136) [...] a prefeitura, a festa acaba em um domingo e a prefeitura vai abrir quarta ou quinta-feira, então fica travado pra você fazer os bancos, tem alguns que abrem na terça outros abrem na quarta, então querendo ou não você fica travado, a cidade para, enquanto não esvazia um pouco [...] não tem como [...]. (Comerciante 6)

Por sua vez, a mudança na dinâmica das atividades da cidade são defendidas como necessárias para o atendimento aos visitantes e romeiros (trecho (137)). No entanto, de forma analítica, é possível verificar a existência de contradições nos relatos apresentados pelo poder público em comparação ao exposto por comerciantes e moradores, os quais elucidam sobre a falta de apoio e assistência às pessoas que vem de outras localidades para participarem da festa (trecho (138)).

(137) Muda, olha até o local de trabalho muda né. O centro administrativo ele fecha e a gente fica um trabalho meio que itinerante, [...] mudando de lugar o tempo todo, a gente espalha pessoas pela cidade pra dar informação, pra dar apoio, pra acolher mesmo [...]. (Poder público)

(138) [...] eu acho que falta só mais informação pros turista, tem que ter. Até fora da festa os turista chega não tem nenhuma informação [...] não tem aqui aonde que tem qual pousada... se alguém perder não tem um lugar “ah vou perguntar fulano que tem o endereço direitinho”, não sabe. Nois mesmo que trabalha nas loja não sabe os nome das pousada tudo, eu acho que falta mais informação. (Morador 4)

Não obstante, o cenário de dificuldades em relação à circulação de pessoas nas ruas da cidade também é evidenciado nos relatos apresentados pelos peregrinos, com destaque para os que possuem algum tipo de deficiência, indicando que a existência de barreiras públicas impossibilitam a entrada de automóveis, mesmo que seja para o transporte de cadeirantes, como pode ser observado nos fragmentos (139) e (140). Nesse contexto, os argumentos inferem, mais uma vez, a falta de estrutura na cidade durante a festa, já que as condições para aqueles que possuem algum tipo de deficiência, não são atendidas de forma satisfatória.

(139) A maior dificuldade é quando vai entrar na cidade né, que o movimento é grande e pra chegar na igreja que tá tudo fechado [...] sempre a gente dá um jeitinho, como eu sou cadeirante eles vão deixando, mas esse último ano que nós fomos agora, eles não deixou, nois tivemos que deixar o carro longe e ir empurrando a cadeira [...]. (Peregrino 3)

(140) (O espaço próximo à basílica tem) Muita barreira, porque o pessoal cerca tudo, então ocê tem que deixar o carro longe pra chegar [...] então pro cê chegar [...] naqueles comércio ali, ocê já tem que tá lá dentro, porque se ocê não tiver lá dentro [...] a chegada lá é difícil, é difícil. (Peregrino 3)

A partir do exposto, é possível verificar as modificações provocadas na cidade de Trindade em decorrência do comércio festivo. Nesse sentido, ao passo que as feiras são instituídas durante a semana de festividades, novos territórios são criados, e as relações de poder visualizadas na atuação de comerciantes fixos e temporários. A feira passa a ser entendida como

um elemento que faz parte da tradição da festa, e nesta, o ramo de artigos religiosos ganha destaque, sendo o principal fator gerador de renda.

4.3. O caminho da peregrinação: caracterização

Na abordagem da peregrinação, os relatos possibilitam compreender que, apesar da existência de diversos caminhos de realização da romaria à Trindade, o percurso que contém maior número de peregrinos é o realizado de Goiânia a Trindade, na rodovia GO-060, compreendida em uma distância de 18 quilômetros (fragmento (141)).

(141) [...] quando a gente fala assim os caminhos né, pra quem vem pra cá [...] via a pé, então o fluxo maior de pessoas que vem, vem de Goiânia pra cá [...] existe os painéis da via sacra que é a maior galeria da via sacra a céu aberto, acho que do Brasil né, [...] então assim, o fluxo maior de pessoas que vem a pé é de Goiânia até aqui, é... de trevo a trevo, 18km né, mas os outros caminhos... são muitas pessoas que vem de outras cidades, que saem das suas cidades e vem a pé pra cá, são muitas pessoas né, e tem muitas vias pra se chegar aqui... mas o fluxo maior é Goiânia a Trindade. (Comerciante 9)

A religiosidade e a devoção é apresentada como um elemento que percorre gerações, sendo transmitida de pais para filhos e, em maioria, fundamentada na experiência de promessas e agradecimentos, como exposto dos fragmentos (142), (143), (144) e (145).

(142) Tem 20 anos que a gente faz essa caminhada. [...] Já veio de família né, a tradição [...] de pai, de mãe [...] era devota, já fazia as caminhada. [...] o que me leva, é porque a gente já recebeu várias bênçãos, desde a época da minha família, do meu pai e da minha mãe recebeu muitas bênçãos, inclusive eu mesmo tive um milagre muito grande: as minhas vistas né, era ruim demais, eu não tava enxergando quase nada e eu passei seguir a novena igualzinho cê tá vendo aqui, todo dia tá ligado no Divino Pai Eterno, eu comecei a pôr a água nos olhos, depois de quando eu comecei a pôr a água nos olhos, nunca mais minhas vistas escureceram, minhas vistas é boa hoje, foi uma benção que eu recebi. (Peregrino 1)

(143) [...] o meu bisavô já fazia, que passou pra minha avô, que passou pro meu pai, então vem já de geração pra geração [...]. (Peregrino 2)

(144) Quando eu era criança, minha mãe disse que eu era muito doente e aí ela fez um voto de deixar meu cabelo crescer até os 7 anos [...] e cortar e levar uma foto vestido de anjo [...] nos pés do Divino Pai Eterno, e aí a gente foi e fez isso [...]. (Peregrino 3)

(145) [...] meu avô foi [...] devoto ao Divino Pai Eterno, então assim, desde quando era pequeno a gente escuta [...] tem essa tradição da família [...] já vem de raiz, desde de pequeno [...] a gente vê, escuta falando que meu avô sempre, mesmo não indo eu escutava meu avô falar que mandava dinheiro pra colocar nos pés do Divino Pai Eterno, aí foi até um ano que eu tive a oportunidade de ir, e desse ano até hoje eu nunca deixei de ir nenhum ano, apesar de todas as dificuldades, porque é claro que tem ano que cê fica apertado, cê pensa “nossa, será que eu vou dar conta de ir, será que eu vou conseguir ir?”. Mas assim, a fé e a força, e aquela [...] expectativa, a esperança de chegar o dia [...] nos leva até lá. Então a partir desse momento que eu fui a primeira vez eu não deixei de ir nenhum ano.” (Peregrino 6)

Os relatos inferem que o pagamento de promessas é caracterizado como um dos principais motivos que conduzem as pessoas a realizarem a romaria. De forma complementar, se observa que a continuidade da graça recebida não é colocada como um fator determinante

ao seguimento da promessa, como pode ser visto nos fragmentos (146), (147) e (148), indicando que, apesar de ter alcançado a graça do emprego em certo momento da vida, o peregrino deu continuidade à realização da romaria, mesmo estando desempregado atualmente.

(146) Eu tive milagre. Eu tava desempregado e pedi: “Ôh Divino Pai Eterno, se eu conseguir o meu serviço eu vou a pé todo ano que eu tiver vida, eu vou a pé pra Trindade, e fui. (Peregrino 4)

(147) [...] a gente começou ir de excursão a primeira vez com a minha mãe, antes da minha mãe começar fazer e a gente ia, aí depois disso a gente não parou mais [...] Mas a pé, a pé foi ali pelos 12 anos que eu comecei, que foi meu primeiro emprego. (Peregrino 4)

(148) Eu era produtor de eventos, agora eu to parado. (Peregrino 4)

Os relatos também possibilitam compreender a existência de um planejamento para a realização da romaria, o qual é caracterizado por uma preparação de ordem psicológica, espiritual e organizacional (fragmentos (149), (150), (151) e (152)).

(149) [...] a gente já organiza desde o dia que a gente sai de lá, no último dia da festa a gente já deixa marcado pro outro ano, porque como a gente fica no hotel, então a gente já deixa marcado [...] então a gente já começa aquele preparo desde o último dia da festa do ano anterior já pro ano seguinte. [...] igual, nós fomos agora em julho e já deixamos marcado pra julho de 2020. Deixamos organizado o hotel e começamos a pagar em janeiro. (Peregrino 6)

(150) [...] a gente já começa a preparar a uns quinze dias da festa. Na verdade assim, eu já [...] assisto a missa da Trindade [...] sempre que possível, todo sábado ou domingo, já é de praxe aqui dentro de casa. Eu ligo a televisão às 17:30 hrs que é a novena, então é o ano inteiro. E quando não dá pra mim assistir no sábado eu assisto no domingo. Aí o dia que não dá pra mim assistir em nenhum dos dois dias, eu fico a semana inteira pensando, então assim, a gente já vem com essa tradição. [...] então a gente já começa assim, na semana “ah, esse ano eu vou caminhar”, então assim, já vem com essa preparação espiritualmente o ano inteiro, entendeu? [...] a gente já vai preparar psicologicamente, espiritualmente, [...] quando chega na semana, um mês antes, a gente já começa assim, trabalhar a caminhada [...] a alimentação mais leve no dia da caminhada [...] e roupas leves [...]. (Peregrino 6)

(151) [...] como daqui em Trindade é uns trezentos e poucos quilômetros, nós acorda lá pelas 04:00 horas da manhã, nós toma um café na nossa casa [...] os outros amigos e familiares [...] que vai também reúne tudo aqui na nossa casa [...] depois a gente faz uma oração aqui na porta e depois segue de carro. [...]. (Peregrino 5)

(152) [...] antes de sair o ônibus a gente faz uma oração, tem a imagem do Divino Pai Eterno que a gente leva no ônibus, pede pra ele passar na frente do motorista, que o motorista é responsável por tudo né, e a gente pega e faz uma viagem boa e todo mundo vai e volta, e sempre na viagem tem alguém que é meio intrigado né, e ali naquele dia a pessoa fica aquele espírito guerreiro de Deus né. (Peregrino 1)

A partir das entrevistas, os argumentos indicam que o percurso da peregrinação se caracteriza em um espaço que contém elementos de religiosidade, como orações realizadas no início, durante e ao término da caminhada, principalmente nas estações da via sacra, sendo considerada como o principal espaço de parada dos romeiros (trechos (153), (154), (155) e (156)).

(153) Vai rezando o terço durante a caminhada [...] Cada via sacra nois para, [...] reza no mínimo uns 8 minutos em cada via sacra e a gente vai no banheiro, bebe água e continua a caminhada, as parada nossa é só em cada via sacra. Se você fazer uma caminhada e não parar na via sacra e só ir na caminhada direto e falar que fez, eu acho que você não fez a caminhada, entendeu. Cê tem que parar, rezar e agradecer o que você tá pedindo, a sua intenção que você tá pedindo naquele ano, que seja um ano bom de 2020 pra nós, que vai ser muito bom se Deus quiser. (Peregrino 1)

(154) [...] a gente costuma parar lá [...] na Via Sacra, acende a vela, faz uma oração de agradecimento e continua. [...] aquilo é um momento de reflexão. [...] a gente fica refletindo sobre tudo que aconteceu, agradecer pelo ano que tá ali. (Peregrino 2)

(155) [...] a gente se reúne na hora que vai começar a fazer a caminhada da fê né, [...] todo mundo que tá com a gente e que vai fazer a caminhada, faz uma oração, aí a partir de lá a gente começa a fazer a caminhada. (Peregrino 5)

(156) [...] sempre que a gente para nas parada a gente vai faz oração, cada uma delas, é a parada que a gente para um pouquinho [...] na Via Sacra, mas é coisa rápida. (Peregrino 3)

Além da via sacra caracterizada como o principal espaço de descanso e orações, se observa que o espaço do cominho também contempla elementos que indicam práticas religiosas, como a utilização de artigos religiosos e objetos apontados como representações do sagrado durante o percurso (trechos (157), (158) e (159)).

(157) [...] na minha cadeira [de rodas] eu tenho um terço nela amarrado [...]. (Peregrino 3)

(158) [...] a gente leva um tercinho [...] ao longo da caminhada a gente também vai rezando, ou também a gente veste camiseta [...] com o Divino Pai Eterno estampado [...]. (Peregrino 5)

(159) A gente faz (orações durante o percurso), vai com o terço segurando um terço na mão e vai rezando. [...] Ave Maria, Pai nosso, Glória ao Pai [...] Cada um faz um estilo de promessa, tem muita gente que vai com terço, [...] aconteceu esse ano comigo eu vi um rapaz levando uma cruz grandona, então cada um faz um estilo de promessa, e cada um assim que consegue chegar onde quer chegar, [...] ano passado teve uma mulher que era da Bahia, ela pôs uma santa em cima da cabeça, eu lembro certinho, e foi daqui até lá sem cair e eu fiquei obcecado naquilo. [...] Sem ficar segurando, normal e ela caminhando com a santa na cabeça e eu fiquei com esse trem na cabeça, e esse ano foi com o rapaz da cruz, levou uma cruz grandona segurando na mão do filho dele e foi daqui lá com a cruz. (Peregrino 4)

Continuando, é possível inferir, a partir dos relatos, que o espaço da peregrinação é assinalado pela existência de barracas de apoio aos romeiros, com o fornecimento de água e alimentos, conduzindo a uma reflexão de que o trajeto realizado pelos romeiros na rodovia GO-060, compreende um espaço caracterizado pelo apoio e auxílio aos peregrinos (fragmentos (160), (161), (162), (163) e (164)), diferentemente do contexto apresentado na cidade, em que o apoio destinado aos romeiros parece ser insuficiente (fragmentos (069) e (070)).

(160) Toda vez que eu vou, sempre tem algum pessoal são devoto, e como são devoto às vezes ele ajudam com comida ou com água, ou com pão, ou com café e assim vai, mas sempre tem uma barraca lá na frente que sempre serve pão, leite, bolacha, *skinny*, essas coisas pro pessoal. [...] uma barraca de apoio. (Peregrino 4)

(161) Os romeiro tem seus apoio pra caminhar, tudo certinho sabe. [...] tem banheiro, tem tudo organizado [...] a gente leva só a fê [...] Porque as primeiras caminhadas [...]

quando não tinha apoio levava água, mas hoje a caminhada lá de Trindade o apoio é ótimo [...] O apoio que eles dá pra gente é muito bom, é água, suco, é melancia, é café da manhã, [...] banheiro, cê tem [...] água a disposição, todo tempo cê tem água. (Peregrino 1)

(162) [...] questão de alimentos a gente quase não leva porque naquele trajeto tem muito ponto de apoio, então acaba que nem tem necessidade da gente levar. (Peregrino 2)

(163) [...] eu levo muito pouca coisa, porque tem muitas barracas de apoio que o pessoal faz muitos lanches pra dar pra todos os romeiros, tipo como uma “cumpridão” de voto, então acaba que a gente não tem praticamente gasto nenhum. Não precisa da gente nem levar nada porque tem tudo de graça que o pessoal dá pra todos os romeiros “berano” o lugar onde todo mundo caminha. (Peregrino 5)

(164) [...] as barracas de apoio são muito boas, excelentes [...] sempre eles dão água, [...] eu levo na mochilinha às vezes uma toalha e uma garrafinha de água só, no máximo, e nem levo bolsinha de dinheiro nem nada, porque as barracas de apoio [...] se você precisar ali a assistência é nota mil [...]. (Peregrino 6)

De forma complementar, nesse contexto da peregrinação também é possível verificar a presença de outras denominações religiosas. Por sua vez, a atuação de igrejas no espaço da peregrinação não pertencentes à religião católica, é caracterizada por posicionamentos conflitantes, pois, ao tempo em que seguidores de determinadas religiões se instalam no percurso da peregrinação oferecendo ajuda aos peregrinos (fragmento (165)), outros fazem do momento da romaria uma oportunidade para pregarem a religião a que pertencem, buscando novos fiéis (fragmentos (166) e (167)). Assim, a partir dos relatos parece haver no espaço da peregrinação certas disputas religiosas, evidenciadas na abordagem a que os romeiros se deparam durante o trajeto.

(165) [...] eu tinha ido numa palestra do Padre Robson lá em Trindade, e aí ele falando [...] dos evangélicos lá, falando essas coisas de religião, que os evangélicos estavam meio que queimando a festa, falando coisas, e eu achei interessante que antes deu participar dessa palestra dele, lá na caminhada [...] eu vi um pessoal da igreja batista fazendo doação lá de biscoito [...] na caminhada pros romeiros, fazendo a doação de biscoito [...] são evangélicos e eles davam o lanche e doavam uma bíblia [...] de pensamento [...] diário. [...] então assim, não por eles serem evangélicos que eles iam excluir a festa da romaria [...] eles estavam com uma barraca montada na pista lá dos romeiros, doando o lanche, o biscoito né, os biscoitinhos no saquinho muito bem organizado com a barraca, com uma faixa escrito que eles também estavam ajudando os romeiros e servindo a Jesus, servindo a Deus [...] pela minha visão eu achei assim uma boa ação, que não ficou só lá querendo pregar... [...] aí foi no outro dia que eu escutei o Pe. Robson falando que às vezes a pessoa fica pregando a palavra deles, a religião deles, e excluindo, querendo excluir o católico né, dentro da cidade santa. (Peregrino 6)

(166) [...] os evangélicos às vezes já teve ano que tava lá pregando né [...] “vamos na nossa igreja, nossa igreja é ali em frente” [...] ali naquela caminhada tem uma igreja evangélica lá perto aí... “vamos na nossa igreja” “não moço, agora a gente não pode, muito obrigada, tchau” e vamos embora. (Peregrino 6)

(167) Eu já fui abordado na caminhada por umas pessoas evangélica querendo tirar oê daquele foco que você tá. [...] no meio da caminhada querendo tirar o povo, e eu já acho que é um abuso né, porque nois não vamo na religião deles e eles ir lá no meio da nossa religião pra buscar gente, acho que é errado, eles ficar no meio [...] onde a gente passa. [...] Tentaram falar que essa religião nois não ia ganhar salvação e eu

falei pra eles que nessa religião eu já ganhei minha salvação, só de eu tá caminhando eu já tô salvo. E falei pra eles que Deus é um só, existe só um Deus, não existe dois Deus. (Peregrino 1)

Ao serem abordados quanto as dificuldades encontradas no trajeto da peregrinação, a partir dos relatos fica evidente que a resistência e capacidade física é a principal adversidade vivenciada pelos romeiros (fragmentos (168) e (169)). Em adição, além dos problemas mencionados no percorrer da caminhada, como dores nas pernas e pés, se observa que o momento posterior à romaria também produz resultantes que influenciam o estado físico dos indivíduos, como exposto no fragmento (170).

(168) [...] quando eu comecei eu achei que eu não conseguia, as pernas começou travar, começou dar câimbra, e eu fui rezando e pedindo [...], e a fê supera qualquer dor, [...] pessoa nossa chegou com os pé tudo cheio de calo e sangue lá, mas conseguiu, não desistiu, cê entendeu!? Nos próximos anos não deu calo, não deu nada mais, quer dizer ele tinha que passar por aquele sacrifício, cê entendeu? Talvez a pessoa começa a perna doer e tal, mas Deus tem que mostrar que ele tem que passar por aquele sacrifício [...]. (Peregrino 1)

(169) [...] muita gente fala assim: “ah, [...] é pertinho”, [...] mas quem ta [...] a pé e vê o que ocê passa, não é pertinho não, a perna às vezes não tá acostumada, as perna não aguenta, os pé incha, pé dá bolha. [...] O mais difícil do trajeto é quando tá chegando [...] a perna vai travando, o pé não vai querendo chegar, parece que é um trem mais engraçado do mundo, parece que ocê vai custando [...]. (Peregrino 4)

(170) [...] eu já vi pessoas que não consegue chegar até ao final da caminhada. Muitos falam que já tá muito cansado, que não aguenta andar mais [...] Quando eu chego em Trindade geralmente eu chego com minhas pernas doendo um pouco. Meus pé também chega doendo, aí na hora que o corpo descansa mesmo, que eu sento, por exemplo, eu sento lá um pouco e eu vou levantar depois, nossa, aí as perna fica doendo, os pé doendo [...] sinceramente, eu quase não dou conta de andar! Mas aí como lá depois já é tudo pertinho, aí acaba que a gente consegue finalizar. [...] eu fico mais ou menos uns quatro dias com os pé doendo, as pernas doendo, de tanto ficar em pé e de tanto andar né. (Peregrino 5)

No tocante ao comércio praticado no decorrer da peregrinação, conforme exposto nos relatos dos entrevistados, é possível verificar que o comércio contempla, em sua maioria, produtos alimentícios, como bebidas e lanches. Porém, também se observa que a existência de barracas ao longo do percurso inclui a comercialização de artigos religiosos, vestuário e bijuterias, se caracterizando em uma diversidade de oferta, cenário também identificado no contexto festivo da cidade de Trindade (fragmento (089)).

(171) [...] caldo, espetinho, água, água de coco, refrigerante, suco, bebida eu acho também, [...] chinela, produto religioso, itens religiosos, [...] terço... essas coisas. (Peregrino 6)

(172) Tudo que ocê pensar tem. [...] Alimentação, água, bijuteria, tudo que ocê pensar tem. (Peregrino 3)

(173) [...] tem pessoas que fica vendendo espetinho, vendendo suco, vendendo sanduíche, café [...] muitas barraca que tá ali só pra vender, entendeu. (Peregrino 1)

(174) Olha, o povo vende mais comida, às vezes um chinelo porque o povo tá com calo no pé, [...] uma água. [...]. (Peregrino 4)

(175) [...] nesse percurso a gente encontra [...] barraquinha de vendas de camiseta, de bermuda, de tercinho, de correntinha, de lembrancinha, tem de tudo “contué” tipo de coisa relacionado ao Divino Pai Eterno [...] é o que mais a gente encontra pra vender. (Peregrino 5)

Ao serem abordados quanto a existência de concorrência no percurso da peregrinação, os relatos apresentados indicam discordâncias entre os sujeitos investigados. Ao passo que alguns peregrinos elucidam sobre a existência de disputas comerciais (trecho (176)), outros relatam como percepção a inexistência de competitividade, fundamentando na justificativa de que cada comerciante possui seu próprio espaço de comercialização (trechos (177) e (178)).

(176) Ah, há (disputas entre comerciantes), ixi! [...] Cada um quer vender seu peixe né. [...] Aquelas outras barracas eles comentam “saiu quentinho, tá quentinho, saiu agora” [...]. (Peregrino 3)

(177) Não, eu acho que não (tem disputas por espaços), porque geralmente cada um já tem o seu lugar né. As pessoas não montam coisas muitos grandes, são coisas pequenas mesmo. (Peregrino 5)

(178) Não, assim, não percebo não, porque acho que todo mundo tem o seu espaço ali, então assim, são tantas pessoas [...] o que não atende o de cá né o outro supre o do outro, então assim, eu não vejo esse tipo de competição, de competitividade não. (Peregrino 6)

Não obstante, assim como foi analisada as características do comércio na cidade de Trindade em período festivo, é possível perceber por meio dos relatos que existem alguns elementos que assemelham ao comércio praticado na peregrinação. Neste sentido, ao passo que o comércio na cidade evidencia a prática de preços mais baixos nos últimos dias de festa, o mesmo ocorre no percurso da romaria, ou seja, quanto mais o trajeto se aproxima do final, sendo este indicado como o Portal de Trindade, os preços praticados aos produtos vendidos tendem a ser menores, como relatado no fragmento (179). Além disso, cabe destacar que a insistência de comerciantes no trajeto da peregrinação (fragmento (180)), também é outro elemento que assemelha ao comércio de Trindade, retratado nos trechos (120), (121) e (122), exibindo características de coação e insistência.

(179) [...] lá no começo a água é R\$3,50, e mais no meio a água já é R\$2,00 e quase chegando a água já é R\$1,00 [...]. (Peregrino 1)

(180) [...] às vezes cê não quer comprar, mas tem gente que é insistente “faço um preço bom pra você” [...]. (Peregrino 4)

De forma geral, é possível dizer que o caminho da peregrinação também se configura em elementos que descrevem a existência de territórios, sendo esses identificados nos espaços de paradas dos romeiros e nos diversos comércios instituídos no percurso do caminho. Por sua vez, a peregrinação é definida enquanto oportunidade de agradecer e pedir graças, sendo caracterizada por planejamento e organização, além de requerer uma preparação de ordem psicológica, espiritual e organizacional. Finalmente, alguns aspectos são possíveis de serem

identificados de forma semelhante ao comércio da cidade, como a prática de empregar preços menores conforme se aproxima da conclusão do evento, seja a peregrinação ou a festa.

4.4. Sacralidade e profanidade

Ao adentrar à festa analisando os elementos configurados como sagrados e profanos na perspectiva dos atores investigados, é possível inferir por meio dos relatos que, historicamente, houve uma mudança nos espaços de realização da festa religiosa. Como foi destacado no início desta análise, os eventos religiosos que acontecem durante a festa se concentram, em sua maior parte, no estacionamento da basílica, local onde são realizadas missas, novenas, procissões, dentre outras atividades religiosas. Porém, cabe destacar, que os eventos praticados no decorrer da festa também englobam a apresentação de shows artísticos e que, para a realização destes, atualmente há um espaço específico localizado a dois quilômetros do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, denominado Carreilódromo de Trindade.

Assim posto, os relatos inferem que, ao passo que a festa passou a contar com a realização de shows, houve um aumento significativo no número de pessoas e, conseqüentemente, de conflitos existentes e desorganização, principalmente em decorrência da falta de segurança, como observado no fragmento (181). Em adição, se observa que os espaços de shows e práticas religiosas aconteciam de forma muito próximas, refletindo em situações conflitantes no espaço, já que a realização de shows culminava em barulho e desordem (fragmentos (182), (183) e (184)).

(181) [...] aqui (na festa) antigamente era perigoso, teve um ano (que) só na avenida [...] teve seis homicídio, depois que [...] o antigo prefeito passou o carreilódromo pra lá e tirou daqui do fundo, que é onde que é a festa [...] na época [...] não tinha esse negócio de cantor [...] não tinha show [...] aí quando começou a fazer show aí começou os aflitos, aí o prefeito tirou o pessoal daqui e levou pro carreilódromo. (Morador 1)

(182) [...] antigamente era mais desorganizado né, mas agora tá bem organizado [...] acabou aquele tumulto, aquela bagunça que tinha ali na avenida de festa, do povo bebendo. Aí levou tudo pra um lugar só, não fica perto assim da igreja. [...] (antes) Era tudo na avenida. (Comerciante 3)

(183) [...] antes assim, o movimento de show, ali na avenida principal tinha muita barraca, era muito show, muita coisa lá, aí depois entrou outro prefeito e ele foi tirando de lá [...] e aí levou os shows, outras coisa de festa que tem, os passeio de carro de boi, tudo lá pro carreilódromo. (Comerciante 3)

(184) [...] quando era tudo assim misturado, quando tinha a missa aqui e os barulho ali e as bagunça, aí era errado, né? Agora [...] tudo separado, quem vem pra fazer bagunça fica pra lá. (Comerciante 3)

De forma peculiar, os argumentos indicam que o espaço utilizado para a realização de shows na avenida principal era percebido como o lado profano da festa e, a partir do momento que houve uma adequação dos espaços de realização dos eventos, se deu a separação do espaço

sagrado do espaço profano, como mostra o fragmento (185). Nesse sentido, os relatos possibilitam associar a realidade apresentada aos estudos de Rosendahl (1999), ao discorrer que os espaços profanos são aqueles que se encontram próximos aos espaços sagrados na conjuntura de festas religiosas, tendo o lazer como uma de seus elementos.

(185) Agora tá mais subdividido, porque de primeiro [...] a avenida principal era o lado profano da festa, um monte de barraca com bebida e som, daquele jeito. Aí o que eles fizeram? Tiraram tudo de lá e remanejaram lá pra cima, pro carreilódromo, aí começaram a fazer os shows lá [...] Agora tá bem separado, o pessoal que quer rezar fica mais por aqui, e a galera que quer uma balada pra lá. [...] quem não quer não vai, e não é obrigado a conviver também, porque (antes) lá na avenida, mesmo se você não quisesse, era obrigado a passar lá. (Comerciante 1)

Por sua vez, a realização de shows é apontada como sendo uma iniciativa conjunta do poder público com a igreja. Porém, se observa que, até mesmo na realização de tais eventos, há uma separação em relação à natureza dos shows. Ao passo que a igreja prioriza apresentações com artistas de denominação religiosa católica, como o Padre Fábio de Melo, o poder público contempla shows de artistas diversos, distanciando da natureza religiosa. Dessa forma, é possível entender, que no espaço de realização de shows há uma divisão acerca da existência de conjunturas sagradas e profanas em que, aquilo que é produzido pela igreja é apontado como elemento sagrado, enquanto o que é produzido pelo poder público é entendido como sendo profano (fragmento (186)).

(186) [...] os shows que vem ocorrendo da festa, que assim, começa uns três dias antes da festa até terminar, [...] o último domingo já é do prefeito, é o prefeito que traz, aí não tem nada a ver com a igreja, a igreja aqui eles traz são pessoas assim [...] igual o padre Fabio que veio [...]. (Morador 1)

Os argumentos apresentados inferem que o espaço festivo, mesmo fundamentado na natureza devocional religiosa, culmina em um espaço dotado de ações que se divergem entre o bem e o mal, o certo e o errado, logo, entre atitudes consideradas sagradas e profanas. Dessa forma, é possível dizer que a fé passa a ser um elemento sagrado (fragmento (187)), possibilitando comparações no espaço festivo. O sagrado é explicitado nas ações de prece e promessas, enquanto que o profano, é refletido pelas ações de baderna, bebedeira e roubos no contexto festivo religioso (fragmentos (188), (189), (190) e (191)).

(187) [...] sagrado acho que é mais é a fé que você tem, [...] a religião né, fé, devoção, tudo [...]. (Comerciante 8)

(188) Aqui durante a festa tem uns que vem pra rezar, outros que não, entendeu? Vem fazer bagunça, fazer coisa errada, isso aí é uma coisa que eu acho que não deveria, mas que infelizmente tem. Mudou bastante de uns anos pra cá, mas tem que mudar muito ainda. (Comerciante 4)

(189) [...] tem muitos (visitantes) que vem com a fé e uns que vem com má fé. Tem uns que vem pra sacanear e tem aqueles que vem com fé. A gente mesmo vê porque eu sou ministra da eucaristia [...] já tem doze anos [...] Então a gente vê muito assim,

muita pessoa com má fé e outras com muita fé mesmo. Então às vezes tem gente que vem de longe e assim, toca na gente e parece que elas sente assim “oh menina, deixa eu te dar um abraço, ocê reza por mim, ocê faz isso por mim”. Agora, tem uns que vem só pra sacanear. (Morador 3)

(190) Bom, é igual eu falo, que é Romaria, Divino Pai Eterno, que é da igreja, mas a maioria dos povo que vem, eles não vem só por essa crença, eles vem pra curtir mesmo, pra beber [...]. (Morador 2)

(191) [...] (as pessoas) vem de tudo quanto é lugar, mas assim elas vem de passagem, tem aquelas que vem pra fazer bagunça e tem aquelas que vem, fala assim “hoje é a festa em Trindade eu vou cumprir minha promessa” e passa aqui e diz “amanhã já to indo embora”, [...] agora tem os bagunceiro que vem pra ficar [...] Pra beber, pra fazer bagunça, pra roubar dos outros, porque tem muitos [...]. (Morador 3)

De forma comparativa, os relatos possibilitam compreender que as diversões oriundas da realização da festa são identificadas como elementos de maior importância do que a própria divindade religiosa, e que, de acordo com a percepção dos romeiros, esse posicionamento é sujeito a questionamento, uma vez que o participar da festa em honra ao Divino Pai Eterno é compreendido pela ação de estar nos espaços considerados sagrados, como a igreja, participando das celebrações religiosas (trechos (192), (193) e (194)). Logo, é possível compreender que a igreja é definida como território religioso.

(192) [...] eu sei de pessoas que vai só pela festa mesmo, pra passear, nem vai na igreja, só pela festa mesmo. (Peregrino 2)

(193) [...] o que vai só pra passear né, que não entra nem dentro da igreja. [...] tem aquele turista mesmo que só vai [...] por conta da bebida né, e o peregrino que vai ali em busca de melhoras, em busca [...] do milagre, da fê, da cura. (Peregrino 6)

(194) [...] é complicado, multidão de gente, cada um tem uma opinião, cada um pensa de um jeito, então essa parte é complicado, porque fica também em decisão da igreja também, porque cê não agrada só um, cê tem que agradar todo mundo, então eu acho que ali nesse caso é complicado. [...] tem muita gente que vai pensando que é festa, vai pra show, eu acho que ali é um lugar sagrado e eu acho que não precisava. (Peregrino 4)

Ao serem abordados quanto aos objetos considerados sagrados, os argumentos inferem sobre a existência de atribuição da sacralidade às imagens de santos, sendo entendida como sinônimo de devoção (fragmentos (195) e (196)). Cabe destacar, que alguns relatos apresentam certa contradição, pois, mesmo referindo à imagem como elemento munido de sacralidade e religiosidade, tal atribuição é igualmente questionada, como pode ser visto no fragmento (197).

(195) [...] há pessoas que pra eles a imagem é sagrada. Quer dizer, muitas dali, podem passar fome na viagem, mas o santo eles vão ter que comprar. Porque eu acho que quem vem em Trindade e não comprar um santo, é a mesma coisa que não vir né. É como costuma dizer, vai pra Roma e não ver o Papa [...]. (Comerciante 7)

(196) [...] as pessoas se espelham em algo, igual, por exemplo, eu sou devota do Divino Pai Eterno, então eu vou querer uma imagem, eu vou querer um chaveiro, uma coisa que vai me lembrar que eu tenho devoção àquilo [...]. (Comerciante 8)

(197) [...] as imagens por exemplo, não tá na Bíblia, de você ter uma devoção [...] porque Deus é um só né [...] a gente ser humano acaba fazendo ao contrário do que é realmente né. (Comerciante 8)

Abordados quanto ao comércio praticado na cidade em período de festa, se observa nos relatos que a comercialização de artigos religiosos é compreendida como um meio de sobrevivência e, portanto, não é vista como prática profana, como mostra os fragmentos (198) e (199).

(198) [...] querendo ou não (vender artigo religioso) é um meio de sobrevivência da gente que não tem outro recurso, outra forma, porque querendo ou não o que manda aqui em Trindade é o religioso, então... no caso é uma sobrevivência pra quem vende [...] então eu acho que não seria [...] errado não. (Comerciante 8)

(199) [...] quanto aos objetos que vende lá fora, é uma forma que cê vai também pra momento de oração, reflexão, fé, devoção, mas também cê pode ir pra apreciar outros tipos de coisas. (Peregrino 6)

Quanto à comercialização de produtos que não são de natureza religiosa, os relatos evidenciam que há certa contradição nos argumentos apresentados, suscitando questionamentos entre os comerciantes. Enquanto que determinados entrevistados não atribuem sacralidade ou profanidade aos vários tipos de comércios praticados próximos à basílica (fragmento (200)), determinados comerciantes e peregrinos expõem sobre a existência de comércios profanos, como a ampla quantidade de barraquinhas (fragmento (120)) e a venda de bebidas alcóolicas (fragmentos (201) e (202)).

(200) (Comercializar outros produtos que não sejam religiosos) [...] sagrado não é, mas acho que profano também não, porque [...] tem muita gente que depende disso, então aproveita que a festa tem muita gente, [...] todo mundo compra, católicos mesmo compram sapatos, compram roupas, então acho que não (é profano). (Comerciante 8)

(201) [...] em torno da Basílica eu acho meio errado o comércio alcoólico [...] pessoal que vem em termo religioso, eu acho que igual tem os lugares de show [...] devia ser destinado pra essa área ali em volta ou mais fora da área da Basílica, das igrejas, não tem nada a ver, mas perto das igrejas eu acho muito errado, e tem. (Comerciante 6)

(202) (Acredita ser profano a comercialização de bebidas alcóolicas na festa) Sim, e muito. [...] eu acho assim, não deveria ter aqui perto (da igreja). Tem lugares pra festa pra lá, mas infelizmente aqui tem [...]. (Comerciante 4)

Como pode ser observado, os relatos evidenciam que a ação de comercializar bebida alcóolica é colocada como prática profana. De forma complementar, a ação de consumir bebidas alcóolicas também suscita questionamentos, pois, ao passo que determinados entrevistados expõem a repulsa à ingestão de bebidas durante a festa (fragmento (203)), outros argumentos não corroboram com a ideia de que beber no contexto festivo estaria relacionado a uma ação profana (fragmento (204) e (205)).

(203) Eu acho que tinha que ter rejeição, tipo uma lei pra pessoa [...] Eu acho que no dia da festa de Trindade tinha que ter uma lei lá, “bebeu, vai preso”. Comércio que vendeu, “prende o comerciante”. Aquilo ali é coisa pra Deus, é um dia só pra Deus, cê entendeu? Porque tem pessoas que vai só pra beber e comer churrasco, tem pessoas que vai ali, paga a passagem dele só pra ele beber, só pra mexer com churrasco [...]. (Peregrino 1)

(204) [...] uma festa daquela dimensão, daquele tamanho, daquele tanto de gente, cê não consegue proibir (certos comércios). Então assim, [...] é o respeito que cê tem que ter. Eu não vou entrar dentro da igreja com uma latinha de cerveja [...] Então assim, é o respeito [...] cada um no seu lugar. Então você não consegue proibir, quanto aos objetos que vende lá fora, é uma forma que cê vai também pra momento de oração, reflexão, fé, devoção, mas também cê pode ir pra apreciar outros tipos de coisas. E não deixar também de sentar um pouquinho pra almoçar, tomar uma cerveja, cê não vai sair de lá [...] tonto né, mas também assim, [...] eu não acho [...] que seja errado e nem assim, que seja correto né. (Peregrino 6)

(205) Lá, assim, na caminhada eu não compro, mas [...] eu tomo lá (em Trindade), entendeu? Tipo assim, igual a gente chega lá, no outro dia a gente toma uma cerveja, não impede [...]. (Peregrino 6)

Analisando o último exposto (fragmentos (204) e (205)), é possível relacionar os argumentos aos estudos de Baptistella (2010), ao apontar o consumo de bebidas em territórios festivos como representação de alegria, estímulo corporal, e criação de um ambiente de camaradagem e solidariedade. De forma complementar, os trabalhos de Castillo e Costa (2008), elucidam que a ação de beber estaria associada à alegria e festa como parte ritualística da manifestação festiva no território. Assim, consumir bebida alcóolica no contexto festivo, é configurada como concepção de felicidade.

Continuando, os relatos apresentados possibilitam inferir que a conjuntura festiva passou por transformações significativas ao longo do tempo, fazendo com que o composto religioso em Trindade, considerado um marco da fé católica, fosse transpassado de espaço religioso a espaços de comércio (trecho (206)). Por sua vez, a igreja é elucidada como um lugar de comercialização, e a atribuição sacerdotal para a ser questionada e criticada (trecho (207)).

(206) [...] eu acho que o termo religioso, igual a maioria das pessoas que vem pra Trindade vem no termo religioso, agora já saiu dessa rota, antigamente era só isso, agora já mudou pro comércio, pro termo financeiro, [...] até a própria igreja já passou a ser um termo mais comércio do que religioso. (Comerciante 6)

(207) [...] o meu pensar é que os padre deveria tratar os romeiro com mais diferença, porque eles vem e tem muito devoto, [...] o problema deles não e a fé [...] é o comercio pra pegar dinheiro [...] antigamente, tinha um centro de apoio pro pessoal que vinha, eles davam apoio, dava banho, lugar pra tomar banho, pras pessoa usar o banheiro [...] a comunidade né, que é onde que é hoje o corpo de bombeiro, eles tiraram. [...]. (Morador 1)

Ao considerar aspectos sagrados e profanos no percurso da peregrinação, os relatos indicam que o caminho é identificado como sendo um espaço sagrado. Nesse aspecto, a sacralidade do espaço em que é realizada a romaria, se fundamenta na percepção de espaço religioso por conter a via sacra, sendo também um local de devoção, fé, reflexão e agradecimento (fragmentos (208), (209), (210), (211) e (212)). Em adição, de acordo com os argumentos apresentados, a sacralidade do espaço é então firmada pelo significado que nele é depositado, constituindo em território sagrado, como exposto no fragmento (213).

(208) Eu acho assim que esse caminho (da peregrinação) que as pessoas fazem [...] é sagrado, porque é até um momento assim de reflexão, de agradecimento, de pedido [...] de você até parar um pouco pra fazer alguma análise da vida [...] é um caminho sagrado. (Comerciante 9)

(209) Sim, um caminho sagrado, considero [...] vou [...] falar a verdade pra você, não tem coisa melhor [...] se você tiver algum problema, qualquer coisa na sua vida, alguma dificuldade pra estudar, pra escrever, [...] alguma prova que você quer passar, você pega e faz a intenção que você vai descer e faz na intenção, entendeu, mas você passa em todas as Via Sacra e reza pra aquilo que você quer, te garanto que no próximo ano você vai tá realizada dos seus problemas. (Peregrino 1)

(210) Sim, (o percurso é) um caminho [...] sagrado e que te leva a refletir as coisas [...]. (Peregrino 6)

(211) Com certeza (o percurso é sagrado), porque você vai em busca da fé [...] então seu pensamento tá focado só no Divino Pai Eterno [...] até as conversa da gente é sobre isso [...]. (Peregrino 3)

(212) Porque Trindade [...] é a cidade do Divino Pai Eterno [...] uma cidade religiosa né, e... como tem essa peregrinação, essa Via Sacra, acaba que se torna mais religiosa ainda [...]. (Peregrino 5)

(213) Eu acho que (a rodovia dos romeiros) se torna sagrado pela fé que as pessoas colocam no caminho que elas fazem. Por exemplo, eu passo naquela GO todo dia, eu amo o caminho. Eu sou uma pessoa muito religiosa, sou muito católica, mas fica banal, como eu passo lá pra fazer várias coisas todos os dias fica banal. Eu acho que a fé ela vem no significado que você coloca na caminhada que você faz. Então aí se torna sagrado. (Poder público)

De forma complementar, os relatos parecem indicar certa rejeição pelo comércio e consumo de bebidas alcóolicas no espaço da peregrinação (fragmentos (214) e (215)). Como exposto nos trechos, o fato do caminho ser considerado sagrado, torna conflitante a relação existente entre peregrinos e comerciantes, sendo considerada a impossibilidade de atuação desses tipos de comércios por parte de peregrinos, caso tivessem o domínio do território em questão. Por sua vez, a frase que evidencia tal prerrogativa é apresentada no fragmento (214), em que, ao suscitar “se eu tivesse uma força, eu não aceitaria ali naquela caminhada”, remete ao entendimento de que a “força” teria como significado o poder e o domínio do espaço sacralizado.

(214) Eu, se eu tivesse uma força, eu não aceitaria ali naquele caminho da caminhada (a comercialização de bebidas alcóolicas), porque ali é uma caminhada sagrada de Deus [...] então uma pessoa que começa a beber ali vai caçar problema mais pra frente, eu acho que ali naquela região da caminhada, não importaria, suco, coca, refrigerante, cachorro quente, até almoço tem, mas esse tipo de bebida não poderia vender, ali não. (Peregrino 1)

(215) (O percurso da peregrinação) é um lugar santo, a pessoa tá ali às vezes pra pagar uma promessa, alguma coisa que ela fez, não precisa ter bebida alcoólica, uma água, um refrigerante, tudo bem, um suco, mas bebida alcoólica não precisa. Depois que oco paga (a promessa), [...] o rapaz quiser bebida, bebe, mas antes ali naquela caminhada ali [...] lugar santo [...]. (Peregrino 4)

A partir do exposto, é possível entender que na análise do espaço festivo existem vários elementos que correspondem à aspectos sagrados e profanos. A mudança do local de realização de shows, sendo extinguido da proximidade à basílica, os comércios em relação à quantidade

de barraquinhas, e o consumo de bebidas no percurso da romaria e na cidade, são apontados como práticas profanas, enquanto que o estar na igreja e a devoção à imagens, são destacadas como características sagradas.

4.5. A Mendicância

Na abordagem do contexto festivo em análise, outro elemento de destaque é a prática da mendicância. Por sua vez, as análises anteriores evidenciam as modificações acarretadas na configuração dos espaços em decorrência da realização da festa, impactando na atuação do comércio e na vida dos moradores de Trindade. Não obstante, os argumentos também revelam que, ao passo que se aproxima do período festivo, há certo aumento da prática de mendicância na cidade, como mostram os fragmentos (216), (217), (218) e (219).

(216) [...] chegou o mês de maio pra cá você não tem sossego, do pessoal ficar batendo na porta pedindo [...] Aumenta e muito (a quantidade de pedintes em época de festa), assim, no decorrer do ano vem né, você vê, mas é daqui mesmo, você já conhece, sabe que não é de fora, entendeu. [...] fevereiro até março é calmo, aí março pra lá, aí é difícil [...] já vai mudando [...] você vê rosto diferente. (Morador 1)

(217) (A quantidade de pedintes) É o que mais aumenta (risos) muito, muito mesmo. Quando chega junho, uma semana antes já tem pessoas diferentes que você nunca viu na cidade, já tem, que é mendigo. Aumenta muito. [...] porque aumenta a demanda de fiéis né, então é aonde que eles pedem [...] a pessoa fica com dó né, pela pessoa tá naquela situação, mas não conhece, que às vezes nem a pessoa tá naquela situação realmente [...]. (Comerciante 8)

(218) Hoje você tá aqui, mas se você vier uma semana antes (da festa) você vai começar a ver eles aí [...]. (Comerciante 7)

(219) [...] dez dias antes que já começa a movimentação, já começa a chegar, aí se você for ajudar todo mundo que passa pedindo, você não consegue, então até chegar o movimento da festa, eles se tornam demais, como eles não ganham tudo, não arrecadam tudo que eles precisam, aí eles partem pro comércio [...] Muita gente (pedindo) [...] dinheiro, comida, tem gente que pede dinheiro pra beber, os cara fala assim: “ôh me arruma R\$1,00 aí pra eu comprar uma pinga ali que eu não tô aguentando, tô tremendo, tô precisando beber”, desse jeito (...) Gente com receita, com talão de energia, “Ah eu tenho que pagar uma água, tem que comprar um remédio”, então tem demais. (Comerciante 6)

Nesse aspecto, os relatos indicam que o aumento da quantidade de mendigos na cidade contribui para a constituição de um novo território: o território da mendicância. Em adição ao exposto, os argumentos evidenciam que os espaços de maior concentração desses indivíduos são os lugares próximos às igrejas e calçadas de estabelecimentos comerciais.

(220) [...] na festa, vem muito pedidores que sofre muito. [...] eles (poder público) tinha que olhar mais, a gente vê [...] muitos mendigo aí pedindo por causa da romaria [...]. (Morador 3)

(221) [...] aumenta bastante. Aumenta quando entra em período de festa, aqui lota (de pedintes). (Morador 2)

(222) [...] na entradinha assim (da cidade), tem muita gente (pedindo) [...] ali sempre eu acho que tem uma disputa, ainda mais quando cê vai pela igreja velha, gente de Deus, cê acaba de deixar um tem mais outros. Ano passado meu pai fez uma promessa,

ele juntou as moedas que ele tinha do ano inteirinho e levou e deu pra cada um, um pouquinho. [...] Onde que eu vejo eles mais é na igreja velha. (Peregrino 4)

(223) [...] o comércio tá sempre ali então todo mundo indo e vindo com dinheiro, então você tá ali, você compra alguma coisa, eles vê e já vem pedir. Se você passa comendo, bebendo alguma coisa, eles já pedem, então fica insuportável [...] Se você vai em um restaurante, chega ali tem dois, três, ali na porta, a gente nem entra. Se você vai com uma sacola eles aborda você de um jeito que assusta, pensa que eles vão te roubar [...] porta da igreja, se você for entrar na igreja é complicado até você chegar no lugar que você quer, você passa por muitos. (Comerciante 6)

(224) [...] (A abordagem de pedintes) acontece durante a caminhada, na igreja... então assim, durante a romaria em si. (Peregrino 6)

De forma complementar, essa realidade é aclarada nos relatos apresentados pelo poder público. Nesse contexto, além do reconhecimento do aumento da quantidade de pedintes na cidade em período festivo, outro elemento que caracteriza a mendicância praticada em Trindade é o uso de crianças como forma de solidarizar as pessoas, como mostra o fragmento (225).

(225) [...] a gente tem que se preparar porque a gente recebe andarilhos, pedintes. Gente que vem pra cá pra pedir, gente que usa criança pra pedir, então a assistência social do município ela tem todo um cuidado com essas crianças de acolher, de oferecer uma refeição adequada durante o dia, de dar um abrigo, senão elas ficam aí na rua peregrinando. (Poder público)

Além da configuração da mendicância evidenciar a presença de crianças como forma de obtenção de esmolas, os relatos demonstram a existência de pessoas que praticam mendicância sem a real necessidade, causando indignação e repúdio (trechos (226), (227), (228) e (229)). Nesse aspecto, é possível inferir que o espaço festivo também corrobora para a atuação de pessoas indolentes, que se aproveitam da fé e do contexto religioso para praticarem atos desonestos.

(226) [...] assim, junto o pacote, junto das pessoas que vem [...] pra romaria [...] também vem [...] os pedintes [...] (e) não são todos pedintes que realmente [...] precisam, até um relato né, um fato que ocorreu ano passado, um fato até engraçado mas assim triste né, que em frente a nossa loja aqui [...] ficava uma pessoa com cadeira de rodas [...] o dia inteiro, quando chegava a tardezinha, ela subia com a cadeira de rodas até um determinado local, ela levantava da cadeira de rodas e outra pessoa sentava e eles iam pra outro local... então tem coisas assim que você vê na festa de Trindade que você fala “não, isso aqui não existe não” [...] mas existe, eu vi pessoas [...] que supostamente [...] cadeirante e que em determinado local, determinada hora do dia levanta da cadeira de rodas e anda normal, e durante o dia pede dinheiro como se fosse deficiente. (Comerciante 9)

(227) [...] existe os dois lados da festa, existe esse lado obscuro, e [...] se você prestar atenção no que acontece no dia a dia, você vai ver muita coisa errada [...] você vai ver que são pessoas assim, mal intencionadas. [...] tem um relato de um amigo meu que tinha um comércio mais embaixo nessa rua aqui e que tava lá e que uma mulher que pediu dinheiro o dia inteiro no final da tarde encostou um carrão, abre a porta ela entra dentro do carro e sai como se tivesse normal. (Comerciante 9)

(228) [...] esse ano mesmo eu vi pessoas que vem de fora [...] pra pedir, deixa o carro em certo lugar, vai pra porta da igreja, pessoa que tem casa, estruturada, então tem gente que precisa sim e tem gente que aproveita da ocasião dos outros. (Comerciante 6)

(229) Olha, lá tem muitas coisa que é coisa de Deus, mas tem muitas pessoa que tá ali pedindo esmola que não precisa, tem pessoas ali que é fazendeiro, tem pessoa ali [...] que põe uma carne viva [...] na perna pra pessoa pensar que tá machucada [...] eu acho que é pecado. Aquela pessoa que precisa de ser ajudada, tudo bem, porque tem pessoa ali que precisa, que tá com as duas perna cortada, pessoa que não tem braço, essas pessoas precisa, eu ajudo direto, mas tem uns que não precisa ser ajudado, vê que não merece, entendeu. (Peregrino 1)

De forma particular, observando o trecho (227) é possível refletir acerca das abordagens sagrado e profano apresentadas nos trabalhos de Rosendahl (1999). Ao analisar a expressão “existe os dois lados da festa, existe esse lado obscuro”, o argumento do entrevistado parece relacionar os atos incorretos de pessoas mal intencionadas à uma concepção profana, indicando que este seria o lado obscuro da festividade.

Nesse contexto, também se observa que, ao passo que a festa corrobora com a economia local, sendo um mecanismo gerador de renda para comerciantes e moradores de Trindade (trechos (046), (048), (049) e (052)), a festividade é significada como fonte de recursos enquanto prática de mendicância, sendo associada a uma forma de trabalho (fragmento (230)). Assim posto, os relatos permitem relacionar essa realidade aos estudos de Raffestin (1993) e Rosendahl (2008), ao abordarem o escopo da representação, em que a festa religiosa passa a ter um novo sentido, uma novo significado: a prática de mendicância enquanto elemento gerador de recursos.

(230) E lógico também que tem muita gente que vem pra se aproveitar [...] da fé que muitas pessoas tem. Tem muita gente que não vem pela fé, vem pra se aproveitar, muito mesmo. [...] Tem gente que inventa [...] doença, [...] tem muita gente que é pedinte aqui né, que vem de outro lugar, tem dinheiro, carro [...] eu já presenciei a mulher falar pra mim assim, “eu tenho dinheiro, eu tenho televisão de plasma no meu quarto, então eu venho aqui, deixo meu carro em certo lugar, coloco uma roupa suja [...] e vou pedir dinheiro, porque eu ganho, eu ganho muito mais do que se eu tivesse trabalhando”, e ganha muito mais. Então assim, por isso que eu falo que [...] tem pessoas que se aproveitam da fé das outras [...] que se aproveita de Deus, de tudo. (Comerciante 8)

Por sua vez, ao analisar os relatos acerca do caminho de realização da peregrinação, os argumentos apresentados permitem compreender que a presença de pedintes no decorrer da rodovia GO-060 também é uma realidade vivenciada pelos romeiros. Como mostra os fragmentos (231) e (232), os espaços em que a mendicância é mais aclarada são destacados como sendo o início e o final da peregrinação. Dessa forma, é possível inferir que a determinação pela escolha desses espaços é justificada, considerando que são os locais em que há significativa concentração de pessoas. Ao início da caminhada, se torna comum a aglomeração de romeiros realizando orações e, de forma igualitária, o mesmo acontece ao final da peregrinação, no Portal de Trindade, considerando que este corresponde a um espaço de concentração de pessoas, portanto, dois locais estratégicos para a prática de mendicância.

(231) [...] Na caminhada mesmo, na entradinha assim, tem muita gente. (Peregrino 4)

(232) Já (fui abordado por pedintes). Acontece mais no final. (Peregrino 1)

De forma geral, é possível inferir por meio dos relatos apresentados que a mendicância faz parte da configuração festiva de Trindade, sendo identificada nos momentos de início e no decorrer da festa, modificando consideravelmente a conjuntura da cidade. Como pode ser visto, a presença de crianças nesse contexto de mendicância corresponde a um elemento preocupante para o poder público, já que a presença desses indivíduos são tidas como estratégia para obtenção de esmolas, ficando expostos nas ruas e, em grande parte, sem alimentação adequada. Em adição, a prática da mendicância é apontada enquanto meio de obtenção de renda, sendo associada a um trabalho, desencadeando indignação e acepção de ação profana.

4.6. Território e disputas territoriais

Conforme apresentado nas análises anteriores, é possível apontar que há uma clara demarcação dos espaços que compreendem a conjuntura da Festa em honra ao Divino Pai Eterno na cidade de Trindade, e que essa demarcação é refletida na constituição de territórios, como o território da igreja, território do poder público, território dos pedintes, território dos comerciantes e o território dos moradores. Nesse aspecto, se torna imprescindível apresentar os trechos que descrevem, de maneira mais detalhada, os elementos correspondentes ao domínio, controle e conflitos territoriais por meio das disputas e relações de poder existentes entre os grupos nos espaços investigados.

Por sua vez, ao abordar os aspectos territoriais explorados entre o poder público e comerciantes, sejam estes fixos ou temporários, os relatos evidenciam que o poder público detém significativo domínio e controle sobre os espaços de comércio, com destaque para a demarcação de calçadas e ruas da cidade de Trindade. Nesse sentido, a utilização do espaço é adquirida apenas conforme pagamentos de taxas, como elucida os fragmentos (233), (234), (235), (236) e (237).

(233) Tem muita gente que vem, que vem pra alugar, quer um espaço maior e às vezes a prefeitura não libera entendeu, a prefeitura tem os lugares que libera e tals, mas tem lugares aí que eu vejo muita gente correndo atrás e não consegue, então eu acho que tem (demarcação de espaços). (Comerciante 4)

(234) Na época da festa [...] quem aluga a loja assim aí pode usar a calçada, mas só que pro cê usar a calçada você [...] tem que pagar pra prefeitura [...] se vier e alugar, tem que pagar a licença pra usar a calçada. (Comerciante 3)

(235) [...] a prefeitura deixa [...] cada um no seu lugar, se alugou, tudo é organizadinho. [...] É (realizado pela prefeitura a organização) dos espaços, são da prefeitura [...] (Comerciante 5)

(236) [...] o comerciante que aluga de mim, ele tem todo um... da porta pra dentro [...] a prefeitura não mexe, mas se ele colocar qualquer coisa na calçada aí já vem a

fiscalização assim pra cobrar que ele vá tirar a licença pra trabalhar, eles não vem orientar, eles vem te cobrar isso, eles vem te notifica e dá próxima vez já vem e leva suas coisas, e é assim. (Comerciante 6)

(237) (Os espaços) é demarcado por tudo, todos [...] a prefeitura demarca a rua pra alugar, o asfalto, lá do centro da cidade é demarcado pra alugar, então todos, o dono da calçada vai lá e demarca, a pessoa tem que pagar uma taxa, um aluguel pro dono da calçada e ele ainda tem que ir lá na prefeitura pagar uma outra taxa que não é barata, entendeu? Então tudo é demarcado, principalmente no centro da cidade. (Comerciante 6)

Nos argumentos apresentados é possível notar a existência de vários elementos que correspondem à demarcação do território por parte da prefeitura. Nos trechos (233) e (234), as frases “às vezes a prefeitura não libera” e “pro cê usar a calçada você [...] tem que pagar pra prefeitura”, indicam que a locação do espaço da calçada só é possível de ser obtida mediante pagamentos financeiros à prefeitura para que seja autorizado o uso do espaço para práticas comerciais em período festivo, refletindo aspectos de dominância, e dando o sentido de posse ao poder público. O mesmo pode ser observado no trecho (236), considerando que na fala do comerciante entrevistado, é possível verificar elementos que correspondem ao fator de propriedade do espaço, tanto por parte da prefeitura, quanto por parte do comerciante, aclarado na frase “da porta pra dentro [...] a prefeitura não mexe, mas se ele colocar qualquer coisa na calçada aí já vem a fiscalização assim pra cobrar que ele vá tirar a licença pra trabalhar”.

De forma característica, ao analisar o trecho (237), o relato também indica a existência de elementos que configuram domínio de território. A frase “o dono da calçada vai lá e demarca” sugere que a calçada pertence a alguém, logo, que possui um proprietário, sendo esse morador ou comerciante. Nesse sentido, é possível dizer que os elementos apontados se relacionam aos estudos de Rocha (2008), Saquet (2009), Schneider (2009), Saquet (2013), Espindola, Ferreira e Mifarreg (2018) e Fuini (2017), ao apresentarem o território enquanto capo de poder e de relações de dominação sobre determinados espaços.

De forma complementar, ao analisar o trecho (238) em que o Morador 1 relata sobre a delimitação dos espaços por parte do poder público, com destaque para as ruas da cidade, se torna evidente as circunstâncias em que os moradores se deparam. Nesse sentido, de acordo com os relatos, para chegar de automóvel até as residências, anteriormente era necessário que os moradores apresentassem ao poder público um documento que comprovasse o local de moradia, o que indica a existência de territorialidade explicitada nos estudos de Sack (1986), sendo possível relacionar o controle da circulação de carros nas ruas a uma ação de gestão do poder público acerca do território. Em adição, os relatos ainda indicam que, atualmente, os

moradores são impedidos de circular com veículos nas ruas destinadas às feiras e circulação de visitantes, sendo essa justificativa fundamentada na segurança dos indivíduos.

(238) [...] essa rua aqui não sobe carro, sobe carro se você tiver o papel que prova que você mora aqui na região, agora esse ano o prefeito tirou. Essa rua aqui [...] não pode ser liberada por causa da Vila São Cottolengo, [...] desce muita gente, aí enche de barraca as calçada, aí pessoa fica [...] entre ônibus, caminhão, e é perigoso. (Morador 1)

Cabe destacar, que o domínio territorial parece ser aplicado, também, tendo como base o bem estar e a segurança de todos, considerando a significativa quantidade de pessoas presentes nas ruas de Trindade em período festivo (fragmentos (239) e (240)).

(239) [...] a calçada ela já é delimitada, quando nós (poder público) alugamos ela é toda delimitada. Toda estrutura ela já é oferecida pela prefeitura, justamente pra evitar esse tipo de coisa, porque um incêndio num lugar desse aqui causa um [...] caos né. (Poder público)

(240) [...] aqui a gente [...] coloca essas coisas aqui e não pode passar desses limite (da calçada), entendeu? [...] tem que ser esse comprimento aqui, porque a gente tem que deixar vago, que é muita gente, na procissão de madrugada mesmo a rua fica cheia as pessoas, vem até pela calçada de tanta gente, então tem que ter espaço né pras pessoas passarem, porque é muita gente mesmo. (Comerciante 5)

Ainda evidenciando aspectos de relações de poder presentes no ambiente festivo, os relatos também indicam que a intervenção do poder público aos comerciantes que delongam a retirada da licença para atuarem, parece acontecer de forma abusiva e agressiva, sendo retratada no fragmento (241). Por sua vez, ao analisar a frase “eles acha que porque eles tão trabalhando eles é dono de você [...] é muito agressivo”, é possível dizer que a atuação dos fiscais da prefeitura contribui para a geração de sentimentos de posse na relação estabelecida entre indivíduos que atuam enquanto poder público e comerciantes, já que a palavra “dono” faz referência àquele que é possuidor, proprietário, sendo quem possui completo poder ou controle (RAFFESTIN, 1993; SAQUET, 2009).

(241) [...] a senhora aqui mesmo, com o fiscal, eles acha que porque eles tão trabalhando eles é dono de você [...] é muito agressivo. [...] por exemplo, hoje ela chegou, aí pôs a barraca aí não deu tempo de ela ir na prefeitura pra tirar a licença, aí eles já vem e já cata as mercadoria dela porque ela não tirou a licença, então isso é abusivo, [...] o prefeito esse ponto ele tem que ganhar porque gasta demais, mas tem que ser um ganho que beneficia pra ele e pra população [...] aqui oh nesse pedaço a gente já viu muitos, muitos mesmo, pessoas abusiva [...] esse ano eu mais minha menina foi comprar umas roupinha [...] nois viu um caso que a minha menina (deficiente) eu tive que segurar [...] o jeito do fiscal fazer [...] pegou a mercadoria duma senhora e ela tava no carrinho, que que ele tinha que falar: “senhora, vou dar um prazo pra senhora tirar daqui”, não, já foi pegando os trem dela e foi jogando [...]. (Morador 1)

Não obstante, ao passo que o morador relata sobre a prática de fiscais em relação à confiscação as mercadorias, é mencionado uma possível destinação dos produtos recolhidos, sendo considerada a hipótese de um comércio ilegal, como exposto no fragmento (242).

(242) [...] tem uma feira aqui ôh, pra vender coisa importado, de quem que é isso? É dos coitado (comerciantes temporários) que vem trabalhar, aí não pagou licença, eles pega, muitas vezes fica pra eles, então é covardia que eu chamo isso, entendeu, esse ato [...]. (Morador 1)

No tocante às relações de poder existentes entre igreja e comerciantes, os relatos também apresentaram aspectos que refletem atos de dominação, controle e apropriação do território. Como foi destacado nos fragmentos (063), (067) e (068), é possível dizer que a igreja impõe certa limitação quanto a atuação de comerciantes temporários no espaço de realização dos eventos religiosos, ou seja, no estacionamento da basílica, estando esse público impossibilitado de comercializar os produtos naquele espaço, seja no decorrer ou após a festa (fragmentos (243) e (244)). Como pode ser observado, a frase “Não pode entrar lá e oferecer nada pros romeiros, fica cheio de segurança [...] eles já manda [...] ir pra fora”, possibilita compreender que ação de fiscais no espaço é associada a elementos que evidenciam poder, como o ato de mandar, refletindo em dominação territorial. Em concordância ao exposto, a mesma situação é evidenciada no trecho (245), sendo relatada a restrição e dominação do espaço da igreja na frase “é deles e pronto e acabou”, dando a entender que não há o que fazer, uma vez que o território já foi dominado pela instituição religiosa.

(243) [...] nesse pedaço aqui não pode vender bebida. [...] Foi proibido, 100 metros da igreja, não pode turista vender, só quem tem o bar fixo [...]. (Morador 1)

(244) Até mesmo a festa assim conforme o lugar aqueles que vende empurrando os carrinhos não pode ficar que os fiscal toma, [...] aqui na igreja mesmo, e até fora da festa ninguém pode vender nada [no pátio da igreja] que não passa, segurança não deixa [...] Não pode entrar lá e oferecer nada pros romeiros, fica cheio de segurança [...] eles já manda [...] ir pra fora. (Comerciante 3)

(245) Restrito... restringiu mesmo o espaço da igreja, é deles e pronto e acabou. (Comerciante 2)

Como foi observado nos relatos anteriores, a imposição da igreja faz emergir as relações de poder, contribuindo para a geração de conflitos e sentimentos de controle e posse do espaço. Consequentemente, a ação posta pela igreja contribui para que comerciantes a definem como prática de monopolização do espaço, como explícito nos fragmentos (246) e (247).

(246) [...] Com certeza (há demarcações de espaços), [...] não se concorrem né, a igreja monopoliza o espaço dela. Eu penso que pelo entendimento que eu tenho que a igreja é a casa do Senhor né, ela não tem dono, é de todos, 100% de porta aberta, a partir do momento que cê tá delimitando alguma coisa né, essa casa [...] deixa de ser do Divino, passa a ter um dono. (Comerciante 2)

(247) [...] eu te falei né, da demarcação, do espaço da igreja em si eu acho errado, entendeu? O cara não poder passar [...] vender, atravessar com a caixinha, não poder passar no estacionamento que cê vai ser abordado e colocado pra fora, isso aí eu acho errado que isso aí não é uma firma, isso aí é pra todo mundo né [...] a casa é do Pai Eterno [...] agora o cara não vai por uma barraca no pé da igreja, aí tudo bem, mas questão do ambulante, tranquilo, eu acho isso daí errado. [...] ter monopolizado isso daí [...]. (Comerciante 2)

Assim, os relatos permitem compreender que a igreja é caracterizada como uma instituição que monopoliza o território, ou seja, detém o domínio comercial no estacionamento, atuando de forma a ser exclusiva na comercialização de produtos durante e após o período festivo. Por sua vez, ao analisar a frase exposta no trecho (246) “a partir do momento que cê tá delimitando alguma coisa né, essa casa [...] deixa de ser do Divino, passa a ter um dono”, é possível verificar o repúdio por parte do comerciante ao evidenciar que a igreja, uma vez monopolizada, acaba extinguindo a característica de espaço religioso sagrado que pertence a todos para se tornar um espaço comum aos homens que detém poder e controle sobre ele.

De forma complementar, o trecho (247) também aclara tal prerrogativa, principalmente ao destacar o fato dos comerciantes ambulantes serem impedidos de adentrar no estacionamento da igreja portando algum produto que seja para venda. Nesse aspecto, o entrevistado ainda compara a igreja a uma firma, evidenciando que a forma de atuação da instituição religiosa não contempla a todos de forma igualitária, permitindo apenas a atuação de comércios voltados aos interesses da igreja.

Cabe destacar, ainda, que essa disputa territorial também é assinalada nas relações estabelecidas entre igreja e pedintes. Nesse aspecto, os relatos evidenciam que os espaços da instituição religiosa, como estacionamento, rampas e escadas, são restringidos, sendo permitido apenas a circulação de visitantes e moradores. Por sua vez, a ação de impedir a circulação e a permanência de pedintes nos espaços da igreja correspondem a aspectos de dominação do território, sendo evidenciados nos fragmentos (248) e (249).

(248) [...] os pedintes ficam restritos também, em volta da igreja [...] Se sentar (na escadaria da igreja) é tocado [...] não pode. (Comerciante 2)

Como pode ser observado no trecho em questão, a fala “é tocado [...] não pode”, deixa claro que o domínio do território pela igreja é expressado não apenas na disseminação de que não é permitido a presença de pedintes, mas, também, na ação de utilização de força física caso os pedintes insistam em permanecer naqueles ambientes, o que nos leva a constatar relações de poder, em que há um grupo que domina (igreja) e outro que é dominado (pedintes).

Importante destacar, que os relatos dos entrevistados mostram que essa dominância por parte da igreja, também acontece ao analisar a relação entre comerciantes e pedintes, e até mesmo entre os próprios pedintes. Ao observar o fragmento (249), é possível proferir que há uma dominação dos espaços das calçadas pelos comerciantes ao identificarem a presença de pedintes, uma vez que não é aceitável a permanência de mendigos nas portas dos estabelecimentos comerciais. Nesse aspecto, mesmo que as calçadas sejam públicas, a

dominância desses espaços pelos comerciantes indicam elementos como posse e controle, sendo considerada a ideia de domínio territorial. De forma complementar, os relatos também indicam que o posicionamento dos comerciantes contribuem para a geração de conflitos entre os dois grupos, como pode ser visto no fragmento (250).

(249) [...] tem comércio que não aceita o mendigo ficar na calçada pedindo. Aí geralmente eles desce, na porta da igreja não pode pedir, eles fica no meio da rua [...]. (Morador 3)

(250) Ihh, (presenciou discussões entre comerciantes e pedintes) muitas vezes, muitas vezes. [...] (comerciante diz) “Sai daqui, vai pedir em outro lugar”, “Aqui cê não pode ficar, tem que sair daqui.” (Morador 3)

Por sua vez, os relatos também indicam que as relações de poder estabelecidas entre os próprios pedintes é visível, sendo identificadas nas disputas existentes, originando conflitos que são fundamentados, em grande parte, pela rivalidade dos espaços de mendicância (fragmentos (251), (252) e (253)), e rixas desencadeadas pelas doações recebidas, como retratam os fragmentos (254), (255), e (256). A partir dos exposto, é possível dizer sobre a existência de territórios de mendicância originados a partir da realização da festa, relacionando aos estudos de Saquet (2009) acerca da criação de novos territórios a partir da relação espaço-tempo. Os territórios de mendicância são estabelecidos ao iniciar e no decorrer da festa em Trindade, porém, são territórios temporários, uma vez que o terminar a festa significa, também, o desconstrução dos territórios de mendicância.

(251) (Os espaços dos pedintes) quem chega primeiro já senta num lugar ali e fica ali [...]. (Morador 4)

(252) Ah, porque assim, se um (visitante) passa e não dá moeda pra um, o outro já... sabe? Tem vez que eles brigam por causa de ponto também, por isso que eu falo a festa dá muito gente pedindo, então eles começam brigar. (Morador 3)

(253) [...] o modo que a gente vê [...] eu pelo menos eu reparo todo ano eles tá no mesmo cantinho, eles (diversos grupos) tá na mesma briga, aí eu acho que tem aquela briga pelo espaço. (Peregrino 4)

(254) Luta, luta (por espaços) porque às vezes na festa mesmo [...] as pessoas que faz promessa de doar marmite, doar roupa, aí um quer mais do que o outro, quer pegar mais roupa do que o outro. (Comerciante 3)

(255) (Acredita que há uma disputa entre os pedintes) Sim. [...] fica um pedindo pro outro e aquela briga. [...] Eles discutem entre si [...] se dar pra um e não dar pra outro. (Peregrino 2)

(256) Briga de mendigo, no caso já presenciei já [...] a gente tava passando e viu eles discutindo porque um foi pegar o dinheiro de alguém, alguém foi dar o dinheiro pra alguém e deu pro outro, alguma coisa assim [...] a polícia chegou e... (Comerciante 6)

De forma complementar, os argumentos elucidam de forma clara os conflitos territoriais nos espaços da festa, sendo identificados nas disputas de poder, nas discussões acerca de lugares para estacionar, e também na oferta de serviços, com destaque para o setor alimentício, já que

é mencionado que nos dias festivos os estabelecimentos são disputados pelos diversos públicos participantes (fragmento (257)).

(257) [...] tem disputa de poder de espaço, de tudo [...] nos dois últimos dias, sábado e domingo, você consegue disputar até comida, porque os comércios em geral não consegue fornecer comida pra tanta gente, então você tem que procurar um lugar mais cedo pra almoçar, dependendo do horário você não vai comer comida boa, porque as pessoas querem fazer rápido pra vender, entendeu? Então tudo isso aí, uma água é disputada, uma água mineral pra você comprar é disputado, tem lugar que você tem que sentar pra comer caro, caro, porque os outros já tá tudo lotado, então tem disputa de tudo isso aí, espaço de carro pra estacionar, pra você andar, então tem disputa em tudo. (Comerciante 6)

De forma geral, ao analisar a conjuntura festiva é possível entender que o espaço da festa se configura em um ambiente dotado de relações de poder, domínio, controle, autoridade, posse e monopolização. Assim, as disputas e conflitos territoriais passam a ser evidenciados entre os diversos grupos, como o poder público, comerciantes, moradores e peregrinos, e refletidas nas ações praticadas pelos mesmos. Além disso, o trajeto da peregrinação também comporta elementos que traduzem a existência de territorialidade, bem como evidencia elementos que correspondem à existência de sacralidade e profanidade. A festa em Trindade é configurada pelas mudanças nos espaços da cidade, e passa a ter novos sentidos e representações, até mesmo pela prática feirante, entendida e defendida como sendo a própria festa.

4.7. Notas de campo

As investigações iniciais deram-se no ano de 2018, especificamente nos meses de junho e julho, considerando o período festivo em honra ao Divino Pai Eterno na cidade de Trindade-GO. Neste primeiro momento, o espaço analisado compreendeu o trajeto utilizado para a peregrinação dos fiéis localizado na GO-O60, trecho que liga as cidades de Goiânia a Trindade, e posteriormente, sendo analisada a dinâmica da cidade no período festivo, com ênfase nos espaços próximos à Basílica do Divino Pai Eterno.

Por sua vez, apesar das primeiras considerações terem sido feitas no ano de 2018, a elaboração das Notas de campo iniciou-se no mês de abril de 2019, tendo por finalidade analisar criticamente a cidade de Trindade em um período não correspondente à festa. Posteriormente, as considerações apontadas ocorreram no período de Junho e Julho do ano de 2019, justamente na semana de realização da Festa em honra ao Divino Pai Eterno.

4.7.1. Período analisado: Abril de 2019 (antecedente à semana de realização da festa)

As considerações acerca do espaço analisado deram-se no entorno da Basílica do Divino Pai Eterno, com destaque para a investigação dos comércios existentes. Também foram

verificados alguns dos pontos turísticos da cidade de Trindade, como o Portal de Trindade, o Santuário Matriz do Divino Pai Eterno, a Igreja do Santíssimo Redentor e o trajeto de realização da peregrinação localizado na GO-060.

Dessa forma, ao analisar a cidade de Trindade e os comércios existentes próximos à Basílica foi possível verificar um mercado mais inerte. Em dias úteis, ruas e avenidas localizadas próximas à Basílica geralmente apresentam baixa circulação de pessoas e veículos, principalmente ao que tange ao mercado consumidor, sendo a movimentação mais significativa apenas em horários de almoço e ao final da tarde. Porém, ao considerar alguns dias específicos da semana (de quinta-feira a domingo), verifica-se que a cidade passa a apresentar maior número e circulação de pessoas e veículos, principalmente na Basílica e nos comércios próximos à igreja. Por sua vez, esse aumento de pessoas reflete o turismo religioso de Trindade, já que grande parte dos comerciantes entrevistados destacaram a melhora das vendas, principalmente de artigos religiosos, nos dias correspondentes aos finais de semana.

São vários ônibus de turismo que chegam na cidade de Trindade nos dias anteriormente destacados, e os lugares mais visitados, além da Basílica, são o Santuário Matriz do Divino Pai Eterno e a Igreja do Santíssimo Redentor. Por sua vez, estes locais anteriormente citados correspondem aos espaços em que a presença de pedintes é muito pouca, cenário díspar com o período festivo, já que a quantidade de pedintes encontrados debaixo das escadas da Basílica, próximos aos comércios e no Santuário Matriz do Divino Pai Eterno, são exorbitantes.

Em adição, o comércio praticado em período não festivo não contempla a montagem de barraquinhas em calçadas e ruas e avenidas, diferentemente da dinâmica espacial encontrada em período de festa, já que muitos comerciantes da cidade de Trindade e de outras localidades, instalam comércios temporários durante a semana de realização da festa, impactando mudanças consideráveis no espaço e na concorrência de mercado.

Sobre a segurança pública de Trindade, no período analisado foi possível verificar a existência de policiamento nos espaços próximos à Basílica. Porém, o policiamento ostensivo não foi verificado de forma assídua, sendo observada pouca circulação de viaturas policiais e nenhum policiamento ostensivo a pé verificado.

No tocante à peregrinação, no período analisado em abril de 2018 foram vistos apenas dois indivíduos realizando a romaria no trecho que ligam as cidades de Goiânia a Trindade (GO-060), o que difere de forma crucial da quantidade de pessoas que realizam a peregrinação em período festivo em honra ao Divino Pai Eterno (meses de junho e julho).

4.7.2. Período analisado: Junho e Julho de 2019 (referente à semana de realização da Festa em honra ao Divino Pai Eterno)

As primeiras considerações apontadas no período festivo do ano de 2019 referem-se à aglomeração de pessoas na cidade de Trindade em virtude do evento religioso em análise. Nesse aspecto, ruas, avenidas e o comércio da cidade apresentam um cenário diferente do que foi observado em período não festivo. Tal observação caracteriza-se pela cidade comportar um significativo número de pessoas, alta circulação de veículos e presença de diversos comércios temporários durante a semana da festa. Em adição, as diferenças analisadas também estendem-se ao percurso principal da romaria (Rodovia GO-060), onde é possível perceber quantidade considerável de pessoas realizando a peregrinação.

Na cidade de Trindade os elementos que traduzem a religiosidade católica e, em especial, à devoção do Divino Pai Eterno, são evidentes nas ruas e nos objetos utilizados pelas pessoas como terços, anéis, chaveiros e roupas com estampas religiosas. A todo momento é possível deparar-se com a referência à imagem do Divino Pai Eterno, seja no comércio e até mesmo nas próprias casas dos moradores de Trindade.

Outro aspecto também observado nesse contexto festivo, corresponde aos comércios fixos e temporários, os quais constituem-se, em sua maioria, na venda de artigos religiosos. Os comércios temporários (barraquinhas) são montadas nas calçadas e ruas de Trindade e, nesse aspecto, foi possível verificar a existência de alta concorrência entre os comerciantes fixos e temporários. Por sua vez, os elementos que descrevem tal afirmação, baseiam-se nos comportamentos dos diversos comerciantes analisados, os quais utilizavam-se de “gritos” e abordagens de forma insistente objetivando êxito na venda dos produtos.

Ainda nesse contexto de mercado, é possível verificar o consumo demasiado de visitantes por produtos diversos, já que ruas e avenidas são tomadas por pessoas que levam consigo várias sacolas de roupas, artigos domésticos, eletrônicos, dentre outros. Mesmo sendo uma festa de natureza religiosa, diversos espaços encontrados na cidade quase sempre são caracterizados por música alta, shows ao vivo e intensa comercialização de bebidas alcóolicas. É comum observar casas alugadas por famílias que vão à Trindade participar da festa religiosa, mas que também utilizam da estadia para realizarem festividades próprias, distanciando-se da manifestação religiosa.

Quanto à atuação do poder público, no tocante à segurança foi observada intensa presença de policiais e bombeiros, principalmente na entrada do Portal de Trindade até a chegada na Basílica. A todo momento viaturas circulam as ruas e policiais realizam o trabalho de monitoramento ostensivo, utilizando carros ou até mesmo a pé. Em relação à higiene ambiental da cidade, foi observado um grande volume de lixo encontrado em ruas e avenidas

da cidade. Ao circular por Trindade no período da manhã, especificamente entre os horários das 05:00 às 08:00 horas, a sujeira na cidade torna-se mais evidente, considerando que neste horário muitos comerciantes estão fazendo a limpeza e juntando o lixo proveniente do dia anterior, e as ruas remetendo à uma desorganização do ambiente e sujeira dos espaços, seja pelos comerciantes e até mesmo pelos próprios visitantes.

Além dos pontos já mencionados, importante destacar a significativa presença de pedintes e pessoas com deficiência das mais diversas particularidades. Por sua vez, os pedintes são insistentes e, em muitos casos, acabam tendo atitudes invasivas ao pedirem ajuda financeira às pessoas que passam nas calçadas onde eles estão alocados. Algo de destaque nessa conjuntura, é a ampla presença de crianças pedindo por dinheiro e alimentos, as quais, sem sua maioria, ficam responsáveis em pedir ajuda às enquanto que os pais permanecem em silêncio.

As considerações acerca do trajeto da peregrinação foram obtidas a partir de observações realizadas nos locais de maior concentração de pessoas, sendo estes o local de início da romaria em Goiânia, localizado na GO-060, nas paradas onde estão representadas as estações da via-sacra, e na chegada da cidade de Trindade, especificamente no Portal de Trindade. Por sua vez, no decorrer da romaria a primeira observação corresponde à participação de indivíduos de todas as idades, bem como o significativo número de pessoas participando da peregrinação. No espaço onde os peregrinos reúnem-se para iniciar a caminhada, já é possível observar elementos que correspondem à religiosidade, como as orações que são realizadas pelos romeiros. Durante o trajeto alguns peregrinos conduzem objetos de representação, como cruz de madeira e imagens em gesso representando o Divino Pai Eterno.

Por sua vez, a presença de pedintes e pessoas de outras denominações religiosas também é evidente no trajeto da romaria. Quanto aos pedintes, a maioria geralmente concentram-se nos pontos de parada dos romeiros e na chegada ao portal da cidade de Trindade. Já as pessoas de outras denominações religiosas, estas ficam no decorrer do trajeto entregando folhetos e convidando os romeiros a conhecerem a igreja da qual fazem parte.

A atuação do poder público durante o trajeto é caracterizada pela presença de viaturas policiais acompanhando a caminhada dos romeiros, e a instalação de banheiros públicos nos pontos de parada - estações da Via-Sacra. Além disso, outro elemento observado foram as barracas montadas ao longo do trajeto, especificamente nos pontos de parada dos romeiros com a presença de enfermeiras e socorristas prestando serviços médicos.

Durante toda a peregrinação os romeiros deparam-se com a oferta de diversos produtos. Até mesmo nas próprias paradas da Via-Sacra é possível encontrar a comercialização de produtos variados, de natureza religiosa ou não, o que possibilita reflexões acerca de um espaço que, ao mesmo tempo em que caracteriza-se pela presença de elementos que remetem à religiosidade, também contempla elementos que podem ser caracterizados de natureza profana.

De forma geral, a Festa do Divino Pai Eterno em Trindade é um evento religioso que impacta diretamente a vida dos moradores e visitantes, seja em aspectos políticos (policciamento, segurança, higiene da cidade), econômico (modificações no comércio e na forma da oferta dos produtos), e sociais (número expressivo de pedintes).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho alicerçado no tema territorialidade, objetivou analisar como se configura a territorialidade no contexto da Festa do Divino Pai Eterno em Trindade, Goiás, a partir das relações estabelecidas entre comerciantes, moradores, poder público e peregrinos. Como resultados, foi possível verificar a existência de domínio e disputas territoriais, as quais, são identificadas nas relações estabelecidas entre os diversos grupos presentes no contexto festivo analisado: igreja e comerciantes; igreja e pedintes; comerciantes e pedintes; entre os próprios pedintes; comerciantes e poder público; comerciantes fixos e temporários; poder público e moradores; e moradores e peregrinos.

Ao caracterizar a festa e seu espaço principal de ocorrência, sendo este o estacionamento do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, o escopo religioso católico é apontado como um fator que se encontra fortemente relacionado ao desenvolvimento da cidade, movimentando a economia e o comércio local, mesmo em períodos não festivos, uma vez que Trindade sempre recebe turistas ao longo do ano.

Ao se aproximar do período festivo, as transformações na cidade são evidentes, e as mudanças podem ser vistas de forma prévia no comércio, já que a cidade recebe uma quantidade significativa de comerciantes temporários durante os dias de festa, sendo perpetuada a atuação desses indivíduos nas semanas posteriores às festividades. Por sua vez, a atuação de comerciantes fixos e temporários no contexto festivo é controlado fortemente pelo poder público e pela igreja, sendo os espaços do estacionamento da igreja delimitados, permitindo apenas a comercialização de produtos vendidos pelas lojas e barraquinhas da igreja. Nesse contexto, as análises evidenciam que há certa dominância territorial do espaço, uma vez que os

comércios externos à instituição religiosa são impedidos de vender qualquer tipo de produto no espaço em questão.

Os resultados da pesquisa também evidenciam que o controle e o domínio territorial é identificado na atuação do poder público em relação a moradores e comerciantes locais, já que os espaços de atuação são delimitados, sendo cobradas taxas e impostos considerados exorbitantes, para a liberação de comercialização de produtos, inclusive, nas calçadas das ruas da cidade. Além disso, a fiscalização acirrada, é apontada como prática que reflete, em alguns aspectos, agressividade por parte do poder público, evidenciando características peculiares que acerca da existência de domínio e controle sobre o território.

Em adição, foi possível verificar que a festa oportuniza a geração de renda aos moradores da cidade, a partir da oferta de serviços como aluguéis de casas, calçadas e banheiros, além de utilizarem o próprio espaço em que residem para a comercialização de produtos diversos. Por sua vez, a ação de montar o próprio negócio e, em alguns casos, sem a autorização da prefeitura, correspondem, também, a uma ação de dominação do espaço, já que determinados moradores defendem a propriedade da calçada.

Ao passo que alguns comerciantes destacaram o período festivo em Trindade como o momento mais promissor para obtenção de renda, as análises também evidenciam que a atitude de alguns comerciantes em alugar os espaços de comércio durante a festa estaria relacionada ao fato de que as calçadas são ocupadas por comerciantes temporários, prejudicando a venda dos comerciantes locais, o que reflete, mais uma vez, aspectos relacionados à territorialidade.

Ao analisar os tipos de produtos comercializados durante a festa, as análises evidenciaram a diversidade de mercadorias oferecidas, sendo os ramos de confecção e de artigos religiosos os de maior destaque no mercado festivo. Nesse contexto, as análises demonstraram a existência de disputas territoriais entre comerciantes fixos e temporários, principalmente, os conflitos fundamentados na concorrência de preços, pontos de comércio e clientes. Por sua vez, as análises permitem concluir que a concorrência praticada nos comércios da cidade é significada, em grande parte, por concorrência desleal, sendo um elemento que torna as relações entre os comerciantes fixos e temporários mais conflitantes.

Na abordagem da peregrinação, foi possível verificar que as disputas territoriais também se emergem a partir da atuação de outras denominações religiosas, evidenciadas na abordagem a que os romeiros se deparam durante o trajeto. Por sua vez, quanto a existência de concorrência

entre os comerciantes no percurso da peregrinação, ao passo que alguns romeiros destacaram a existência de conflitos, contrariamente, outros destacaram a inexistência de disputas territoriais.

Ao analisar os aspectos sagrados e profanos na conjuntura festiva, foi possível verificar que elementos como a mudança dos espaços de ocorrência de shows e a prática de comercialização e consumo de bebidas alcóolicas, e roubos que acontecem nos espaços da igreja, tornam evidentes a existência de aspectos profanos da festa. Por outro lado, as celebrações religiosas, a peregrinação, e a ação de estar no espaço da igreja, e a reverência à imagens, são apontadas pelos entrevistados como elementos considerados sagrados.

No tocante à mendicância, as análises possibilitaram compreender elementos que refletem disputas, controle e poder nas relações estabelecidas entre os indivíduos investigados. Assim, os resultados desse estudo indicam que há certa disputa territorial entre pedintes e a igreja, evidenciada na delimitação dos espaços da basílica, sendo impedida a presença de pedintes, bem como os conflitos estabelecidos entre pedintes e comerciantes, identificadas pelas proibições de ocupação dos pedintes nos espaços das calçadas dos comércios. Além disso, também foi possível verificar a existência de disputas por espaços entre os próprios pedintes, evidenciando a configuração territorial na festa.

De forma geral, ao analisar a conjuntura festiva é possível entender que o espaço da festa se configura em um ambiente dotado de relações de poder, domínio, controle, autoridade, posse e monopolização. Assim, as disputas e conflitos territoriais passam a ser evidenciados entre os diversos grupos, como o poder público, comerciantes, moradores e peregrinos, e refletidas nas ações praticadas pelos mesmos. Contudo, a territorialidade na Festa do Divino Pai Eterno na cidade de Trindade, Goiás, suscita questionamentos quanto à atuação do poder público e da igreja, a qual, mesmo sendo apresentada como um espaço em que é de todos, se percebe uma dominância, poder e controle do território religioso fortemente aclarados.

A partir do exposto, como sugestão para estudos futuros, uma forma de aprofundar a temática e disseminar os conhecimentos acerca da religião no campo geográfico, seria a produção de estudos com ênfase particular em cada grupo presente no contexto da festa em análise, o que resultaria na possibilidade de identificar elementos que ficaram ocultos neste trabalho, ampliando as investigações no contexto religioso geográfico. Assim, a abordagem de festas religiosas, com destaque para as festas de denominação católica, seriam aprofundadas no campo geográfico, produzindo nesse contexto, maior compreensão dos aspectos que relacionam religião e territorialidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. **O império do divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. São Paulo: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ALMEIDA, Denise Ribeiro de. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. **Revista Formadores: Vivências e Estudos**, Cachoeira, v. 7, n. 1, p.74-77, jun. 2014. Disponível em: <http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/formadores/article/view/455/419>. Acesso em: 11 nov. 2019.
- ALMEIDA, Lorrana Laila Silva de; ENOQUE, Alessandro Gomes; BORGES, Alex Fernando. Empreendedorismo de Festas Populares: uma análise do modelo de dimensões proposto por Zeny Rosendahl para o estudo de festas religiosas católicas. **Teoria e Prática em Administração**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 1-13, 28 jul. 2019. ANPAD. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tpa/article/view/42107>. Acesso em: 13 dez. 2019.
- ALVES, Igor de Araújo. O congado e sua participação na preservação e perpetuação da cultura afro-brasileira através dos diferentes campos de atuação. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v. 12, n. 22, p.210-223, jul. 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/8571>. Acesso em: 14 abr. 2019.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. 203 p.
- AMARAL, Rita. As mediações culturais da festa. **Revista Mediações**, Londrina, v. 3, n. 1, p.13-22, jan. 1998. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/9314/8008>. Acesso em: 13 ago. 2018. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.1998v3n1p13>
- ARAGÃO, Ivan Rêgo; MACEDO, Janete Ruiz de. Festa, Memória e Turismo Cultural-Religioso: a procissão ao Nosso Senhor dos Passos em São Cristóvão, Sergipe. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 5, n. 1, p. 15-28, 2013. Disponível em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1502/pdf_99. Acesso em: 14 set. 2019
- BAPTISTELLA, Rosana. Festas populares: lugares, territórios, experiências. **Moringa: Artes do Espetáculo**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 79-86, jan. 2010. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/issue/view/558>. Acesso em: 02 dez. 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições70, 2011. 280 p.
- BARROS, Sueleide Costa Batista; NASCIMENTO NETO, Luiz Eduardo do. Um olhar geográfico na festa de São Sebastião no Encanto-RN. **Geotemas**, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, v. 1, n. 1, p.48-58, jun. 2011. Disponível em: <file:///E:/Bibliotecas/Downloads/121-416-1-PB.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2019.
- BELO, Carlos. **Fé, tradição e cultura no lugar**: A Festa de Santa Maria Madalena em União dos Palmares - Alagoas. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas, Maceió,

2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/3003>. Acesso em: 15 maio 2019.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/albinonunes/disciplinas/pesquisa-em-ensino/investigacao-qualitativa>. Acesso em: 14 set. 2018.

BONJARDIM, Solimar Guindo Messias; ALMEIDA, Maria Geralda de. **Patrimônio cultural: território e poder da igreja católica de Sergipe**. “30 anos de contribuição à geografia”. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, ago. 2013. Disponível em: [file:///E:/Bibliotecas/Downloads/1443-Texto%20do%20artigo-3835-1-10-20130821%20\(3\).pdf](file:///E:/Bibliotecas/Downloads/1443-Texto%20do%20artigo-3835-1-10-20130821%20(3).pdf). Acesso em: 12 dez. 2019.

BRAGA, Iara de Fátima; SILVA, Vicente. Efeitos sociais e espaciais de grandes projetos: entre territórios de vida e relações de poder. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 12, n. 38, p.100-107, jun. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16369>. Acesso em: 04 dez. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Trindade**. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/trindade/panorama>. Acesso em: 25 fev. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Trindade Goiás-GO**. 2019. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/pesquisa/pesquisa_google.shtm?cx=009791019813784313549%3Aonz63jzsr68&cof=FORID%3A9&ie=ISO-8859-1&q=HIST%C3%93RIA+DE+TRINDADE+GOI%C3%81S&sa=&siteurl=ww2.ibge.gov.br%2F&ref=. Acesso em: 25 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Documento base para a definição da Política Nacional de Ordenamento Territorial - PNOT: (Versão preliminar)**. 2006. Disponível em: http://www.fau.usp.br/docentes/deprojeto/c_deak/CD/5bd/2br/3plans/2006pnot/PNOT-v-preliminar.pdf. Acesso em: 20 dez. 2019.

BRETAS, Paula Fernandes Furbino; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Práticas de controle e territorialidade na cidade: um estudo sobre lavadores e flanelinhas: um estudo sobre lavadores e flanelinhas. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, Recife, v. 11, n. 2, p. 247-270, set. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/view/21921>. Acesso em: 06 dez. 2019.

BUENO, Paulo Henrique de Carvalho; ANDRADE, Carlos Sait Pereira de. **Território e políticas públicas em uma abordagem geográfica**. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 20, n. 71, p.404-419, set. 2019. <https://doi.org/10.14393/RCG207145896>. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/45896>. Acesso em: 02 dez. 2019.

CANAL, Maria Augusta Freitas Costa. Imaginário Amazônico e Territorialidade Festiva: o Divino na Festa do Sairé de Alter do Chão (Pará/PA, Brasil). **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 11, n. 2, p.192-216, ago. 2018. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/61631>. Acesso em: 12 dez. 2019.

<https://doi.org/10.5380/tes.v11i2.61631>

CARDITA, Ângelo. Peregrinação: possibilidades de compreensão crítica de uma experiência. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Portugal, v. 24, p.195-213, jun. 2012. Disponível em:

<<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10764.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

CARVALHO, Caê Garcia. Experiências religiosas e dimensão espacial. **Mercator: Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, v. 17, p.1-15, mar. 2018. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/mercator/v17/1984-2201-mercator-17-e17006.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2019. <https://doi.org/10.4215/rm2018.e17006>

CASTILLO, Carlos Onorio; COSTA, Maria Cristina Silva. Significados do consumo de álcool em famílias de uma comunidade pobre Venezuelana. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, [S.l.], v. 16 (especial), p. 535-542, ago. 2008. FapUNIFESP (SciELO).

<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-11692008000700006>. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692008000700006&script=sci_arttext&tlng=pt)

11692008000700006&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 05 jan. 2019.

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e política**: território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 304 p. Disponível em:

file:///E:/Bibliotecas/Downloads/Castro,%20Iná%20Elias,%20Geografia%20e%20Política.pdf. Acesso em: 14 dez. 2019.

CATAIA, Márcio Antônio. Fronteiras: territórios em conflito. **Geografia em Questão**, v. 3, n. 1, p. 11-25, 2010. Disponível em: [http://e-](http://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/4296/3309)

revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/4296/3309. Acesso em: 15 nov. 2019.

CATAIA, Márcio Antônio. Território político: fundamento e fundação do estado. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 115-125, abr. 2011. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/11531>. Acesso em: 15 nov. 2019. <https://doi.org/10.1590/S1982-45132011000100010>

CAVENAGHI, Airton José; BUENO, Marielys Siqueira; CORRE, Rene Nascimento. Festa e turismo: por uma relação possível. **Rosa dos Ventos: Turismo e Hospitalidade**, [S.l.], v. 4, n. 4, p. 587-598, dez. 2012. Trimestral. Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1738>. Acesso em: 01 dez. 2019.

CHAVES, Fabiana Nogueira. As festas populares como produto: mídia, turismo e descaracterização cultural: mídia, turismo e descaracterização cultural. **Tropos:**

Comunicação, sociedade e cultura, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 1-8, dez. 2014. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/36>. Acesso em: 10 dez. 2019.

COLUCCI, Danielle Gregole. **Lugar-escola**: territórios de relações e poderes. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S.l.], v. 23, p.26-41, 20 dez. 2019. Universidade Federal de Santa

Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/32346/html>. Acesso em: 10 jan. 2020. <https://doi.org/10.5902/2236499432346>

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de pesquisa em administração**. Tradução de Iuri Duquia Abreu. Revisão técnica de Fátima Cristina Trindade Bacellar. 10. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011. 762 p.

CORRÊA, Jhonatan da Silva; ALVES, Flamarion Dutra. Festa de São Benedito: territorialidade e cultura no município de Machado-MG. In: 4ª JORNADA CIENTÍFICA DA GEOGRAFIA UNIFAL-MG, 4., 2016, Alfenas. **Anais...** Alfenas: Unifal, 2016. p. 275 - 279. Disponível em: https://www.unifal-mg.edu.br/4jornadageo/system/files/anexos/jhonatan275_279.pdf. Acesso em: 21 dez. 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. **Revista da Anpege**, v. 4, p.73-88, 2008. ANPEGE - Revista. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/viewFile/6600/3600>. Acesso em: 11 jun. 2018. <https://doi.org/10.5418/RA2008.0404.0005>

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural no Brasil. **Revista da Anpege**, [S.1], v. 02, n. 02, p.97-102, 2005. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6616>. Acesso em: 11 mar. 2018. <https://doi.org/10.5418/RA2005.0202.0008>

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Festa de santo na cidade: notas sobre uma pesquisa etnográfica na periferia de Belém, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, [S.1.], v. 6, n. 1, p. 197-212, abr. 2011. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222011000100012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 02 jan. 2019. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222011000100012>

COSTA, Carmem Lúcia. As festas e o processo de modernização do território goiano. **Raega: O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 16, p. 65-71, 31 dez. 2008. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/12679>. Acesso em: 11 dez. 2019. <https://doi.org/10.5380/raega.v16i0.12679>

COSTA, Carmem Lúcia. **Cultura, religiosidade e comércio na cidade**: a Festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão - Goiás. 2010. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06122010-151424/publico/2010_CarmenLuciaCosta.pdf. Acesso em: 10 dez. 2019.

COSTA, Francisco de Assis. **O momento, os desafios e as possibilidades da análise econômica territorial para o planejamento do desenvolvimento nacional**. Nova **Economia**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p.613-644, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO).. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512014000300613. Acesso em: 05 dez. 2019. <https://doi.org/10.1590/0103-6351/1788>

COSTA, Maricélia de Oliveira. **A religião e a produção do espaço**: um olhar sobre os aspectos culturais da festa de Nossa Senhora da Luz - Gurarabira-PB. 2010. 28 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Departamento de Geografia e História, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, Paraíba, 2010. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1179/1/PDF%20-%20Maric%C3%A9lia%20de%20Oliveira%20Costa.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2019.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As Raízes da Congada**: A renovação do presente pelos filhos do rosário. 2006. 241 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: http://dan.unb.br/images/doc/Tese_070.pdf. Acesso em: 06 abr. 2019.

CRUZ, Diego Martins da. Geografia da religião, fé evangélica e espaço. **Revista Geosaberes**, Fortaleza, v. 9, n. 18, p.1-17, mai. 2018. Disponível em: <file:///E:/Bibliotecas/Downloads/646-1-2908-1-10-20180424.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.
<https://doi.org/10.26895/geosaberes.v9i18.646>

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. Festas culturais: tradição, comidas e celebrações. In: I ENCONTRO BAIANO DE CULTURA, 1, 2008, Salvador. **IEBECULT**. Salvador: Facom/ufba, 2008. p. 1-36. Disponível em: http://www.uesc.br/icer/artigos/festasculturais_mercia.pdf. Acesso em: 20 dez. 2019.

DAMASCENA, Adriane Álvaro. Territórios da identidade: os negros e a congada. **Revista Geonordeste**, Sergipe, v. 1, n. 22, p.11-36, jul. 2011. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/2423/2105>. Acesso em: 21 abr. 2019.

DINIZ, Clélio Campolina; LEMOS, Mauro Borges. **Economia e território**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. 578 p.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa**: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, [S.1], n. 115, p.139-154, mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2019.
<https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESPINDOLA, Haruf Salmen; FERREIRA, Natália Moreira; MIFARREG, Iesmy Elisa Gomes. **Território da mineração**: uma contribuição teórica. **Revista Brasileira de Geografia**, [S.1], v. 62, n. 2, p.67-93, abr. 2018. Disponível em: <https://rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/article/view/132>. Acesso em: 21 dez. 2019.
https://doi.org/10.21579/issn.2526-0375_2017_n2_p67-93

FARIAS, Edson. Economia e cultura no circuito das festas populares brasileiras. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 647-688, dez. 2005. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922005000300007. Acesso em: 30 dez. 2019. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922005000300007>

FERREIRA, Denison da Silva. **Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica**. **CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária**, Rio Grande do Sul, v. 9, n. 17, p.111-135, abr. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/19883>. Acesso em: 16 dez. 2019.

FERREIRA, Maria Nazareth. Comunicação, Resistência e Cidadania: as Festas Populares. **Comunicação & Informação**, v. 9, n. 1, p. 111-117, 27 fev. 2013. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/22807>. Acesso em: 12 dez. 2019.

<https://doi.org/10.5216/CEI.v9i1.22807>

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Festas religiosas populares**: versão preliminar. In: III JORNADA DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 3., 2007, São Luís. **Anais...** São Luís, MA: Universidade Federal do Maranhão, 2007. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoE/e43fb0271718488a89acSergio Figueiredo Ferretti.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2018.

FLORES, Murilo. **A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento**: uma visão do estado da arte. **Territorios: con identidad cultural**, Colômbia, p.1-47, mar. 2006. Disponível em: https://static.fecam.net.br/uploads/28/arquivos/4069_FLORES_M_Identidade_Territorial_como_Base_as_Estrategias_Deenvolvimento.pdf. Acesso em: 10 dez. 2019.

FOLHAONLINE. **Conheça as principais festas litúrgicas da Igreja Católica**. Data de publicação: 02 abr. 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2005/papa/0059.shtml>. Acesso em: 11 dez. 2019.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado**: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, [S.l.], v. 14, n. 28, p.139-152, ago. 2004. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200004. Acesso em: 14 dez. 2019. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>

FREITAS, Madalena Dias Silva. **Manifestações culturais como forma de resistência do negro brasileiro**: Festa da Congada. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 2016, Jataí, Goiás. **Anais...** Jataí, Goiás: UFG-Regional Jataí, 2016. p. 1-9. Disponível em: http://www.congressohistoriajatai.org/2016/resources/anais/6/1477949441_ARQUIVO_ManifestacoesCulturaisComoFormaDeResistenciaDoNegroBrasileiro.pdf. Acesso em: 04 mai. 2019.

FUINI, Lucas Labigalini; MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. Território e região: paradigmas, continuidades e rupturas na constituição dos conceitos na geografia e em seu ensino. **Revista Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 9, n. 1, p. 64-86, jul. 2017. Disponível em: <http://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/316>. Acesso em: 04 nov. 2019.

FUINI, Lucas Labigalini. **O território em Rogério Haesbaert**: concepções e conotações. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S.l.], p.19-29, abr. 2017. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/22589>. Acesso em: 27 dez. 2019. <https://doi.org/10.5902/2236499422589>

FUINI, Lucas Labigalini. Resgate do território na geografia: uma reflexão sobre obras e autores. **Revista de Geografia**, v. 9, n. 1, p. 1-33, dez. 2019. <https://doi.org/10.34019/2236-837X.2019.v9.18092>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/18092>. Acesso em: 15 nov. 2019.

G1. **Confira algumas das festas religiosas que acontecem no Brasil**: de norte a sul do país, comemorações atraem todo ano milhões de fiéis. Data de publicação: 05 jan. 2013. Rede Globo. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/acao/noticia/2013/01/confira-algumas-das-festas-religiosas-que-acontecem-no-brasil.html>. Acesso em: 12 dez. 2019.

GODOI, Kleinubing; MELLO, Bandeira de; SILVA, Anielson Barbosa da. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2010. 460 p.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. **O sentido cristão das festas religiosas. Teocomunicação: Revista da Teologia da PUCRS**, Porto Alegre, v. 36, n. 154, p.867-883, dez. 2006. Trimestral. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1766/1299>. Acesso em: 11 nov. 2019.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton *et al* (org). **Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 43 - 71.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: I SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES, 3., 2004, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, RS: Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS, 2004. Recuperado em 10 de junho de 2014, de http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE_Rogério_HAESBAERT.pdf

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. **O território em tempos de globalização. Etc, Espaço, Tempo e Crítica**, [S.1], v. 1, n. 2, p.39-52, ago. 2007. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/geres/files/territorio%20globaliza%C3%A7ao.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2019.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Território e multiterritorialidade: um debate. Geographia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p.19-46, fev. 2007. Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/geographia2007.v9i17.a13531>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531/0>. Acesso em: 22 dez. 2019.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Território de diálogos possíveis**. In: RIBEIRO, Maria Teresa Franco; MILANI, Carlos Roberto Sanchez (org.). **Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar**. Salvador: Edufba, 2009. p. 36-84. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/37t/pdf/ribeiro-9788523209322-03.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.

ITANI, Alice. **Festas e calendários**. São Paulo: UNESP, 2003.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas religiosas: a materialidade da fé. **História: Questões & Debates**, [S.1.], v. 43, n. 2, p.73-86, 31 dez. 2005. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/issue/view/302>. Acesso em: 03 jun. 2018. <https://doi.org/10.5380/his.v43i0.7863>

KOGA, Dirce. **Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs.). **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista**. São Paulo: Terceira Margem, 2007. 243 p.

LIMA FILHO, Petrônio Medeiros; CARDOSO, Luis Fernando Cardoso e; ALENCAR, Edna. Festas de santo, território e alianças políticas entre comunidades quilombolas de Salvaterra, Marajó, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências**

Humanas, [S.l.], v. 13, n. 1, p.109-128, abr. 2018. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222018000100109&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 04 dez. 2019.
<https://doi.org/10.1590/1981.81222018000100006>

LIMA, Maria do Socorro Bezerra; MOREIRA, Erika Vanessa. **A pesquisa qualitativa em geografia. Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 37, p.27-55, ago. 2015. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4708/3618>. Acesso em: 15 dez. 2019.

LIMA, Paulo Afonso Dias de; BAHIA, Mirleide Chaar; COSTA, Léa Maria Gomes da. Territorialidade religiosa: uma análise da igreja profética batista da restauração na região metropolitana de Belém-PA. **Rever - Revista de Estudos da Religião**, [S.l.], v. 19, n. 3, p. 185-200, 23 jan. 2020. Portal de Revistas PUC SP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/46944>. Acesso em: 11 dez. 2019.
<https://doi.org/10.23925/1677-1222.2019vol19i3a11>

MACENA, Erivania Silva de. **Influência da festa da padroeira no desenvolvimento cultural e econômico do município de Guarabira - PB**. 2010. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Departamento de Geografia e História, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, Paraíba, 2010. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1168/1/PDF%20-%20Erivania%20Silva%20de%20Macena%20parte%201.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2019

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Vox Populi Vox Dei!: A romanização e as reformas das "festas de santo" (Implicações nas práticas espaciais das festas do Divino Espírito Santo e do Divino Pai Eterno de Goiás). **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 17, p.89-106, dez. 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7871/5694>. Acesso em: 06 jun. 2019.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 314 p.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 289 p.

MARQUES, Luana Moreira. **A peregrinação ao sagrado: os caminhos que levam à Romaria/MG**. 2017. 250 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21367>. Acesso em: 22 abr. 2019.

MARQUES, Luana Moreira; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 9, n. 3, p.7-26, dez. 2015. Disponível em: <file:///E:/Bibliotecas/Downloads/33822-Texto%20do%20artigo-164444-1-10-20160106.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2018.

REVISTA RAÇA. **Festa com cultura e música afro-brasileiras**. Data de publicação: 02 nov. 2016. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/festa-com-cultura-e-musica-afro-brasileiras/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

RIBEIRO, Gilmar José. A festa e suas manifestações: as manifestações do sagrado e o profano na festa da fazenda Cocal 1. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 18, n. 7, p.96-109, 18 mai. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/viewFile/15421/8719>. Acesso em: 20 mai. 2019.

RIBEIRO, Heloisa. Andar com fé e o sentido do chegar. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.1-7, 2003. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/23/21>. Acesso em: 11 jun. 2019.

RIBEIRO, Marcelo. Festas populares e turismo cultural - inserir e valorizar ou esquecer? O caso dos Moçambiques de Osório, Rio Grande do Sul. **Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, [S.1], v. 2, n. 1, p.47-56, abr. 2004. *Universidad de La Laguna*. Disponível em: http://www.pasosonline.org/es/articulos/133-festas_populares_e_turismo_cultural_inserir_e_valorizar_ou_esquecer_o_caso_dos_moambiques_de_osorio_rio_grande_do_sul. Acesso em: 10 out. 2018.
<https://doi.org/10.25145/j.pasos.2004.02.004>

ROCHA, José Carlos. **Diálogo entre as categorias da geografia**: espaço, território e paisagem. **Caminhos de Geografia**: revista online, Uberlândia, v. 9, n. 27, p.128-142, jul. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15724/8897>. Acesso em: 02 dez. 2019.

ROCHA, Thiago Vinicius Cipriano; BELCHIOR, Maria Helena Cavalcanti da Silva. A Intersecção entre Peregrino e Turista Religioso: os diferentes caminhos ao sagrado. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 27, n. 2, p.274-298, set. 2016. Universidade de São Paulo, Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/113341>. Acesso em: 15 nov. 2018.
<https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v27i2p274-298>

ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Festas e tradições**. São Paulo: Moderna, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2008.

ROSENDAHL, Zeny. Construindo a geografia da religião no Brasil. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. [S.1], n. 15, p.1-13, jul. 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7734/5589>. Acesso em: 03 fev. 2019.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 248 p.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Espaço e cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. 296 p.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: Uma abordagem geográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, NEPEC, 2002. 92 p.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia e religião. **Boletim Gaúcho de Geografia**: Associação dos Geógrafos Brasileiros, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p.96-99, dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38184/24567>. Acesso em: 12 fev. 2019.

ROSENDAHL, Zeny. *Geography of religion: a thematic proposition*. **Geosp: Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, n. 11, p.9-19, dez. 2002. Universidade de São Paulo, Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBIUSP. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/123638>. Acesso em: 01 jun. 2018.

<https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2002.123638>

ROSENDAHL, Zeny. História, teoria e método em geografia da religião. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.31, p.24-39, jun. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6121>. Acesso em: 23 dez. 2019.

<https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2012.6121>

SACK, Robert David. **O significado de territorialidade**. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (org.). **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. 2. ed.

Florianópolis: Insular, 2013. cap. 1. p. 62-89. Disponível em:

<http://edufn.ufrn.br/bitstream/123456789/1364/3/O%20SIGNIFICADO%20DE%20TERRITORIALIDADE.%20Territorialidades%20humanas%20e%20redes%20sociais..pd>. Acesso em: 11 dez. 2019.

SANFILIPPO, Lucio Bernard. A festa como possibilidade de disputa de território. **E-mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p.63-74, 14 maio 2018. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/33325>. Acesso em: 11 dez. 2019.

<https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2018.33325>

SANTOS, Alberto Pereira dos. *Introduction to geography of religions*. **Geosp: Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, n. 11, p.21-33, dez. 2002. Universidade de São Paulo, Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2002.123639>. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/123639>. Acesso em: 01 jun. 2018.

<http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/123639>. Acesso em: 01 jun. 2018.

SANTOS, Gustavo Souza; CUNHA, Maria das Graças Campolina. **As Territorialidades Insurgentes do Gigante Desperto: Jornadas de Junho de 2013 no Brasil e suas Dinâmicas Territoriais**. **Revista do Departamento de Geografia, São Paulo**, v. 35, p.37-48, jul. 2018. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/143685>. Acesso em: 10 dez. 2019.

<https://doi.org/10.11606/rdg.v35i0.143685>

SANTOS, Gustavo Souza Santos; CUNHA, Maria das Graças Campolina. #Vempruarua: território e territorialidades nas manifestações brasileiras de junho de 2013. **Sociedade e Território**, Natal, v. 28, n. 2, p. 82-94. mar. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/9711>. Acesso em: 11 nov. 2019.

SANTOS, José Zica dos. **Romaria de Nossa Senhora da Água Suja**. 2005. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005. Disponível em:

<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/815>. Acesso em: 10 mai. 2019.

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. Trindade de Goiás: uma cidade Santuário Conjunturas de um Fenômeno Religioso no Centro-Oeste Brasileiro. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1978. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/n/20886-ano-1978-dissertacoes>. Acesso em: 13 dez. 2019.

SANTOS, Milton et al. **Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. 409 p.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton et al (org). **Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 13 - 21.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Abordagens e concepções de território**. 3. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013. 192 p.

SAQUET, Marcos Aurelio. **A descoberta do território e outras premissas do desenvolvimento territorial**. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, São Paulo, v. 20, n. 3, p.479-505, jul. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbeur/v20n3/2317-1529-rbeur-20-03-479.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019. <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2018v20n3p479>

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. cap. 4, p. 73-94. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20GRADUACAO/PENSAMENTO%20GEOGR%20C1FICO%202017/2-LIVRO%20SAQUET%20E%20SPOSITO.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.

SAQUET, Marcos Aurelio; SILVA, Sueli Santos da. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v.2, n. 18, p. 24-42, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/1389/1179>. Acesso em: 15 dez. 2019.

SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. 368 p. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20GRADUACAO/PENSAMENTO%20GEOGR%20C1FICO%202017/2-LIVRO%20SAQUET%20E%20SPOSITO.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2019.

SARAIVA, Adriano Lopes; SILVA, Josué da Costa. Espacialidade das festas religiosas em comunidades ribeirinhas. **Presença Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente**, Rondônia, v. 8, n. 29, p.1-12, jun. 2004. Disponível em: http://www.revistapresenca.unir.br/artigos_presenca/29adrianolopesjosuedacosta_espacialidadedasfestasreligiosas.pdf. Acesso em: 07 jun. 2019.

SARAIVA, Adriano Lopes; SILVA, Josué da Costa. Espacialidades das festas religiosas em comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 24, p.7-18, dez. 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3570/2490>. Acesso em: 21 dez. 2019.

SAYAGO, Doris; TARTARUGA, Iván G. Peyré; OLIVEIRA, Mauro Márcio; ECHEVERRI, Rafael. **Desenvolvimento sustentável e territorialidade: identidades e tipologias**. Brasília: *Researchgate*, 2006. 110 p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/293885972_Desenvolvimento_sustentavel_e_territo

rialidade_identicidades_e_tipologias_Bases_conceituais_e_proposta_metodologica. Acesso em: 05 dez. 2019.

SCHNEIDER, Sergio. **Ciências sociais, ruralidade e territórios: em busca de novas referências para pensar o desenvolvimento. CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária**, Rio Grande do Sul, v. 4, n. 7, p.24-62, fev. 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11901>. Acesso em: 01 dez. 2019.

SILVA, Ana Cristina da. **O pensamento geográfico brasileiro na travessia do século XX para o século XXI: o território na trama das significações imaginárias**. 2010. 149 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/105068>. Acesso em: 21 dez. 2019.

SILVA, Ana Cristina da. O território no pensamento geográfico brasileiro contemporâneo. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 36, n. 1, p.27-47, mar. 2016. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/40364>. Acesso em: 12 dez. 2019. <https://doi.org/10.5216/bgg.v36i1.40364>

SILVA, Carla Adriana Oliveira; BARROSO, Heloísa Pereira. Cultura, patrimônio e as festas religiosas: uma relação com o desenvolvimento turístico de Luziânia/GO. **Revista de Turismo Contemporâneo – RTC**, Natal, v. 3, n. 1, p.16-35, jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/5564/5517>. Acesso em: 13 abr. 2019.

SILVA, Leomar Rocha da. **Territorialidade e religião: a paróquia Sagrada Família em Campina Grande - PB**. 2013. 36 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Centro de Educação - CEDUC, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4045/1/PDF%20-%20Leomar%20Rocha%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2019.

SILVA, Marlon Lima da; TOURINHO, Helena Lúcia Zagury. **Território, territorialidade e fronteira: o problema dos limites municipais e seus desdobramentos em Belém/PA. URBE: Revista Brasileira de Gestão Urbana**, [S.1], v. 9, n. 1, p.96-109, abr. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-33692017000100096&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 dez. 2019. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.009.001.ao09>

SILVA, Mary Anne Vieira; D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. A Geografia e o Sagrado: Festa de Nossa Senhora do Rosário em Goiás. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, Goiás, v. 8, n. 3, p.198-214, dez. 2014. Disponível em: <file:///E:/Bibliotecas/Downloads/32998-Texto%20do%20artigo-144255-1-10-20150307.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2019. <https://doi.org/10.5216/ag.v8i3.32998>

SOARES, Lucas Eduardo (ed.). **Festas afro-brasileiras podem ser reconhecidas como patrimônio de Belo Horizonte**. 2019. HOJEEMDIA. Data de publicação: 20 jul. 2019. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/festas-afro-brasileiras-podem-ser-reconhecidas-como-patrim%C3%B4nio-de-belo-horizonte-1.729037>. Acesso em: 20 dez. 2019.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2002. 184 p. Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://doku.pub/documents/muniz-sodre-o-terreiro-e-a-cidade-a-forma-social-negro-africanapdf-d0nvvj3ekyqz>. Acesso em: 22 dez. 2019.

SOFIATI, Flávio Munhoz; MOREIRA, Alberto da Silva. Catolicismo brasileiro: um painel da literatura contemporânea. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p.277-301, ago. 2018. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872018000200277&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 02 mar. 2019.
<https://doi.org/10.1590/0100-85872018v38n2cap10>

SOUSA, Patrício Pereira Alves de. Notas para uma geografia da religião. **Revista de Ciências Humanas**: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Viçosa, v. 11, n. 2, p.245-258, jul. 2011. Semestral. Disponível em: <http://www.cch.ufv.br/revista/sumario.php?id=21>. Acesso em: 04 jun. 2019.

SOUZA, José Arilson Xavier de. **A experiência espacial de caminhar em peregrinação**. In: XI ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 2015, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Unesp, 2015. p. 1711-1722

SOUZA, José Arilson Xavier de. A paisagem de peregrinos a pé: o horizonte é logo ali. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 35, p.107-123, jan. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/18908/13705>. Acesso em: 05 jul. 2019. <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2014.18908>

SOUZA, José Arilson Xavier de. Geografia e Peregrinação. **Caderno de Geografia**, v.28, n. 54, p.686-701, jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/17617/13336>. Acesso em: 09 jul. 2019. <https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2018v28n54p686-701>

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, Vanessa Emanuelle; BATISTA, Mercia Rejane Rangel. Os “Rufinos” de Matão (PB): uma discussão sobre trabalho, migração e a condição quilombola. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 49, n. 3, p. 361-397, nov. 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38567>. Acesso em: 14 dez. 2019

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Prefácio**. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Território e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 7-9. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20GRADUACAO/PENSAMENTO%20GEOGR%20C1FICO%202017/2-LIVRO%20SAQUET%20E%20SPOSITO.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, Turismo e Nova Era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 28, p.105-124, jul. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v28n1/a06v28n1.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019. <https://doi.org/10.1590/S0100-85872008000100006>

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

STURMER, Arthur Breno; COSTA, Benhur Pinós da. **Território**: aproximações a um conceito-chave da geografia. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 21, n. 3, p.50-60, dez. 2017. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/26693>. Acesso em: 11 dez. 2019. <https://doi.org/10.5902/2236499426693>

TEISSERENC, Pierre; TEISSERENC, Maria José da Silva Aquino. **Território de ação local e de desenvolvimento sustentável**: efeitos da reivindicação socioambiental nas ciências sociais. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p.97-125, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sant/v4n1/2238-3875-sant-04-01-0097.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019. <https://doi.org/10.1590/2238-38752014v4i1>

TERRA, Ana Carolina Lobo. Festas populares: Simbolismo, trajetória e possibilidades na geografia cultural. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research UFU medium**, Uberlândia, v. 1, n. 2, p.211-227, dez. 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/brazilangeojournal/article/view/8208>. Acesso em: 11 mar. 2019.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos**. 2005. Biblioteca online de Ciências da Comunicação. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=59. Acesso em: 12 jan. 2019.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. As festas populares: da idade média à idade da mídia. **Revista Geonordeste**, São Cristóvão, n. 2, p.66-74, ago. 2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/5334/4400>. Acesso em: 10 abr. 2019.

VANCESLAU, Igor. O correio como braço logístico do Estado: a execução de políticas públicas por meio da rede de agências postais no território brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia (RBG)**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 2, p. 24-37, mar. 2018. Disponível em: <https://rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/article/view/1823>. Acesso em: 11 out. 2019. https://doi.org/10.21579/issn.2526-0375_2018_n2_24-37

APÊNDICES

A. ROTEIRO DE ENTREVISTA: PODER PÚBLICO

Introdução

- Apresentação do(a) pesquisador(a)
- Informação do objetivo da pesquisa
- Apresentação da carteira de Identificação da Universidade
- Solicitação para o preenchimento de um termo de aceite da pesquisa (informação sobre ética e sigilo das informações)
- Solicitação para a gravação da entrevista

CAMPO 1: Dados pessoais

- 1) Você poderia me informar a sua data de nascimento? (Dia, Mês, Ano)
- 2) Qual sua raça?
- 3) Qual seu nível de escolaridade?
- 4) Em qual cidade você nasceu?
- 5) Cidade de moradia atual.
- 6) Qual é sua profissão?

CAMPO 2: A festa em si na perspectiva do poder público

- 1) Como você avalia o papel da religião para a sociedade nos dias atuais?
- 2) Como você avalia o papel da religião para a cidade de Trindade-GO?
- 3) Onde a Festa em honra ao Divino Pai Eterno é realizada hoje? (lugar)
- 4) A festa sempre aconteceu nesse lugar? Quais foram as mudanças de locais que aconteceram ao longo do tempo?
- 5) Em que época do ano acontece a Festa e quantos dias tem de duração?
- 6) Você saberia apontar um número estimado de pessoas que normalmente participam da Festa do Divino Pai Eterno?
- 7) Qual o papel do poder público em relação ao funcionamento da festa?
- 8) De que forma a prefeitura auxilia na preparação/estrutura da festa?
- 9) Como essa preparação para a festa por parte do poder público é feita? Quando iniciam-se os primeiros preparativos?
- 10) Qual a percepção que o poder público tem em relação aos impactos da festa para a cidade de Trindade-GO como um todo (social, econômico, político).
- 11) Durante a semana de realização da festa, a prefeitura auxilia, de alguma forma, os comerciantes locais? Se sim, como se dá esse apoio?
- 12) No caso da prefeitura, é passado alguma norma/ação que os comerciantes devem seguir no período de realização da festa?
- 13) Na sua visão, como é o dia a dia da cidade de Trindade-GO durante a semana de realização da festa? O que você enxerga de diferente em relação às outras épocas do ano?
- 14) Quais dificuldades você tem para administrar suas atividades durante o período de realização da festa?
- 15) Durante a semana de realização da festa, você consegue perceber dias em que a movimentação de pessoas na cidade se destacam mais que em outros? Ou seja, quais os dias que geralmente apresentam maior número de visitantes em Trindade-GO?
- 16) Como que o poder público se organiza para que outros tipos de comércio temporários possam ser praticados no decorrer da festa? (Comércio de produtos diversos).

- 17) Quais são os critérios que esses comércios temporários precisam seguir a fim de terem autorização para venderem seus produtos, como é o caso das barraquinhas instaladas nas ruas ao entorno do santuário?
- 18) E no caso das barraquinhas que são instaladas no decorrer da romaria onde os peregrinos fazem a caminhada da fé? Como são definidas quais barraquinhas poderão ser instaladas? Como é feita essa divisão, até mesmo sobre os espaços a serem utilizados por cada comerciante?
- 19) Como o poder público se prepara para o fechamento da festa?

CAMPO 3: O olhar do poder público sobre o peregrino

- 1) Como você define o peregrino? Qual a representação que ele tem?
- 2) De onde vem essas pessoas? Você saberia apontar a quantidade estimada de peregrinos durante a festa?
- 3) Você tem conhecimento de quais são os trajetos que normalmente as pessoas fazem durante a peregrinação?
- 4) Na sua opinião, você considera esses lugares da peregrinação como sendo caminhos sagrados? Por que?
- 5) Sobre os pontos de parada, quais são eles? Você saberia apontá-los?
- 6) Por que você acredita que as pessoas fazem isso? O que as move a terem essa atitude?
- 7) Como você enxerga as dificuldades do trajeto da peregrinação?
- 8) O poder público presta algum tipo de auxílio ao peregrino? Se sim, de que forma que é esse auxílio?
- 9) Quanto à participação mais intensa dos órgãos de saúde e segurança (Polícia Militar e Corpo de Bombeiros), como é feita essa mobilização por parte do poder público?
- 10) A prefeitura conta com o apoio de empresas patrocinadoras que ajudam na realização da festa? (Seja apoio financeiro ou ajuda voluntária...)
- 11) Existem algumas situações que foram muito marcantes para a cidade de Trindade-GO em relação à peregrinação dos fiéis e em relação à realização da festa como um todo? Se sim, conte quais foram esses momentos.
- 12) Qual a percepção que você tem sobre a questão da violência vivenciada por peregrinos durante a romaria? Você conhece ou pode relatar algum acontecimento ou caso específico?
- 13) Na semana de realização da festa, você percebe se há diferença em relação à quantidade de mendigos e/ou pessoas que pedem ajuda nas ruas aos visitantes? Se si, por que você acredita que há esse aumento?
- 14) Na sua opinião, de que forma você acredita que a cidade/população vê o peregrino? (Aspectos positivos e negativos).
- 15) Quais os dias que geralmente apresentam um fluxo maior de peregrinos? Qual caminho tem maior fluxo?
- 16) Qual a percepção que você tem em relação ao peregrino que não consegue cumprir a caminhada da fé?
- 17) Existem situações onde os peregrinos conduzem objetos de representação durante a caminhada (Exemplo: levar imagens durante o percurso)? Como você enxerga essa atitude?
- 18) Você tem conhecimento sobre milagres que eventualmente aconteceram durante a realização da peregrinação?

CAMPO 4: Consumo simbólico religioso na perspectiva do poder público

- 1) Na sua opinião, como você define a venda de artigos religiosos? Ou seja, qual a visão que você tem sobre a comercialização/consumo de artigos religiosos?

- 2) Atualmente, como você enxerga a concorrência no ramo de artigos religiosos na cidade de Trindade-GO?
- 3) Na sua visão, você consegue identificar a existência de concorrência desleal por parte de empresas que comercializam os artigos religiosos? Comente.
- 4) Na sua percepção, a Festa do Divino Pai Eterno influencia as empresas de alguma forma? Se sim, quais são os impactos da festa em relação ao desempenho dos comércios da cidade?
- 5) Como você enxerga a questão do lucro gerado pela venda dos artigos religiosos na igreja (santuário)?
- 6) Como você enxerga a questão do lucro no caso das empresas que comercializam artigos religiosos católicos?

Encerrando a entrevista

- Informar o término da entrevista
- Perguntar se o entrevistado tem alguma outra informação que julga importante e necessária acrescentar à pesquisa.
- Agradecer a participação do entrevistado

B. ROTEIRO DE ENTREVISTA: COMERCIANTES

Introdução

- Apresentação do(a) pesquisador(a)
- Informação do objetivo da pesquisa
- Apresentação da carteira de Identificação da Universidade
- Solicitação para o preenchimento de um termo de aceite da pesquisa (informação sobre ética e sigilo das informações)
- Solicitação para a gravação da entrevista

CAMPO 1: Dados pessoais

- 1) Você poderia me informar a sua data de nascimento? (Dia, Mês, Ano)
- 2) Qual sua raça?
- 3) Qual seu nível de escolaridade?
- 4) Em qual cidade você nasceu?
- 5) Cidade de moradia atual.
- 6) Qual é sua profissão?
- 7) Você tem uma religião? Se sim, qual?

CAMPO 2: A empresa

- 1) Conte-me um pouco sobre a trajetória histórica da sua empresa.
- 2) Qual é o seu ramo de atuação? O que você normalmente comercializa em sua empresa?

CAMPO 3: A festa em si

- 1) Onde a Festa em honra ao Divino Pai Eterno é realizada hoje? (lugar)
- 2) A festa sempre aconteceu nesse lugar? Quais foram as mudanças de locais que aconteceram ao longo do tempo?
- 3) Em que época do ano acontece a Festa e quantos dias tem de duração?
- 4) Você saberia apontar um número estimado de pessoas que normalmente participam da Festa do Divino Pai Eterno?

- 5) Qual a visão que você tem em relação à estrutura da festa?
- 6) Qual a percepção que você tem enquanto comerciante em relação ao comércio e à cidade de Trindade-GO na semana que antecede a festa? (Movimentação/preparação)
- 7) Você como comerciante faz algum tipo de preparação do seu negócio para o período de ocorrência da festa? Se sim, quais são essas ações?
- 8) Durante a semana de realização da festa, você recebe auxílio de algum órgão governamental/estadual/municipal como apoiador para o seu negócio? (Exemplo: alguma ajuda do SEBRAE com o desenvolvimento de cursos específicos para ajudá-lo a ter um melhor desempenho da sua empresa durante e após a festa/ ou algum tipo de apoio por parte da prefeitura?
- 9) No caso da prefeitura, é passado alguma norma/ação que o seu comércio deve seguir no período de realização da festa?
- 10) Na sua visão como comerciante, como é o dia a dia da sua empresa durante a semana de realização da festa? (Funciona nos mesmos dias?). O que você enxerga de diferente em relação às outras épocas do ano?
- 11) Quais dificuldades você tem para administrar a sua empresa durante o período de realização da festa?
- 12) Em relação ao seu negócio, durante a semana de realização da festa, há dias em que a movimentação de pessoas na sua empresa se destacam mais que em outros? Ou seja, quais os dias que geralmente apresentam maior número de fiéis na sua loja?
- 13) No seu caso, já houve alguma situação delicada em sua empresa pelo fato de haver grande número de pessoas no interior da loja? (Exemplo: roubo/conflito entre clientes)
- 14) De que forma você enxerga a questão da sacralidade e da profanidade no contexto da festa? Ou seja, existe algum aspecto que você considera sagrado e aspecto que você considere profano na realização da festa?
- 15) Como você enxerga os outros tipos de comércios que são praticados no decorrer da festa? (Comércio de produtos diversos). Você acredita ser profano comercializar produtos durante a festa de não sejam de natureza religiosa?
- 16) Como sua empresa se prepara para o fechamento da festa? Normalmente, há alguma ação que é realizada por parte da empresa, como por exemplo, fazer promoções de produtos no último dia do evento?
- 17) Como é o primeiro dia depois do término da festa? Qual a percepção que você tem em relação ao comércio e à cidade?
- 18) Como é a primeira semana depois do término da festa? Qual a percepção que você tem em relação ao comércio e à cidade?
- 19) Você pensa em expandir o seu negócio, atraindo um público maior para seu comércio? (Expandir o raio de ação do comércio).

CAMPO 4: Território

- 1) Para que você atue como comerciante, é necessário ter algum tipo de autorização (tanto por parte da igreja, prefeitura) para vender seus produtos? (Ou artigos religiosos católicos?)
- 2) Atualmente, como você avalia a concorrência no ramo de artigos religiosos na cidade de Trindade-GO?
- 3) Como você avalia a comercialização dos produtos vendidos pela igreja e pela sua loja? Ou seja, existem diferenças na forma de comercialização?
- 4) Como você avalia a concorrência com as outras lojas e estabelecimentos (bares, lojas - Profanos)
- 5) Houve algum tipo de conflito com outras partes no sentido de concorrência? Se sim, conte um pouco como foi.

- 6) De acordo com sua percepção, existem disputas entre comerciantes por mão de obra?
- 7) Como você avalia a vinda de peregrinos no período da festa? Pra você enquanto comerciante, isso é positivo pro seu negócio ou atrapalha de alguma forma?
- 8) Se você é morador da cidade de Trindade, como você avalia a presença desse grande número de peregrinos na cidade?
- 9) Como você vê a questão do peregrino em relação ao comércio informal? De que forma isso influencia em sua atuação como comerciante? Comente.
- 10) Como você vê a questão do peregrino em relação à mendicância? Essa situação atrapalha de alguma forma na atuação do seu negócio? Comente.
- 11) Como você vê a questão do peregrino em relação à violência? E ao uso de drogas e bebidas?
- 12) Você acredita que em época de festa os espaços (loja, igreja, ruas) tornam-se mais vulneráveis/inseguros por ter um grande fluxo de pessoas? Comente.
- 13) Qual a percepção que você enquanto morador da cidade de Trindade tem em relação à festa? Você a enxerga como algo positivo ou negativo pra cidade?
- 14) Quais seriam as vantagens e as desvantagens da existência dessa festa na cidade de Trindade?
- 15) Como que você percebe a questão da sujeira na cidade no período festivo?
- 16) De acordo com sua percepção, como os espaços são demarcados? (De comércio, de mendigos).
- 17) Como se dá a disputa de poder entre grupos? A natureza do conflito (outros grupos além de comerciantes)
- 18) Você já presenciou algum conflito entre grupos no contexto festivo? Se sim, poderia relatar o que e como foi?
- 19) De que forma você conduz seu negócio em relação à segurança, situações de roubo, presença da polícia?
- 20) No período festivo, você percebe que os espaços de outros comerciantes são ampliados, como a instalação de barraquinhas, por exemplo? Comente.
- 21) E você, no período de realização da festa, amplia de alguma forma o seu espaço de atuação (monta barraquinhas para comercializar seus produtos)? Se sim, como obtém autorizações?
- 22) Se você faz a extensão em direção às barraquinhas, costuma manter a mesma comercialização? (Se tem loja de artigo religioso, se a barraquinha também é de artigo religioso)
- 23) Como se dá a relação entre os comércios fixos e as barraquinhas? Como você avalia o comércio temporário e, nesse sentido, existem conflitos?
- 24) Você percebe que na época da festa os comerciantes investem mais em propagandas, ou seja, há criação de diferenciais? Comente.
- 25) Quais as ações que a empresa faz para chamar a atenção dos clientes (entregar folhetos de orações na frente das lojas). Essa atitude gera conflitos com outros comerciantes)?
- 26) Como se dá a comercialização e disputa entre as lojas da igreja e as lojas em torno da igreja? (Uma pessoa que prefere adquirir uma imagem da igreja e não do comércio que está em volta)
- 27) Você abre barraquinhas no percurso da peregrinação?
- 28) Se sim, você faz algum tipo de propaganda da sua loja no percurso da peregrinação?
- 29) A disputa por espaços no contexto da peregrinação ocorre da mesma forma como acontece na cidade ou é diferente? Comente.
- 30) Você concede alguma forma de apoio ao peregrino (durante a caminhada) como forma de chamá-lo para conhecer o seu comércio?

- 31) De acordo com sua percepção, como o término da festa impacta em seu negócio (estrutura física, financeira)?

Encerrando a entrevista

- Informar o término da entrevista
- Perguntar se o entrevistado tem alguma outra informação que julga importante e necessária acrescentar à pesquisa.
- Agradecer a participação do entrevistado

C. ROTEIRO DE ENTREVISTA: MORADORES

Introdução

- Apresentação do(a) pesquisador(a)
- Informação do objetivo da pesquisa
- Apresentação da carteira de Identificação da Universidade
- Solicitação para o preenchimento de um termo de aceite da pesquisa (informação sobre ética e sigilo das informações)
- Solicitação para a gravação da entrevista

CAMPO 1: Dados pessoais

- 1) Você poderia me informar a sua data de nascimento? (Dia, Mês, Ano)
- 2) Qual sua raça?
- 3) Qual seu nível de escolaridade?
- 4) Em qual cidade você nasceu?
- 5) Cidade de moradia atual.
- 6) Qual é sua profissão?
- 7) Você tem uma religião? Se sim, qual?

CAMPO 2: Caracterização da festa

- 1) Onde a Festa em honra ao Divino Pai Eterno é realizada hoje? (lugar)
- 2) A festa sempre aconteceu nesse lugar? Quais foram as mudanças de locais que aconteceram ao longo do tempo?
- 3) Em que época do ano acontece a Festa e quantos dias tem de duração?
- 4) Você saberia apontar um número estimado de pessoas que normalmente participam da Festa do Divino Pai Eterno?
- 5) Qual a visão que você tem em relação à estrutura da festa?
- 6) Qual a percepção que você tem enquanto morador em relação ao comércio e à cidade de Trindade-GO na semana que antecede a festa? (Movimentação/preparação)
- 7) De que forma você enxerga a questão da sacralidade e da profanidade no contexto da festa? Ou seja, existe algum aspecto que você considera sagrado e aspecto que você considere profano na realização da festa?
- 8) Na sua visão, quais seriam os aspectos positivos e os aspectos negativos em relação à realização da festa?
- 9) Existem algumas situações decorrentes da festa que de alguma forma te causam desconforto? (Exemplo: consumo de drogas, violência, presença de pedintes, sujeira, barulho)

- 10) Como você enxerga os outros tipos de comércios que são praticados no decorrer da festa? (Comércio de produtos diversos, como bares que vendem bebidas). Você acredita ser profano comercializar produtos durante a festa de não sejam de natureza religiosa?
- 11) De maneira geral, de acordo com sua visão enquanto morador, o que muda na cidade de Trindade no período festivo, comparativamente às outras épocas do ano?
- 12) Pra você, o fato de haver um maior número de comércios na cidade no período festivo, de alguma forma contribui para a geração de conflitos? Comente.

CAMPO 3: O olhar do morador sobre o peregrino

- 1) Como você define o peregrino? Qual a representação que ele tem pra você?
- 2) Por que você acredita que as pessoas fazem a peregrinação? O que as levam a ter essa atitude?
- 3) De onde vem essas pessoas? Você saberia apontar uma quantidade estimada de peregrinos que vem para a cidade de Trindade no período da festa?
- 4) Na sua opinião, de que forma você acredita que a cidade/população de Trindade vê o peregrino?
- 5) Pra você enquanto morador, quais seriam os aspectos positivos e os aspectos negativos da grande presença de peregrinos na cidade? Tem algum aspecto que te incomoda de alguma forma em relação a esse grande número de pessoas que vem de outras localidades? E se tem, quais seriam esses aspectos? Comente.
- 6) Você oferece algum tipo de auxílio ou ajuda aos romeiros? Se sim, comente por que e de que forma você presta esse auxílio, e aponte o trecho em que essa ajuda é realizada.

CAMPO 4: Território

- 1) No que se refere aos comerciantes temporários que se instalam em ruas e calçadas no período festivo, qual sua opinião sobre isso? Você vê essa situação como algo positivo ou negativo pra cidade de Trindade? Comente.
- 2) Na sua perspectiva, como os espaços de comércio são demarcados?
- 3) Na sua visão, existem disputas por clientes nesse contexto festivo em relação aos comércios fixos e temporários? Comente.
- 4) De acordo com sua percepção, no período da festa como fica a questão dos pedintes (mendigos)? Você observa alguma diferença em relação ao número de pedintes presentes no período festivo comparativamente a outras épocas do ano? Comente sobre isso.
- 5) Na sua perspectiva, como os espaços dos pedintes são separados/distribuídos?
- 6) Você já presenciou algum conflito entre grupos no contexto festivo? Comente.
- 7) De acordo com sua percepção, como é a relação estabelecida entre os diversos grupos atuantes no contexto festivo? (Igreja, comerciantes, pedintes, moradores). Há interferências de um determinado grupo em relação a outro? Se sim, explique sobre essas influências.
- 8) Como se dá a disputa de poder entre os grupos? (Brigam entre si?)
- 9) Sobre a questão da violência na cidade de Trindade, qual a percepção que você tem no período festivo? De alguma forma há um aumento da violência na cidade em decorrência da festa? E se sim, por que você acredita que isso acontece? Quais seriam os fatores que de certa forma contribuem para essa realidade?
- 10) Você costuma usar o espaço da sua casa para comercializar algum produto? Se sim, monta alguma barraquinha?
- 11) Se sim, como você lida com a questão do poder público em relação a isso, ou seja, para montar a sua barraquinha em sua casa você tem que cumprir alguma regra/norma imposta pela prefeitura?

- 12) Você como comerciante faz algum tipo de preparação do seu negócio para a festa? Se sim, quais são essas ações?
- 13) Na sua visão como comerciante, como é o dia a dia durante a semana de realização da festa?
- 14) Quais dificuldades você tem para administrar o seu comércio durante o período de realização da festa?
- 15) No seu caso, em relação à comercialização que você pratica, já houve alguma situação delicada pelo fato de haver grande número de pessoas? (Exemplo: roubo/conflito entre clientes).
- 16) Quais são seus principais concorrentes? Comente sobre sua relação com os outros tipos de comércios existentes no período festivo (tanto fixos quanto temporários).
- 17) Alguém já tentou de alguma forma te “barrar” ou impedir sua atuação enquanto comerciante? Comente (quem, por que, com o conflito foi solucionado).
- 18) Você realiza algum tipo de promoção ou faz alguma propaganda para divulgar o seus produtos/comércio e captar mais clientes? Comente.
- 19) Você também comercializa seus produtos no trecho da Rodovia GO-060, local de realização da romaria?
- 20) Se sim, você realiza alguma ação de promoção/propaganda de seus produtos nesse trecho abordando os peregrinos? Comente.
- 21) Como o terminar da festa impacta em seu negócio (estrutura física, financeira?)

Encerrando a entrevista

- Informar o término da entrevista
- Perguntar se o entrevistado tem alguma outra informação que julga importante e necessária acrescentar à pesquisa.
- Agradecer a participação do entrevistado

D. ROTEIRO DE ENTREVISTA: PEREGRINOS

Introdução

- Apresentação do(a) pesquisador(a)
- Informar o objetivo da pesquisa
- Apresentar a carteira de Identificação da Universidade
- Solicitação para o preenchimento de um termo de aceite da pesquisa (informação sobre ética e sigilo das informações)
- Solicitação para a gravação da entrevista

CAMPO 1: Dados pessoais

- 1) Você poderia me informar a sua data de nascimento? (Dia, Mês, Ano)
- 2) Qual sua raça?
- 3) Qual seu nível de escolaridade?
- 4) Cidade de moradia atual.
- 5) Quem mora com você atualmente?
- 6) Tem filhos?
- 7) Qual sua profissão?
- 8) Qual sua religião?

CAMPO 2: A peregrinação sob o olhar do peregrino

- 1) Como você define o peregrino?
- 2) Há quanto tempo você participa da caminhada da fé em honra ao Divino Pai Eterno?
- 3) Como você teve conhecimento dessa peregrinação que é realizada da cidade de Goiânia a Trindade?
- 4) É devoto ao Divino Pai eterno desde quando? Essa devoção, é algo que veio de família? Por que você é devoto deste santo?
- 5) Sua participação na romaria é algo que vem de tradição familiar, ou seja, seus pais/avós já participavam e passaram essa tradição pra você ou não há nenhuma relação?
- 6) Você pretende passar essa tradição para seus filhos? Você já faz isso de alguma forma? Se sim, conte-me um pouco sobre isso.
- 7) O que te motiva à realização da peregrinação, ou seja, qual o principal motivo de você realizar a romaria em louvor ao Divino Pai Eterno?
- 8) Como você e sua família se preparam para virem para a cidade de Trindade-GO? Você poderia contar um pouco como é feita essa preparação/planejamento?
- 9) Como se dá a partida da sua cidade de moradia? É realizada alguma oração antes da viagem ou não? Conte-me um pouco sobre o momento da partida.
- 10) E para a caminhada em si, como você e sua família se preparam para a realização da romaria (caminhada à pé de Goiânia a Trindade)?
- 11) Geralmente, qual o horário que você inicia a peregrinação?
- 12) E, geralmente, quanto tempo você leva para cumprir todo o trajeto da peregrinação?
- 13) Como é o início da peregrinação no portal? É realizada alguma oração antes de iniciar a caminhada da fé?
- 14) Geralmente, para a realização da caminhada, você leva algum tipo de alimento ou usa algum tipo de vestimenta/sapatos em específico?
- 15) Para a realização da caminhada, você carrega consigo algum tipo de artigo religioso (ou representação religiosa)? Se sim, por que? É para cumprir alguma promessa em específico?
- 16) Durante a caminhada, quais são as paradas que você normalmente faz? E geralmente, quanto tempo você permanece nesses pontos de parada até dar continuidade à sua peregrinação?
- 17) Qual a representação que as paradas realizadas na Via-Sacra têm pra você?
- 18) Na sua opinião, você acha que o caminhar da peregrinação estaria relacionado de alguma forma ao caminho percorrido por Jesus? Por que?
- 19) Existe algum ritual específico que você e sua família realizam durante a caminhada da fé? Se sim, poderia comentar sobre esse ritual e o significado de realizá-lo?
- 20) Durante a caminhada, você recebe algum tipo de auxílio por parte de seus familiares/órgão público (motivação para cumprimento da jornada, ajuda médica, com alimentação)? Se sim, conte-me um pouco sobre como são realizados esses tipos de auxílios.
- 21) Quais são as principais dificuldades que você enfrenta em relação ao trajeto de peregrinação?
- 22) De acordo com sua percepção, quais são os melhores momentos da peregrinação? E qual seria o momento mais marcante?
- 23) Na sua opinião, você considera esse espaço destinado à peregrinação (especificamente da cidade de Goiânia à Trindade) como sendo um caminho sagrado? Por que?

- 24) Você tem conhecimento de pessoas de outras religiões que participam da caminhada da fé de Goiânia a Trindade? Se sim, por que você acredita que essas pessoas participam mesmo sendo de outra denominação religiosa?
- 25) De acordo com sua percepção, enquanto peregrino, quais são os tipos de comércios que são encontrados no decorrer da caminhada? Ou seja, o que é comercializado no espaço da peregrinação?
- 26) Você considera alguns desses comércios “profanos” pelo fato de estarem instalados no lugar de realização da romaria? Se sim, quais seriam esses comércios que você considera como sendo profanos?
- 27) O que geralmente você compra ou consome durante a peregrinação?
- 28) No percurso da romaria, você sente ou já sentiu medo de algo durante a caminhada da fé? Se sim, conte-me sobre o ocorrido.
- 29) Você já passou por alguma experiência durante a romaria em que se sentiu mal em decorrência da longa caminhada ou presenciou algum peregrino em situação semelhante? Poderia contar como foi essa situação? Teve auxílio médico?
- 30) Você já passou por alguma experiência de violência durante a caminhada da fé ou presenciou algum peregrino em situação semelhante? Poderia contar como foi o ocorrido?
- 31) Você já presenciou ou tem conhecimento de milagres que se realizaram durante a peregrinação?
- 32) Qual a percepção que você tem em relação ao peregrino que não consegue cumprir a peregrinação? Você já presenciou ou até mesmo já vivenciou alguma situação como essa?
- 33) Caso não tenha vivenciado ou presenciado nenhuma situação parecida, qual atitude você teria caso se deparasse com uma situação como essa, em que o peregrino desistisse de continuar e cumprir com a jornada da peregrinação?
- 34) Existem situações onde os peregrinos conduzem objetos de representação durante a caminhada (Exemplo: levar imagens durante o percurso)? Como você enxerga essa atitude?
- 35) Qual o sentimento que você tem em relação ao cumprimento da jornada da peregrinação? O que o “cumprir a romaria” significa pra você?
- 36) Quanto à questão do corpo, você poderia relatar como é sua situação física quando você chega à cidade de Trindade? (Exemplo: cansaço)
- 37) E nos dias posteriores à caminhada, como é a situação do corpo do peregrino?
- 38) Você realiza algum tipo de pagamento de promessa no Santuário Basílica do Divino Pai Eterno ao final da caminhada da fé? Se sim, poderia dizer como faz esse tipo de cumprimento de promessa? (Exemplo: pessoas que sobem as escadas da igreja de joelhos).
- 39) Qual a percepção que você enquanto peregrino tem em relação à forma como você é recebido na cidade de Trindade-GO? E como você avalia a maneira como você é recebido em Trindade pelos moradores da cidade? Geralmente é bem recepcionado, ou já houve alguma situação que tenha lhe deixado constrangido, ou até mesmo se já presenciou algum peregrino sendo mal recebido pelos moradores da cidade?
- 40) Qual o significado que a Festa em louvor ao Divino Pai Eterno tem pra você?
- 41) Na semana da festa quantos dias geralmente você costuma ficar na cidade de Trindade?
- 42) Nestes dias em que participa da festa, qual a forma que você geralmente se hospeda? É em hotel, acampamentos, casa de amigos que residem na cidade?

- 43) De que forma você enxerga a questão da sacralidade e da profanidade no contexto da festa? Ou seja, existe algum aspecto que você considera sagrado e aspecto que você considere profano no contexto da festa?
- 44) Como você enxerga os outros tipos de comércios (não religiosos) que são praticados no decorrer da festa? (Comércio de produtos diversos). Você acredita ser profano comercializar produtos durante a festa de não sejam de natureza religiosa?
- 45) O que mais chama a sua atenção no contexto da festa?
- 46) Durante a semana da festa, o que você mais gosta de fazer/participar?
- 47) Quais tipos de produtos e/ou comércios que você normalmente consome/compra durante a festa?
- 48) Na sua opinião, durante a festa você acredita ser possível encontrar pessoas que não venham participar por motivos religiosos?
- 49) Como você compara o ser peregrino e o ser turista?
- 50) Você geralmente visita a cidade de Trindade em outros períodos do ano que não sejam na época da festa? Se sim, quais são esses períodos e os motivos da sua vinda?
- 51) Como que você se prepara para retornar de Trindade à sua cidade de moradia?

CAMPO 3 – Território

- 1) Como você vê a questão de terem comerciantes no percurso da romaria oferecendo produtos diversos, como é o caso da oferta de bebidas alcóolicas?
- 2) Durante o percurso da peregrinação, você já foi abordado ou viu alguém ser abordado por comerciantes oferecendo produtos de uma forma mais insistente? Comente sobre essa experiência.
- 3) Você percebe a existência de disputas entre comerciantes por clientes no percurso da peregrinação? Comente.
- 4) Você já presenciou alguma discussão entre comerciantes no percurso da peregrinação? Se sim, comente sobre essa ocorrência.
- 5) Durante a peregrinação, você já foi abordado por pessoas de outras religiões? Se sim, conte como foi essa experiência.
- 6) Durante a peregrinação, você já foi abordado por pedintes pedindo esmolas/dinheiro?
- 7) E no caso, você já se deparou com alguma situação de conflito/brigas entre pedintes no percurso da peregrinação? Se sim, você tem conhecimento sobre os motivos que ocasionaram a existência do conflito?
- 8) De acordo com sua percepção, você acha que existe uma certa disputa por espaços no percurso da peregrinação?
- 9) Quando você chega à cidade de Trindade, especificamente no entorno da Basílica do Divino Pai Eterno, qual a percepção que você tem em relação àquele espaço? Você poderia comentar? Como que ele é? O que tem? Descreva-o.
- 10) Quais são os tipos de comércios existentes em torno da Basílica?
- 11) Você percebe que no espaço em torno da Basílica há certa disputa de comerciantes por clientes? Se sim, de que forma você percebe isso?
- 12) Você já foi abordado ou presenciou alguém sendo abordado por comerciantes em torno da basílica de uma forma mais insistente?
- 13) E em relação aos pedintes, você geralmente é abordado também no espaço da Basílica?
- 14) De acordo com sua percepção, existe disputas entre pedintes no espaço da Basílica?
- 15) De acordo com sua percepção, existe uma certa disputa por espaços entre os grupos que se encontram em torno da basílica? E se sim, de que forma essas disputas podem ser evidenciadas?
- 16) Você já presenciou alguma situação de conflitos e/ou discussões entre grupos em torno da Basílica? (Comerciantes/barraquinhas)

Encerrando a entrevista

- Informar o término da entrevista
- Perguntar se o entrevistado tem alguma outra informação que julga importante e que julgue necessário acrescentar à pesquisa.
- Agradecer a participação do entrevistado

ANEXOS

Figura 8: Santuário Basílica do Divino Pai Eterno



Fonte: Portal Pai Eterno *online* (2020)

Figura 9: Missa de encerramento da Festa do Divino Pai Eterno



Fonte: Duarte (2015)

Figura 10: Desfile dos Carros de Boi



Fonte: Portal Pai Eterno *online* (2019)

Figura 11: Desfile dos Cavaleiros e Muladeiros em Trindade



Fonte: Portal Pai Eterno *online* (2019)

Figura 12: Vila São Cottolengo – Centro Especializado em Reabilitação Física, Auditiva e Intelectual



Fonte: Portal Vila São Cottolengo *online* (2020)

Figura 13: Vila São Cottolengo



Fonte: Vitor Santana/G1 (2018)

Figura 14: Carreilódromo de Trindade



Fonte: AFIPE online (2020)

Figura 15: Carreilódromo de Trindade



Fonte: AFIPE online (2020)

Figura 16: Carreilódromo de Trindade



Fonte: AFIPE online (2020)

Figura 17: Cartaz de divulgação dos shows no Carreilódromo de Trindade durante a Festa em louvor ao Divino Pai Eterno 2019



Fonte: Jornal Opção online (2019)

Figura 18 – Santuário Basílica do Divino Pai Eterno (Julho de 2019) – Festa em louvor ao Divino Pai Eterno



Fonte: Autora (2019)

Figura 19 – Santuário Basílica do Divino Pai Eterno (Julho de 2019) – Festa em louvor ao Divino Pai Eterno



Fonte: Autora (2019)

Figura 20 – Comércio em torno do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno (Julho de 2019) – Festa em louvor ao Divino Pai Eterno



Fonte: Autora (2019)

Figura 21 – Rua em Trindade (Julho de 2019) – Festa em louvor ao Divino Pai Eterno



Fonte: Autora (2019)

Figura 22 – Chegada dos peregrinos à cidade de Trindade (Julho de 2019)



Fonte: Autora (2019)

Figura 23 – Lojinhas do Santuário – Sala 1



Fonte: Portal Pai Eterno (*online*) (2015)

Figura 24 – Lojinhas do Santuário



Fonte: Portal Pai Eterno (*online*) (2015)

Figura 25 – Lojinhas do Santuário



Fonte: Portal Pai Eterno (*online*) (2015)

Figura 26 – Lojinhas do Santuário



Fonte: Portal Pai Eterno (*online*) (2015)

Figura 27 – Lojinhas do Santuário



Fonte: Portal Pai Eterno (*online*) (2015)

Figura 28 – Portal dos Romeiros - saída de Goiânia com destino à cidade de Trindade – GO-060 (Julho de 2019)



Fonte: Autora (2019)

Figura 29 – Via-Sacra no trajeto da peregrinação (Julho de 2019)



Fonte: Autora (2019)

Figura 30 – Romeiros no trajeto da peregrinação (Julho de 2019)



Fonte: Autora (2019)

Figura 31 – Via-Sacra no trajeto da peregrinação (Julho de 2019)



Fonte: Autora (2019)

Figura 32 – Via-Sacra no trajeto da peregrinação (Julho de 2019)



Fonte: Autora (2019)

Figura 33 – Ponto de apoio aos Romeiros no trajeto da peregrinação (Julho de 2019)



Fonte: Autora (2019)

Figura 34 – Chegada dos romeiros na cidade de Trindade – Portal de Trindade (Julho/2019)



Fonte: Autora (2019)

Figura 35 – Imagem do Divino Pai Eterno no Portal de Trindade - Chegada dos romeiros (Julho/2019)



Fonte: Autora (2019)